

José Arantes Junior

*Lao Tsé e
os cinco Poetas
da dinastia Tang
em sonetos*

Real Academia de Letras
Porto Alegre (RS)
2012

REAL ACADEMIA DE LETRAS

Mário Pacheco Scherer – Editora
Rua Dom Pedro II, 903 – Conj. 203
Porto Alegre/ RS – CEP 90550-142
Telefone (51) 3342-8906
Cel. Editor: (51) 8489-0532
e-mail : escritoresbrasileiros@gmail.com
EDITOR:
Mário Scherer

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Arantes Junior, José

**Lao Tsé e os cinco poetas da dinastia Tang
em sonetos / José Arantes Junior. – São Paulo :
Ed. do Autor – 2012.**

**1. Filosofia chinesa 2. Filósofos - China
3. Poesia chinesa 4. Poetas chineses 5. Taoismo
I. Título**

12-10963

CDD-181.11 – 895.1

Índices para catálogo sistemático:

**1. Filosofia chinesa em sonetos – 181.11
2. Poetas chineses – 895.1**

Impresso no Brasil
2012

Lao Tsé



Tei gi



Wang Wei



Li Po



Tu Fu



Li Ho



Li Shang Yin



Lao Tsé e os cinco poetas da dinastia Tang em sonetos

José Arantes Junior

PREFÁCIO

Arantes Junior se qualificou como um dos grandes poetas de nossa atualidade por ter criado a Pedra Filosofal da Poesia da Alquimia. Através desta nova Escola, onde a simetria dos sonetos é rigorosa, com trinta e seis toques em cada verso, e, onde além das rimas perfeitas, observa-se a importância dos temas escolhidos pelo autor, que já tem editado, nesta nova Escola poética, livros como tradução dos 154 sonetos de W. Shakespeare, Confúcio em sonetos, Heráclito o Obscuro Iluminado, e Alquimia Literária, onde expõe, em centenas de sonetos de primorosa qualidade, a nova Escola, em um leque de assuntos tais como Contrários em Parábolas e Ilações, Contrários no Mundo Hídrico, na Astronomia, no Mundo Vegetal, Esoterismo, Medicina, Gênese Universal, e tantos outros. Esta abordagem de assuntos variados - que nos impressiona pela cultura multifacetada do autor - tem um objetivo básico nas ambições do poeta e médico Arantes Junior: o aspecto didático; levar ao público leitor, aos estudantes de diversos graus, aos dedicados professores, uma ferramenta mais acessível na construção do conhecimento e da cultura. E é esta a certeza que norteia um poeta que já escreveu milhares de sonetos, sempre com a preocupação de, através da rima, tornar assuntos de difícil compreensão, facilitados pela atração do ritmo poético, em que a beleza dos versos não deslustre, nem por um momento, a profundidade dos assuntos abordados.

Acreditando que é possível se estudar assuntos como Medicina, Física, Matemática, Filosofia e Religião, Arantes Junior escreveu vários livros tais como Tratado de Gastroenterologia, em estrofes, Novo Testamento, em sonetos, Sócrates, em sonetos - que será o próximo lançamento deste autor já consagrado-, além de Matsuo Bashô, em sonetos, O Livro dos Faraós, em estrofes, Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Tomás Antônio Gonzaga, reescritos dentro deste estilo, O rico

opulento e o mendigo Lázaro, escrito em prosa, além dos Sonetos Triangulares.

Esta gama impressionante de assuntos clássicos é abordada dentro da Escola da Alquimia Literária, deste autor, sempre com o objetivo maior da facilitação do aprendizado, além do prazer que a leitura destes clássicos nos proporciona na forma de belos e bem elaborados sonetos.

Nos esclarecimentos introdutórios deste livro, o autor nos mostra, em poucas e belas palavras, o que aqui estamos tentando informar ao público leitor, quando afirma:

A poesia sempre se expressará como uma escrita interessante e bela a elaborar raciocínios descritivos dentro de um formato poético que normalmente se distingue da descrição em prosa pela beleza e pelo encantamento que se consegue por intermédio da pena dos bons poetas.

Estamos todos de parabéns, editor, alunos, professores, leitores que apreciam o belo e o culto.

Mário Scherer - escritor e editor

Lao Tsé - Histórico

Lao-Tsé viveu no 6º século a. C. e passou a metade de sua vida, em torno de 40 anos, na corte imperial da China como historiador, bibliotecário e orientador. Ao longo dos vários sonetos do presente livro, pode-se ver por transparência dedutiva a íntima relação que Lao-Tsé tinha com a situação política do império chinês de sua época.

Os comentários de Lao-Tsé em relação ao governo da China imperial, faz lembrar os governos que existiram na Europa feudal e os comentários do autor levava a se apontar os descabros existentes naquele meio social e as possíveis correções que deveriam ser adotadas por parte dos dirigentes que detinham o poder nas mãos.

Em várias outras citações deste livro, Lao-Tsé mergulha na profundidade da essência metafísica do Cosmo procurando o elo de coerência entre o Universo, os seres humanos e o Tao ou a Divindade Criadora.

Em muitas citações de muitos capítulos pode-se comprovar que Lao-Tsé estabeleceu um curso para o desenvolvimento de sua filosofia que muito se assemelhou ao curso estabelecido por outros filósofos ocidentais como é o caso um tanto similar dos filósofos gregos.

O filósofo grego que mais denominadores comuns apresentou com o místico pensador chinês Lao-Tsé, indiscutivelmente foi Heráclito de Éfeso, pois pode-se ver que a coexistência dos contrários é um denominador comum bastante expressivo nas filosofias de ambos os pensadores contemporâneos daquele mesmo século 6º a. C., e enquanto Heráclito imaginava um Fogo eternamente vivo acendendo-se e apagando-se segundo medidas como fonte geradora do Cosmo, Lao-Tsé imaginava o Tao como Fonte eternamente borbulhante e ao mesmo tempo dono do Abismo Insondável de onde se originam todos os seres que existem no cosmos.

Outro denominador comum entre Lao-Tsé e Heráclito de Éfeso é a vida de eremita que ambos passaram a levar depois de uma certa idade, aproximadamente por volta da metade de suas vidas.

Heráclito de Éfeso recusou um cargo de honra na corte do rei Dario da Pérsia para viver a sua vida de eremita nas colinas da antiga Jônia e Lao-Tsé, ao abandonar a corte do império chinês, para viver sozinho na condição de eremita aos 40 anos de idade, também segue este caminho tão curioso dos filósofos.

Homem de meia idade, Lao-Tsé abandonou a corte imperial e retirou-se, como eremita, para a floresta, onde viveu a segunda metade de sua vida, estudando, meditando e auscultando uma silenciosa voz de intuição cósmica e deixou o fruto de suas abrangentes reflexões e meditações transcritos no presente livro.

Finalmente, com cerca de 80 anos, Lao-Tsé cruzou a fronteira ocidental da China e desapareceu sem deixar nenhum vestígio de sua vida a posteriori.

Ao cruzar a fronteira, encontrou-se com o guarda da divisa que lhe pediu um resumo de sua filosofia, ao que Lao-Tsé lhe entregou um pequeno manuscrito contendo a essência do atual Tao Te King.

O conteúdo deste livro revela 81 capítulos sintéticos apresentados na forma de aforismos, muitas vezes de forma paradoxal e por isso mesmo, lembrando o estilo do filósofo grego Heráclito de Éfeso que os apresentava com a significativa denominação de fragmentos.

Lao-Tsé em quase meio século de silêncio e solidão, deve ter auscultado a “Voz do Infinito”, deve ter sintonizado a “Alma do Universo” e tentou exprimir em conceitos mentais e em palavras a sabedoria ultra reflexiva e transcendental que havia assimilado.

Lao-Tsé foi contemporâneo de outro filósofo chinês Kung-Fu-Tsé (latinizado Confúcius) o qual elaborou uma filosofia moral e social que não vai além do plano horizontal da vida de cada ser humano, mas influenciou sobremaneira a vida do povo chinês, enquanto que Lao-Tsé elaborou uma filosofia de grande verticalidade e por isso mesmo distanciando-se bastante da compreensão mediana da população. A filosofia de Lao-Tsé também se assemelha muito com a metafísica mística da Índia.

COMPARAÇÕES ENTRE LAO TSÉ E OS CINCO POETAS DA DINASTIA TANG

Mais de 1.200 anos separam a mente lúcida de Lao Tsé dos poemas dos cinco poetas da dinastia Tang e é possível ver as grandes diferenças de conceitos entre eles.

Quem analisa intelectualmente os aforismos de Lao-Tsé pode se sentir constrangido pela abrangência imponderável de seus conceitos, mas quem o sintoniza com a sutileza da intuição, poderá auscultar juntamente, quem sabe, a “Voz do Infinito” ou a “Alma do Universo”.

Lao Tsé é um daqueles mega gênios que só podem ser identificados nas várias sociedades no intervalo de muitos séculos e até mesmo de milênios.

A mente dos grandes gênios se diferenciam sobremaneira da mente dos seres humanos que se podem considerar como sendo tão somente inteligentes, pois ao contemplarmos a amplitude que se delineia na essência do pensamento de um gênio temos a impressão de estar perscrutando o próprio universo infinito.

Paralelamente quando passamos a ver e a analisar as mentes de homens inteligentes, que neste caso aparecem na sociedade até em grande número, e muito mais frequentemente, já não nutrimos essa sensação de estar contemplando um universo com todos os seus mistérios imponderáveis, no máximo estaríamos diante de uma grande fazenda com o fluxo de um rio em seu interior, quem sabe até uma cachoeira e alguns lugares cheios de vegetais que poderiam despertar uma certa curiosidade sobre o que poderia viver em seu habitat, mas todas as possibilidades estariam dentro das especulações cabíveis à uma fazenda e nem de longe guardariam semelhança com a amplitude cósmica que o gênio despertaria em sua expressão.

Lao Tsé é um destes gênios que arrebatam aqueles que entram em contato com os seus misteriosos e abrangentes aforismos, porque traz um pensamento tão profundo que não é possível ler uma vez só e ficamos assim viajando sempre num cosmo interminável, contemplando constelações de pareceres maravilhosos e super novas metas de vida para o nosso cotidiano agora algo embebecidos.

A diferença é bastante evidente quando se compara a amplitude mental de um gênio com a amplitude mental de uma pessoa simplesmente inteligente e para se comprovar quão diferente é o raciocínio de um em relação ao outro eu resolvi colocar no mesmo livro os sonetos que fiz a respeito de Lao Tsé em comparação com os sonetos que elaborei sobre os cinco poetas da dinastia Tang que são: Wang Wei, Li Po, Tu Fu, Li Ho, e Li Shang Yin, cinco homens visivelmente inteligentes, mas se comparados com o gênio Lao Tsé ficam simplesmente relegados à condição de meros candidatos a aprendizes no mundo do conhecimento.

Wang Wei é um pouco mais antigo que Li Po e a sua poesia é mais voltada para as particularidades do dia a dia das pessoas sem os grandes arroubos de sensibilidade que Li Po consegue em seus poemas, todavia Wang Wei faz uma interessante alusão ao mitológico dragão chinês.

Li Po dentre os cinco poetas da dinastia Tang visivelmente se destaca dos demais com uma poesia que arrebatava pela sensibilidade muito bem colocada entre os personagens mencionados em sua escrita e ele também se destaca pela visível expansão de sua imaginação que sai do cenário terrestre e vai até os limites da lua e engloba até mesmo as vastas proporções da via láctea.

Tu Fu ressalta a espontânea amizade que existia entre ele e Li Po mas faz uma poesia mais restrita ao seu meio ambiente e relacionada com a vida no palácio de nobreza, faz também uma alusão às escamas do mitológico dragão e depois, já mais no final de sua vida, ele descreve a sua choupana e os percalços referentes ao difícil convívio com os ardilosos meninos de sua vizinhança.

Li Ho já se destaca um pouco mais do que Tu Fu e a sua mente interpreta as transformações sazonais nos diferentes meses do ano e faz também um jogo de palavras explorando metáforas que se relacionam também com o tradicional dragão chinês e redige ainda uma interessante descrição das sacerdotisas que lidavam com o além em suas reuniões como foi descrito em dois diferentes sonetos.

Li Shang Yin é o último dos poetas da dinastia Tang e a sua poesia não é tão clara quanto a dos

demais e frequentemente antes da conclusão de uma ideia, outra já se faz presente no mesmo texto, ele também faz muitas menções à mitológica ave fênix em seus poemas. Por outro lado mostra o seu frágil perfil humano em relações afetivas proibidas no ambiente palaciano.

O gênio é atemporal e os seus ensinamentos costumam se eternizar ao longo do tempo e assim é Lao Tsé cujos ensinamentos possuem cerca de 2.500 anos e mesmo assim é como se ele tivesse escrito tudo aquilo ainda ontem.

Podemos tomar as palavras emitidas por um gênio, como é o caso de Lao Tsé, tais como verdadeiras sinalizações luminosas a nos orientarem numa caminhada dentro da escuridão dos caminhos de erros da humanidade, o dia a dia se tornaria menos tumultuoso se passássemos a nos orientar com as suas luzes de conhecimento.

Paralelamente nós não podemos tomar as palavras de homens apenas inteligentes como por exemplo eram os cinco poetas da dinastia Tang: Wang Wei, Li Po, Tu Fu, Li Ho, e Li Shang Yin como referências luminosas para servirem de balizas intelectuais orientadoras de outros seres humanos, porque por mais originais que fossem os versos de Wang Wei eles não teriam as mensagens dos pensamentos de Lao Tsé, por mais sensíveis que fossem os versos de Li Po ainda assim ele se deixava dominar pelos excessos alcoólicos, por mais verdadeiras que fossem as descrições de Tu Fu ainda assim ele se perdia em seu apego pelas suas pequenas posses, por mais singelas que fossem as descrições de Li Ho ainda assim se percebia o orgulho de ser poeta escolhido pela dinastia Tang e finalmente por mais fidedigna que fosse a escrita de Li Shang Yin, não eram fidedignas suas condutas dentro dos limites do palácio, pois cultivava ações que precisavam permanecer ocultas.

Enquanto que diante de um gênio como Lao Tsé precisamos de nos esforçar para compreender, para em seguida assimilar para depois, quem sabe, praticar os seus elevados ensinamentos, nos escritos deixados pelos homens inteligentes nem se torna necessário se esforçar bastante para entender o que estão expressando e em muitos casos

precisamos até mesmo de evitar as suas condutas para não comprometermos o verdadeiro senso de evolução.

A poesia sempre se expressará como uma escrita interessante e bela a elaborar raciocínios descritivos dentro de um formato poético que normalmente se distingue da descrição em prosa pela beleza e pelo encantamento que se consegue por intermédio da pena dos bons poetas.

Wang Wei, Li Po, Tu Fu, Li Ho, e Li Shang Yin escolhidos pela dinastia Tang para o cultivo da arte poética em seus domínios palacianos, naturalmente eram indivíduos de sensibilidade desenvolvida e de inteligência comprovada que sabiam lidar com o manejo das palavras e assim nós vamos comprovar que mesmo traduzindo os seus raciocínios para outras línguas a beleza e o encantamento de seus versos continuam a nos impressionar.

Justamente neste estágio de apreciação da mente humana é que podemos e devemos estabelecer os paralelos de comparação entre os homens inteligentes e os verdadeiros gênios como era o caso de Lao Tsé.

Os homens inteligentes são capazes de nos impressionar com suas metáforas cultivadas em poemas que mesmo traduzidos para outras línguas continuam exercendo um interessante fascínio; já os gênios pela sua capacidade de expansão mental e de síntese literária conseguem sair do plano humano de descrições para se projetarem num plano algo divino de apreciação do comportamento humano.

Os homens inteligentes escrevem cultivando a beleza e a harmonia de suas alusões, mas ao mesmo tempo podemos perceber juntamente as suas falhas humanas como a limitação de seus conceitos, a bebida alcoólica, o apego às suas posses, a vaidade e até mesmo ao cultivo da luxúria.

Os verdadeiros gênios como é o caso de Lao Tsé, que já são bem mais difíceis de se encontrar no dia a dia, elaboram raciocínios que não se destacam apenas pela beleza e pela harmonia das palavras e sim pela coerência de seus raciocínios que chegam até a convidarem os diferentes seres humanos para uma vida onde o cultivo da retidão, da verdade, do bom senso e da ética se tornem referenciais que deverão nortear a evolução diária do ser humano.

INTRODUÇÃO

Os chineses não escrevem com letras tal como utilizamos nos alfabetos das várias línguas ocidentais, todavia usam ideogramas para expressar ideias, assim não há uniformidade ou correspondência literal nas palavras quando se tenta traduzir as diferentes frases usando as particularidades de nossos símbolos alfabéticos.

Tao significa o Absoluto, o Infinito, a Divina Essência, a Suprema Realidade, o Onisciente, a Inteligência Cósmica, a Vida Universal, a Consciência Invisível, o Ser Insondável, etc. O Tao nunca poderia ser representado por um indivíduo, ou por uma pessoa, como Deus costuma ser representado nas teologias ocidentais.

Te pode ser traduzido ou interpretado como sendo o caminho, a diretriz, a revelação, a meta, a ascensão ou ainda, de forma complementar, a evolução.

King refere-se a livro, escrito e documento.

Tao Te King pode ser traduzido por: “O livro que leva à Divindade”, “O livro que revela Deus” ou “O livro que revela o caminho de evolução para Deus”.

A superlativa elasticidade de um ideograma oriental se contrapõe em relação à mecanicidade rígida de um vocábulo ocidental, assim a ideia de conjunto de uma frase escrita com os valores orientais sempre será fiel ao discernimento original do que àquilo que cada palavra pretenderia dizer na realidade das línguas ocidentais.

A alma oriental tem uma visão de conjunto mais abrangente do que a alma ocidental e a diferença que existe entre a abrangência do ideograma e a mecanicidade restrita do vocábulo ocidental já é por si só um reflexo desta íntima diferença entre estes dois povos, assim se um oriental chega numa praia ele incorporará com mais facilidade os mistérios da amplidão de todo o oceano em sua mente, enquanto que um ocidental chegando na mesma praia já prestaria a atenção nas particularidades próprias da mesma, tal como: se ela está limpa, se o local é bom para se

tomar sol, se é propriedade particular de alguém, se alguém esqueceu algum objeto de valor naquele local etc.

Esta diferença fundamental entre o oriental e o ocidental fez com que os povos orientais cultivassem com mais facilidade os benefícios de uma meditação pois ela é abrangente e projeta a imaginação ao ilimitado enquanto a pessoa medita deixando o seu íntimo se expandir.

Paralelamente, uma pessoa ocidental não é dada a meditações e tal como a mecanicidade dos vocábulos que emprega em seu vocabulário ela também é levada a enxergar as particularidades minuciosas que a cercam e isto inevitavelmente torna o ocidental um pesquisador bem mais capacitado para analisar as coisas materiais tornando-se consequentemente muito mais materialista.

É bem mais fácil para um indivíduo oriental imaginar um Tao insondável como uma energia cósmica imponderável e abrangente do que para um ocidental, que por sua vez, já tenderia a pretender restringir o Tao numa pessoa ou ainda num ser que ele ao menos hipoteticamente pudesse presumir a sua forma dentro da matéria tal como Zeus, Júpiter e tantos outros seres mitológicos a mais.

A Energia Invisível, que é Imponderável, Insondável e Incognoscível do Tao permeando o Universo sem fim, girando pelo Todo como se fosse um Nada, como uma forma sem forma tem mais ressonância na mente de um homem oriental enquanto que o ocidental necessitaria de restringi-lo em alguma forma material pré-concebida.

O Universo poderia, a grosso modo, até ser comparado com uma moeda e assim o verso da moeda seria o correspondente à vida na matéria e o reverso desta moeda seria correspondente à vida no mundo invisível, porém a moeda é um todo único e uma só; assim, na união do verso e do reverso da mesma vida (tanto da matéria quanto do mundo invisível) é que se distinguem os cenários necessários para a evolução do ser humano no Universo.

Assim, o Tao teria a matéria apenas como uma materialização de sua Energia Primordial para se edificar o cenário ou o palco da vida na matéria e o Tao estaria circulando pelo cenário energético materializado,

como um Todo (em termos de consciência), mas ao mesmo tempo como se fosse um Nada (em termos materiais), para observar e avaliar os homens na intimidade de suas ações, preservando-lhes a liberdade de ação e conseqüentemente conhecendo a cada um e ainda reservando o verdadeiro equilíbrio para o reverso da moeda ou seja para a vida do mundo invisível, mas “somente o sábio sabe que não há morte”, tal como Lao-Tse escreve no capítulo 50.

Esta maior capacidade que o oriental possui para a visão em abrangência de todo o conjunto faz com que ele tenha mais sensibilidade para perceber o “reverso da moeda”, ou seja a vida existente no mundo invisível com toda a sua realidade mística que está oculta aos olhos dos materialistas, mas aberta àqueles que possuem esotérica capacidade para uma meditação mais profunda.

Esta capacidade para a apreciação da moeda como um todo único, com verso e reverso, leva o oriental a perceber que o reverso da moeda acaba sendo muito mais importante do que o verso, visto que a vida na matéria é mesmo bastante instável e passageira e assim as leis de ação e reação desenvolvidas no “verso da matéria” teriam que necessariamente serem compensadas, por uma questão de justiça proveniente da Divindade, no “reverso do mundo espiritual invisível”, para atingirem um justo equilíbrio.

A consciência de que o Universo é um todo único e indissolúvel apesar de apresentar um “verso da matéria” e um “reverso do espírito” acabou emprestando a característica mística, esotérica ou hermética tão típica ao povo indiano, que visivelmente se preocupa mais com as “leis de reação do reverso do mundo dos espíritos” do que com as “ações aqui no verso da matéria”.

A capacidade de percepção da vida material existindo no “reverso do mundo espiritual” fez com que o povo indiano não apresentasse uma competitividade muito expressiva para se conseguir as coisas materiais e por isso mesmo, aos olhos dos povos materialistas, trata-se apenas de um “povo atrasado” que não acumula bens materiais.

O materialista diz com uma certa empáfia: “Eu só acredito no que eu vejo”, evidentemente isto nunca

será uma demonstração de inteligência, pois existem muitos aspectos invisíveis na vida e, nem por isso, irrealis, como por exemplo as ondas lineares que mesmo sendo completamente invisíveis produzem os sons de um rádio que impressionam ativamente o sentido da audição ou as ondas circulares de televisão que mesmo sendo invisíveis trazem em seu bojo imagens virtuais até mesmo de coisas gigantescas como de colinas ou de um oceano ou até do ilimitado cosmo com os seus bilhões de estrelas, planetas e luas e mesmo sendo invisíveis enquanto avançam pelo ar atmosférico elas geram imagens bem delineadas no aparelho de televisão; ou ainda as emanações mentais que representam os pensamentos de cada ser humano, eles são invisíveis e inaudíveis para os outros seres humanos, todavia são bem reais.

Um ser humano elaborando um pensamento invisível pode provocar efeitos bem visíveis, por exemplo, se pensar (logicamente numa ação invisível) em uma refeição bastante saborosa, produzirá um efeito visível em si mesmo na forma de salivagem, se tiver pensamento de recordação invisível de algum episódio que lhe gerou raiva ou desgosto poderá ficar nervoso novamente de modo bem visível, se tiver um pensamento invisível de um episódio triste poderá perceber lágrimas em seus olhos ou até mesmo chorar de forma intensa com sentimentos atuais bem reais, se pensar de maneira invisível em alguma situação bem engraçada poderá até mesmo começar a rir sozinho dando a impressão aos outros até de que não está muito bom do juízo e tantas outras situações a mais onde um pensamento invisível pode provocar reações bem visíveis em si mesmo e nos outros.

O homem ocidental tem muita dificuldade para acreditar no “reverso do mundo espiritual” justamente porque os seus olhos de matéria não o estão enxergando e isto faz com que ele procure viver intensamente a vida na matéria antes que ela se acabe porque aí será o fim de tudo aquilo em que ele crê, isto é, o que os olhos podem ver.

Há males que vêm para bem, deste modo, a cegueira de um ocidental em relação ao “reverso do mundo espiritual” faz com que ele procure pesquisar a matéria com bastante mais atenção e então acaba decifrando com mais

propriedade os enigmas que existem na intimidade deste mundo material, isto é, a energia concentrada.

Não se deve esquecer de que mesmo que se possa detectar algum bem no mal, antes de tudo, o mal continua sendo mal e assim o ocidental com a sua cegueira espiritual se desenvolve na matéria com armas belicistas sofisticadas, sendo corrupto na política, manipulando as palavras e as vidas dos outros, pervertendo os costumes éticos, escravizando uma parcela da população na medida do possível e escarnecendo o alheio de maneira grotesca fomentando o adultério e outras luxúrias justamente por não ter capacidade para entender que terá que prestar contas de suas ações no “reverso do mundo espiritual”.

Paradoxalmente aqueles que se preocupam demasiadamente com o reverso destas reações que serão vivenciadas no mundo espiritual acabam errando também, pois deixam de pesquisar diferentes e interessantes mistérios que existem em inusitada dinâmica no mundo material.

Portanto a conduta ideal seria encontrar um referencial de bom senso e de coerência para que se pudesse cultivar no mesmo indivíduo estes dois valores humanos tão contrários, polarizados e distanciados entre si.

A diferença da visão abrangente que o ser humano oriental normalmente apresenta também é vista de forma natural no pensador Lao-Tsé, assim ele numa extensa visão panorâmica mental escreve no capítulo 66 que os rios correm para os vales, porque procuram os lugares baixos; enquanto que o inglês Isaac Newton, tal como observador de minúcias, já prestou atenção com sua acuidade ocidental na queda de uma maçã e daí elaborou a lei da gravidade.

A rigor é melhor que não se negligencie nem a capacidade de visão abrangente de um oriental e nem a capacidade de elucidar minúcias do ocidental, pois as duas formas de visão são apenas capacidades diferentes que um mesmo cérebro pode e deve ter na dinâmica da evolução.

Um ser humano terá adquirido a verdadeira maturidade de sua mente quando souber se desenvolver na matéria tal como um ocidental e ao mesmo tempo souber respeitar melhor o próximo como faz um oriental.

Lao Tsé - Características

Lao Tsé nasceu em Teo Gyn na China, o seu nome significa velho mestre e ele escreveu o Tao Te King, o caminho que leva à divindade, como um roteiro místico de disciplina para nortear o comportamento do ser humano.

Este expressivo pensador chinês tinha uma imaginação simplesmente imensurável, que era capaz de pregar a renúncia e a humildade como amálgamas para a felicidade e ao mesmo tempo de visualizar o imperecível Espírito da profundidade que gera os homens e as formas na natureza para poder perpetuar a vida na eternidade.

Enquanto os homens meramente inteligentes se aperfeiçoam em lutar contra os outros e vencer significa vencer os outros num suposto confronto ou disputa, Lao Tsé ensina ao homem lutar contra si mesmo, isto é, lutar contra os próprios defeitos ou limitações de comportamento.

Lao Tsé mergulha na intimidade de cada ser humano para delinear seus impulsos e suas limitações, suas potencialidades e suas fragilidades e deixa o Tao Te King como um livro que serve de referencial para disciplinar as virtudes no âmago de cada individualidade pensante.

Colocamos no soneto 33 valores que sugerem o cultivo da sabedoria: Inteligente é quem conhece os outros e sábio é quem conhece a si mesmo, forte é quem vence um duro confronto e poderoso é quem não se guia a esmo, firme é quem vive com autodisciplina, eterno é quem supera a ação da morte para viver a vida no mundo invisível.

Colocamos no soneto 27 outras verdades que Lao Tsé escreve com síntese genial: “Quem caminha bem não deixa rasto, quem dialoga bem não faz conjectura, quem calcula bem não usa sinal gasto e quem fecha bem dispensa fechaduras. O pensador sugere que o ser humano se diferencie na vida para se tornar sábio, mas ele também deixa ressaltado o que colocamos no soneto de número 24.

Assim, o pensador escreve: “Quem se levanta na ponta dos pés não pode se aguentar por muito tempo e

quem abre as pernas demais não pode andar corretamente, quem se ofusca na luz, não pode luzir, quem doa valor a si não é valorizado, quem se exalta não poderá se redimir, quem venera a si mesmo não será louvado”. Lao Tsé escreve estas verdades que colocamos no soneto número 24 para que o ser humano jamais abra mão da humildade e da brandura no seu constante processo que evolução mental. Assim, se por um lado o ser humano deve se tornar um sábio, ao mesmo tempo ele deve se tornar humilde e brando.

Fizemos ainda o soneto número 28 na língua portuguesa a partir das ideias que o filósofo chinês expressa com suas raras palavras reveladoras: Um iluminado prefere permanecer no escuro para que sua flama possa ser genuína e a sua luz interior ilumina também o futuro. O sábio teve simplicidade em seu coração e espalhou sua luz para cada cidadão e as pessoas viram o Tao e sua ordem. Pelo sábio, alguns homens são disciplinados, graças a eles o mundo será iluminado, o poder ígneo vem de dentro do homem.

Lao Tsé visivelmente quer disciplinar o ser humano para que o conjunto constituído pela humanidade possa estabelecer uma sintonia verdadeira e luminosa com o Tao e assim colocamos no soneto 29 o que ele escreveu: Diz a antiga experiência que o mundo não pode ser plasmado pela violência, que ele possui o espiritual profundo e que só se plasma com sua consciência. Decretar ordem utilizando só a força é criar só a desordem em contraposição, querer ensinar fazendo a mesma coisa é destruir a capacidade de adaptação. Ao sábio não interessa a força usada e ele não pretende ser dominador de nada, visto que a violência é um caminho errado. Lao Tsé complementa com as palavras que colocamos no soneto 32: O Tao é invisível apesar de seu teor o mundo não compreende sua abordagem, se conhecessem o seu valor as pessoas lhe prestariam homenagens, o céu e a terra teriam uma boa união para fazer descer um bendito orvalho, os homens viveriam na paz da criação e então não mais se tornariam falhos. Quando o Tao assume sua forma imaginária pode ser identificado como luminária, mas o ser humano precisa vencer a sua limitação e é se disciplinando pelo Tao Te King que conseguirá alcançar esta condição.

ÍNDICE

LAO TSÉ

- 005. Prefácio
- 007. Lao Tse - Histórico
- 009. Comparações entre Lao Tsé e os cinco poetas da Dinastia Tang
- 013. Introdução
- 018. Lao Tsé - Características
- 028. Pedra Filosofal da Poesia da Alquimia
- 031. A essência do cosmo
- 032. A ambivalência da unidade
- 033. Agir pelo não agir
- 034. A origem transcendental
- 035. O vazio energético
- 036. O seio intangível e imortal
- 037. A lei cósmica da realização
- 038. O dom da serenidade
- 039. A lei da ação e do limite
- 040. O homem, criança perante o Tao
- 041. A força do invisível
- 042. A lei da moderação
- 043. O dom de servir desinteressado
- 044. A essência da Divindade
- 045. O dom da profundidade
- 046. O dom da tolerância
- 047. A liderança moderada
- 048. A falta de sintonia com o Universo
- 049. O dom da ética genuína
- 050. A diferença do homem espiritual
- 051. A origem das atualidades
- 052. O dom da versatilidade
- 053. O dom da sintonia
- 054. A virtude da moderação
- 055. A origem da vida e dos seres
- 056. O dom da tranquilidade
- 057. União do saber com a caridade

- 058. O poder ígneo do homem
- 058. O dom de plasmar o mundo
- 060. O ritmo da evolução
- 061. A rejeição às armas
- 062. Sintonia entre homens e Tao
- 063. Os valores íntimos
- 064. A humildade prestativa
- 065. A auscultação ao Tao
- 066. A força da fragilidade
- 067. O Tao como fonte de harmonia
- 068. Dons profundos e superficiais
- 069. A força da unidade
- 070. A origem de Tudo a partir do Nada
- 071. O iluminado perante o mundo
- 072. O rebaixado será exaltado
- 073. A força do rebaixado
- 074. Ser e ter na evolução
- 075. Os equívocos do mundo
- 076. O desprendimento e a paz
- 077. A compreensão interior
- 078. A ação da não-ação
- 079. A expansão das emoções
- 080. A invulnerabilidade da razão
- 081. A autenticidade da Divindade
- 082. Controle das forças íntimas
- 083. O caminho interior leva ao Tao
- 084. As gradações evolutivas
- 085. A plenitude do ser
- 086. A harmonia da sabedoria
- 087. A ordem dinamizada pelo sábio
- 088. Renúncia é a base da felicidade
- 089. Serenidade sintonizando o Tao
- 090. A serenidade diante do mal
- 091. O poder da receptividade
- 092. Procurai e achareis
- 093. Os paradoxos das ações
- 094. A verdadeira liberdade
- 095. As leis íntimas do coração
- 096. A profundidade como amparo

- 097. Três valores sagrados
- 098. A força da harmonia pessoal
- 099. A força da prudência
- 100. A verdade vinda da Divindade
- 101. O conhecimento da ignorância
- 102. A consciência dos limites
- 103. O Tao age sem violência
- 104. A verdadeira justiça
- 105. Sofrimento pela exploração
- 106. Os contrastes da vida
- 107. Princípios dos homens e do Tao
- 108. O poder da adaptação
- 109. Fraternidade sem ressentimento
- 110. A felicidade pela liberdade
- 111. A riqueza da doação
- 114. Encontro de Confúcio com Lao Tsé
- 116. Considerações de Confúcio
sobre Lao-Tse
- 118. Lao Tsé usou um búfalo como condução
- 123. Tei-Gi - Características
- 125. Tei-gi (O círculo da vida) -I
- 126. Tei-gi (O círculo da vida) -II

WANG WEI

- 129. Wang Wei - Características
- 131. Um dia de primavera na fazenda
- 132. Observando a caçada
- 133. À secretária Su
- 134. Noite de outono nas montanhas
- 135. Caminhando nas montanhas na chuva
- 136. Final de primavera: Sr. Yen e seus amigos
- 137. Minha cabana na colina Chungnam
- 138. A primavera no jardim

- 139. Vendo a neve e pensando em Hermit Hu – I
- 140. Vendo a neve e pensando em Hermit Hu – II
- 141. Passando pelo templo de perfume acumulado – I
- 142. Passando pelo templo de perfume acumulado - II
- 143. Retornando à minha cabana - I
- 144. Retornando à minha cabana - II
- 145. Circulando um pântano

LI PO

- 149. Li Po - Características
- 152. Os raios brancos do luar
- 154. Combate ao sul da muralha - I
- 155. Combate ao sul da muralha - II
- 156. Chuva de lágrimas
- 158. O vento da primavera
- 160. Ao longo dos álamos
- 162. Sob a lua branca
- 163. Encontros na via láctea
- 164. Esplendor da lua
- 165. A lua de hoje e de outrora
- 166. Uma flauta de jade
- 167 . Rosa vermelha
- 168. Despedida de amigos
- 170. O cavaleiro e o letrado
- 171. Uma beldade no caminho
- 172. No rico festim
- 173. O novo e o antigo
- 174. Prazeres do palácio
- 176. Colheita de lótus
- 177. Sinceridade entre amigos
- 178. Diálogo na montanha
- 179. O viajante dos mares
- 180. As flores soltas
- 181. Canção das cabeças brancas

182. Caminhando pela bruma
183. Canto do vento nos pinheiros
184. Fidelidade
186. Lembranças
187. Melancolia dos degraus de jade
188. Garça branca
189. Ramos do salgueiro
190. Baile no palácio azul
192. Duas flautas
193. Canção da tristeza
194. Igualdade diante da natureza
195. Ruínas de Su Tai
196. Ao amigo Wang Luen
198. Um dia de primavera
199. A lua de outono
200. Pássaros migratórios
202. Caracteres eternos
203. Nanquim
204. A dança dos deuses
205. A dançarina meio embriagada
206. A volta da felicidade
208. Três mil donzelas
209. O pavilhão de porcelana
210. O pescador
211. Aos pés da montanha
212. Canção do rio
213. A noite e a solidão
214. Fim da tristeza
215. Brisa da primavera

TU FU

219. Tu Fu - Características
222. Poema de Tu Fu a Li Po – I
223. Poema de Tu Fu a Li Po – II

224. Os ramos do cipreste
225. Os raios oblíquos do sol
226. Almofadas de seda
227. No terraço do norte
228. A mesma lâmpada
229. Depois de vinte anos
230. O perfume do passado
231. Os últimos crisântemos
232. A porta Han Kuan
234. A porta de anil
236. O ditoso vale e Kuan
238. Modesto pincel
239. Lagoa de Kuan Ming
240. Casamento de apreensão
241. Tomada de consciência
242. Renúncia aos valores
243. A surpresa do retorno
244. Recordando o passado
245. Conversa entre amigos
246. Canções na madrugada
247. O rio das gaivotas
248. Ao redor da aldeia
249. A saúde conjugal
250. Conflito patriótico
251. Egoísmo e injustiça
252. Fidelidade e insensibilidade
253. Transparência e participação
254. Ruínas palacianas
255. Estertores do passado
256. Tristeza e descontracção
258. Reflexos do coração
259. Transitoriedades da felicidade
260. A casa da infância
261. Decepção e afeição
262. Visita aos anciões
263. Carência na agricultura
264. O vento do outono
265. Infância e velhice

266. Adversidade estabelecida
267. Um sonho de construção

LI HO

271. Li Ho - Características

DOZE POEMAS SOBRE OS MESES

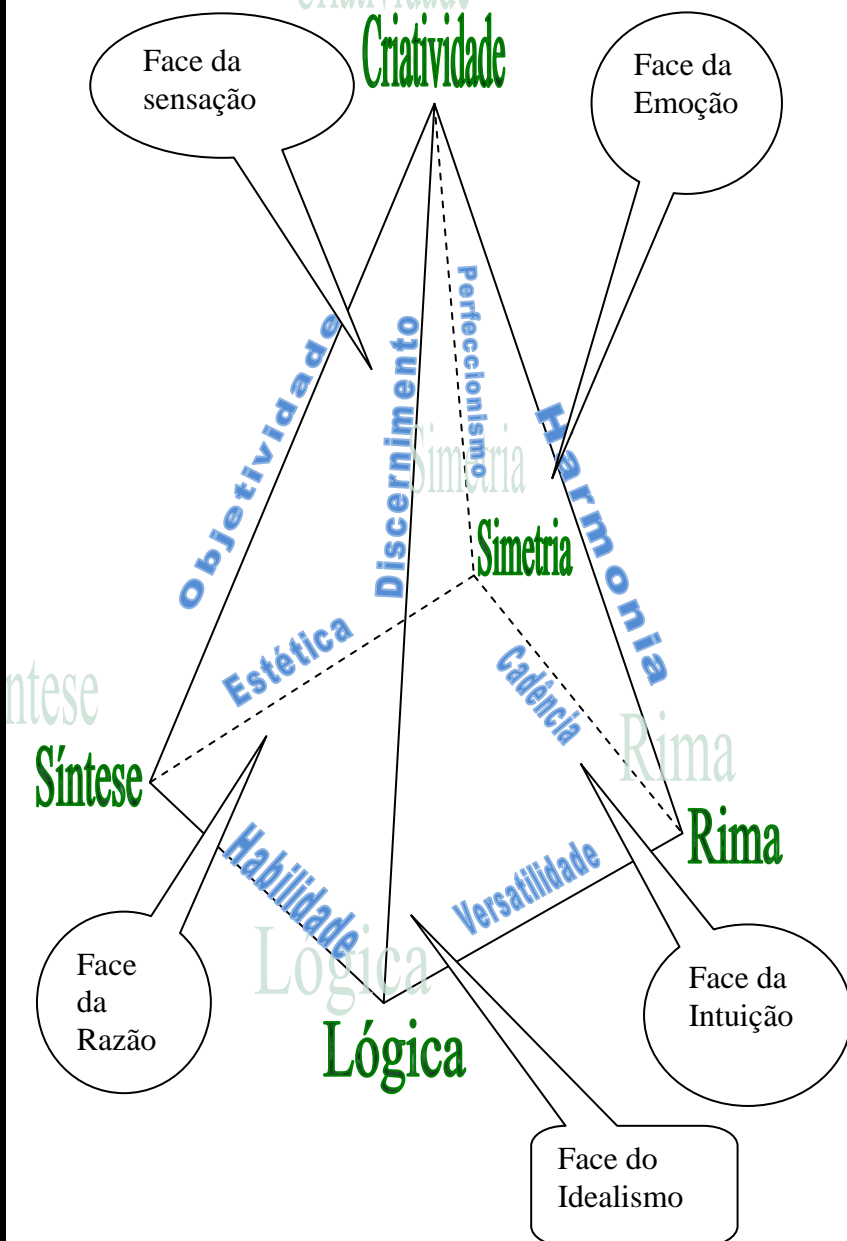
274. Primeira lua (Março)
275. Segunda lua (Abril)
276. Terceira lua (Maio)
277. Quarta lua (Junho)
278. Quinta lua (Julho)
279. Sexta lua (Agosto)
280. Sétima lua (Setembro)
281. Oitava lua (Outubro)
282. Nona lua (Novembro)
283. Décima lua (Dezembro)
284. Décima primeira lua (Janeiro)
285. Décima segunda lua (Fevereiro)
287. A grande canção – I
288. A grande canção – II e III
289. A grande canção – IV
290. Entre ruínas
291. A canção do biombo
292. Meditação
293. Alvorada na cidade da pedra – I
294. Alvorada na cidade da pedra – II
295. Cordões mágicos – Ia
296. Cordões mágicos – Ib
298. Cordões mágicos – IIa
299. Cordões mágicos – IIb
300. Procurando marca em campo de batalha – I
301. Procurando marca em campo de batalha - II
303. Procurando marca em campo de batalha – III
304. Uma bela moça penteia seu cabelo – I

306. Uma bela moça penteia seu cabelo – II
307. Uma bela moça penteia seu cabelo – III

LI SHANG YIN

311. Li Shang Yin - Características
313. Cheiro de almíscar
314. Vértices mágicos
315. Ave Fênix
316. Princesa Li Yang
317. Encontro e separação
318. Pássaro azul
319. Juventude
320. Primavera
321. Loucura lúcida
322. Lágrimas do melro
323. Botões por desabrochar
324. Os fios do coração
325. Chuva noturna
326. Entre as flores
327. Escrito nas paredes de um mosteiro
328. A dor da primavera
329. Escrever em pétalas
330. A pérola da madrugada
331. Folhas de lótus
332. Estudo sobre magia
334. O alaúde embutido
335. Crepúsculo do coração
336. Mensagem ao secretário Ling Hu
337. A deusa da lua
338. Mística reflexão
339. Vida pobre e honesta
340. Flores caídas
341. Pensamentos no tempo frio
342. As folhas da canela
343. Chuva na primavera

Pedra Filosofal da Poesia Alquímica



SONETOS

DE LAO TSÉ



Lao Tsé - CHINA - (604 – 531 a. C.)

LAO TSÉ DESENVOLVE IDEAIS ILUMINADOS
PARA UNI-LOS AO COMPORTAMENTO HUMANO,
PARA SUBSTITUIR OS ERROS DEGENERADOS
E A COMPREENSÃO MELHORAR O SEU PLANO.

1. A ESSÊNCIA DO COSMO

O Insondável Tao, que se pode sondar,
não é o verdadeiro pendor Insondável,
um Incalculável que se pode calcular,
não traduz o plenamente Incalculável;

no Inominável está a origem do cosmo,
o que é nominável, é a mãe dos seres,
o ser evidencia a Fonte do que somos,
o existir nos leva a muitos afazeres;

ser e existir são a tração do porvir,
a real diferença entre ser e existir
está apenas nos nomes que conhecemos;

misterioso é o fundo desta realidade
e misteriosa é a força desta Unidade,
eis em que consiste um saber supremo.

2. A AMBIVALENCIA DA UNIDADE

Só conhecemos a influência da beleza
quando notamos a feiúra inversamente,
só conhecemos a bondade, com certeza,
quando vemos a maldade paralelamente;

portanto ser e existir são similares,
fácil e difícil têm sua relatividade,
grande e diminuto são complementares
e alto e baixo são uma mesma unidade;

som e silêncio têm mesmo complemento,
passado e futuro são etapas do tempo
e o sábio realiza tudo e nada espera;

ele não ambiciona nada por princípio,
acaba a obra e está sempre no início
e por isso mesmo a sua obra prospera.

3. AGIR PELO NÃO AGIR

Não exaltes os homens mais eminentes
para não ter rivalidade na população,
não mostres teus tesouros reluzentes
para que no povo não surja a ambição;

não fomentes cobiça pela mesma razão
e as almas não sofrerão infelicidade,
o governo do sábio não leva à paixão
porém preserva o povo com sobriedade;

o governo não lhe oferece a erudição
todavia, dá-lhe a cultura do coração
e dá-lhe ainda as coisas necessárias;

o sábio governa por meio do não-agir
e tudo fica em harmonia até o porvir
pois a ordem tem sintonia imaginária.

4. A ORIGEM TRANSCENDENTAL

O Tao é a Fonte do profundo silêncio
que o uso não torna gasto nem imundo,
é como a vacuidade de aspecto imenso,
é origem de todas as forças do mundo;

ele desafia as mentes dos pensadores,
desfaz os enganos pela reciprocidade,
ele funde, em uma só, todas as cores
e une todas as variadas diversidades;

ele é origem do silêncio e do porvir,
por sua sabedoria, age pelo não agir,
e cada ser se acerta depois que erra;

não sabe sua origem nenhum dos seres,
porém é o gerador de todos os deuses,
bem como de todos os homens da Terra.

5. O VAZIO ENERGÉTICO

O Universo não tem suas preferências
as coisas são iguais na razão de ser,
assim, o sábio não obtém referências
como os variados homens costumam ter;

o cosmo é como fole de forja natural
que, embora vazio, doa a sua energia,
tanto mais alimentamos a chama vital
quanto mais acionamos a sua sintonia;

quanto mais falamos no real Universo
menos o entendemos, em senso inverso,
portanto, é preferível uma meditação;

o melhor é auscultá-lo pelo silêncio
porque de tão profundo e tão extenso
só pode ser sentido com a imaginação.

6. O SEIO INTANGÍVEL E IMORTAL

Imperecível o Espírito da profundidade
como um Seio profundo de maternidade,
que gera homens e formas na natureza
perpetuando sim a vida na eternidade;

tanto os céus quanto o planeta Terra
radicam no seio desta Mãe Espiritual,
cuja abrangência de saber nunca erra
preservando a vida de modo magistral;

tanto os céus quanto a Terra vigente
traduzem a origem dos seres viventes,
mas este Espírito é a origem inicial;

os seres vivos têm ação desenvolvida
então espontaneamente brotam da vida
pela interseção deste Espírito Vital.

7. A LEI CÓSMICA DA REALIZAÇÃO

Eternos são o céu e a Terra em união
porque não são mesmo auto-existentes,
porque se radicam na alma da Criação
que, além deles mesmos, é Onipotente;

esta é a razão da eternidade vigente
e assim é o sábio que não age a esmo,
quando não é nocivamente ego-vivente,
quando não se interessa por si mesmo;

um sábio se realiza de forma natural
pois não cuida de seu ego individual
e por isto o seu eu até gera divisas;

seu desinteresse o liberta da tensão
e esta é a lei cósmica da realização:
só um desinteressado se auto-realiza.

8. O DOM DA SERENIDADE

A vida é assim como a água excedente
que se adapta no nível mais inferior,
que os homens desprezam naturalmente,
não se opõe a nada e serve com valor;

vida não exige nada como complemento
pois a sua origem é da Fonte Imortal,
o pensador não tem desejos de dentro
e nem tem exigências do corpo carnal;

o homem sábio é prestativo em se dar
e semelhantemente é sincero ao falar,
suave no conduzir e sempre admirável;

é poderoso porque age com vitalidade
porém, ele também age com serenidade
e por isso um sábio é incontaminável.

9. A LEI DA AÇÃO E DO LIMITE

Só se pode encher o vaso até a borda,
então uma gota a mais será excedente,
não se deve nem afiar uma faca torta
e logo testar o corte apressadamente;

não se deve possuir pedras preciosas
sem ter lugar seguro para as guardar,
quem é rico possui regalias valiosas
mas, não sabe quando deve se limitar;

o rico não reconhece a sua limitação
e por se considerar dono da situação,
atrai sua própria desgraça e sua dor;

quem faz grandes coisas humildemente
e delas não se envaidece nocivamente
realiza em si mesmo seu céu interior.

10. O HOMEM, CRIANÇA PERANTE O TAO

O vital poder do Espírito da Criação
e a coesão de suas Forças Interiores,
preservam a vida de nociva dispersão
mantendo os seus inequívocos valores;

assim, um homem se torna uma criança
glorificando sempre sua divina visão,
purificando a sua vida com esperança
e avança pelas veredas sem aberração;

quem possui uma verdadeira sapiência
não necessita da erudição da ciência
e sabe gerar criações mais comovidas;

não guarda os valores em frivolidade,
sabe atuar sem se apegar à atividade
e nisto se nota o equilíbrio da vida.

11. A FORÇA DO INVISÍVEL

Trinta raios convergentes num centro
possui uma roda de um moinho em ação,
mas, só os vazios entre os elementos
é que facultam sua real movimentação;

o oleiro faz vasos com argila na mão,
mas, é o oco deles que tem utilidade,
paredes são massas com portas e vãos
e o vazio entre elas tem praticidade;

assim também são as coisas materiais
que sempre parecem ser as principais,
mas, mostram sua labilidade no final;

o valor principal está no metafísico,
como vida invisível agindo no físico,
proveniente da Viva Fonte Espiritual.

12. A LEI DA MODERAÇÃO

O excesso de luz cega o dom da visão,
um excesso de som ensurdece o ouvido,
muito condimento desatina a gustação,
o ímpeto da paixão afeta os sentidos;

a ambição do impossível lesa a ética,
assim, o sábio determina em sua alma
a medida para a prática com estética
e desenvolve as suas ações com calma;

o sábio tem a medida para cada coisa,
ele calcula a distribuição de forças
e sua obra tem feição característica;

para o sábio cada fato que é visível
é só seta apontando para o invisível
pois a lógica das ações é metafísica.

13. O DOM DE SERVIR DESINTERESSADO

O favor e o desfavor geram ansiedade
honras geram dissabores para o homem.
Por que dissabores ou contrariedades?
Porque atingem a intimidade da ordem!

Quem espera favor paira na incerteza,
naturalmente sem saber se o receberá,
quem recebe favor também com certeza
não sabe se devidamente o conservará;

um dissabor vem de um fato intuitivo:
um homem é um ser pensante e emotivo,
e é impossível satisfazer sua paixão;

o homem deve se tornar mais liberado,
pois quem quer servir desinteressado
é merecedor do Vivo Reino da Criação.

14. A ESSÊNCIA DA DIVINDADE

Quem quer ver a Divindade não a verá,
porque a Divindade única é invisível,
e quem quer ouvir o Tao não o ouvirá,
porque a Divindade única é inaudível;

só na visão do todo está a Divindade,
a superfície parece ter só escuridão,
a profundidade parece ter luminosidade
e não está ao alcance da compreensão;

o Tao permeia o Universo sem paradas,
gira pelo todo como se fosse um nada,
a Divindade é como a forma sem forma;

só quem percebe o infinito tem noção
de que cada visível tem sua aparição
vinda dum Invisível que o transforma.

15. O DOM DA PROFUNDIDADE

Os velhos mestres eram identificados
com forças do Cosmo na interioridade,
a grandeza e o poder estavam ligados
na dinâmica de sua curiosa atividade;

tal como barqueiros que cruzam o rio,
como pessoas circundadas de inimigos,
que, no inverno, se protegem do frio,
como o gelo que se derrete no abrigo;

autênticos tal como cerne de madeira,
amplos como vales abertos na ribeira
e impenetráveis como as águas do mar;

Insondável também é a viva sabedoria
e só sintoniza a sua Divina harmonia
quem seguir mesmo se tudo lhe faltar.

16. O DOM DA TOLERÂNCIA

Quem se ergue às alturas sem desejos
enche de completo silêncio o coração,
ainda que as turbas com vis gracejos
assaltem o homem isento de corrupção;

ele habita num silêncio bem profundo
contemplando com incrível serenidade
o duro vai e vem que existe no mundo,
que forma as peripécias da realidade;

quem não compreende é autor de males
e quem é amplo como a alma dos vales
alarga a emoção e se torna tolerante;

ele segue a ordem cósmica da Criação,
identifica-se com o Tao da Perfeição
e não se subjaz em curso irrelevante.

17. A LIDERANÇA MODERADA

A presença de um bom chefe de estado
será sentida pelo povo como ausência,
os maiores são amados e até louvados
e os mediócrs não obtêm deferências;

se um soberano confia numa população,
a população confia nele inversamente,
soberanos sensatos mostram moderação
em ações e em palavras conjuntamente;

o que eles executam é bom e coerente
desempenham a sua tarefa normalmente
e mantêm a estabilidade da sociedade;

porém, o povo tem a nítida impressão
de se guiar a si mesmo por convicção,
experimentando sensação de liberdade.

18. FALTA DE SINTONIA COM O UNIVERSO

Moralidade e direito foram iniciados quando o homem deixou de se conduzir com a sintonia do Universo Ilimitado permitindo que o mal pudesse existir;

com a tirania do aspecto intelectual começou-se uma tamanha insinceridade, perdeu-se a noção do lado espiritual e a vida conheceu a superficialidade;

foi decretada uma autoridade paterna e a obediência dos filhos na caserna deixou a família com aspecto militar;

ao morrer a consciência da população arvorou-se uma autoridade na direção e deixou na sociedade um elo similar.

19. O DOM DA ÉTICA GENUÍNA

De mil benefícios goza uma população
quando se troca fala por praticidade,
quando a lógica e o amor em evolução
nascem como por encanto na sociedade;

a ordem não reina no social restrito
onde só o interesse determina o agir,
esses equilíbrios não são prescritos,
todavia devem ser vividos no existir;

somente quando também são praticados
é que auxiliam os homens equivocados
a experimentarem um meio de correção;

a ética genuína tem melhor horizonte
se o homem viver dentro de sua fonte
agindo só pela pureza de seu coração.

20. A DIFERENÇA DO HOMEM ESPIRITUAL

Renunciai à vossa sabedoria pretensa
e todos os problemas se solucionarão,
oh! quão diminuta parece a diferença
entre a alma do sim e a força do não;

é pequeno o critério entre bem e mal,
como é tolo não respeitar as pessoas,
porque todos merecem respeito afinal,
oh! dura solidão que me oprime à toa;

todo mundo vive em vultosos prazeres
como se fosse festa sem fim de seres
e somente eu me encontro bem isolado;

apenas eu sou diferente da população,
e no entanto, sossega oh meu coração,
tu vives no seio da Mãe do Ilimitado.

21. A ORIGEM DAS ATUALIDADES

A norma suprema para melhor conduzir
está em se conduzir no Poder Supremo.
E como um Poder Supremo deveria agir?
Nós, como seres humanos, não sabemos!

como incognoscível e incompreensível
ele descortina as forças espirituais,
movimenta energias de modo plausível,
porém insondável para nós os mortais;

o Poder Supremo traz em sua amplidão
as sementes embrionárias da evolução
e das sementes brotam eventualidades;

elas nasceram das forças primordiais
e as sementes dinamizando potenciais
são a origem de todas as atualidades.

22. O DOM DA VERSATILIDADE

O que é imperfeito será bem perfeito,
o que é curvo será reto em elegância,
o que é vazio será cheio, com efeito,
e onde há carência haverá abundância;

onde há plenitude haverá a vacuidade,
se algo se destrói, algo tem geração,
e assim é um sábio com versatilidade
encerrando em si a bênção da Criação;

ele não pensa em si por simplicidade,
porém ele é superior às adversidades
e por não ter desejos é invulnerável;

há bastante verdade no antigo ditado:
quem se amolda é forte e equilibrado,
esta é a meta maior da vida sociável.

23. O DOM DA SINTONIA

Quem pouco fala tem uma correta ação
em todos os episódios que participar,
e não se apavora quando ruga o tufão
porque sabe que não tardará a passar;

sabe que chuva não vem o dia inteiro,
que Céu e Terra sofrem transformação,
se tudo é tão instável ou passageiro
como não seria um ser humano em ação?

o que interessa é a atitude interior
de adaptar-se num silêncio comovedor
e de obter um dom voltado para o bem;

quem sintoniza a Virtude do Infinito
se harmoniza com o seu Poder Bendito
e recebe Virtudes do Infinito também.

24. A VIRTUDE DA MODERAÇÃO

Quem se levanta na ponta de seus pés
não pode se agüentar por muito tempo,
e quem abre as pernas por demais até
não pode andar direito ou a contento;

quem se ofusca na luz não pode luzir,
quem doa valor a si não é valorizado,
quem se exalta não poderá se redimir,
quem se venera a si não será louvado;

tais atos são rejeitados logicamente,
rejeita-os também, oh homem sábio,
por seus elos com os dons da Criação;

quem conhece o teor de sua dignidade
na sintonia do Infinito da Divindade
se abstém de tais atos por moderação.

25. A ORIGEM DA VIDA E DOS SERES

Nas dimensões da Insondável Amplitude
existia o Incognoscível e Divino Ser,
antes que tudo conhecesse a formação
antes que a matéria pudesse aparecer;

Imóvel e até sem formas cognoscíveis,
o vácuo, o nada e sem noção de tempo,
era como berço de todos os possíveis,
para além das palavras e pensamentos;

era o Tao, origem sem nome nem forma,
esta grandeza que a todos transforma
a Fonte Viva eternamente borbulhante;

Fonte do que é e do que está por vir
formando o ciclo do Ser e do Existir,
tornando a vida curiosa e importante.

26. O DOM DA TRANQUILIDADE

Quem de boa índole carrega o difícil
leva um menos difícil com facilidade,
quem conserva uma quietude plausível
é Senhor da inquietude com dignidade;

por isto o sábio leva de boa vontade,
o dom de sua jornada terrestre ativa,
e nunca se deixa iludir na realidade
por novas deslumbrantes perspectivas;

trilha com dignidade e tranquilidade
o seu caminho solitário por lealdade
à evolução que deve fomentar no meio;

já um leviano de comportamento banal
que se derrama pela vida superficial
degenera os seus dons e os do alheio.

27. A UNIÃO DO SABER COM A CARIDADE

Quem caminha direito não deixa rasto,
quem conversa bem não faz conjectura,
quem calcula bem não usa sinal gasto
e quem fecha bem dispensa fechaduras;

assim é o sábio com os seus sentidos
pois sabe sempre ajudar a humanidade,
porque para ele ninguém está perdido
e sabe aperfeiçoar tudo na realidade;

o sábio ajuda um ser menos realizado,
colaborando com o Saber do Ilimitado,
para a fartura de Seu Divino Vinhedo;

quem não age assim é algo inclemente
e ignora a cultura genuína existente,
isto encerra em si um grande segredo.

28. O PODER ÍGNEO DO HOMEM

Do homem forte, com a sua virilidade,
com a delicada feminilidade em união,
brotam as boas origens da humanidade,
pois aqui estão as fontes da Criação;

um iluminado prefere ficar no escuro
para que sua flama possa ser genuína,
pois sua luz ilumina também o futuro
e não o deserदारão as forças divinas;

o sábio teve simplicidade no coração
e espalhou sua luz para cada cidadão
e as pessoas viram o Tao e sua Ordem;

pelo sábio, homens são disciplinados,
graças a eles o mundo será iluminado,
o poder ígneo vem de dentro do homem.

29. O DOM DE PLASMAR O MUNDO

Diz a antiga experiência que o mundo
não pode ser plasmado pela violência,
que ele possui o Espiritual profundo
que só se plasma com sua consciência;

decretar ordem utilizando só a força
é criar só desordem em contraposição,
querer ensinar fazendo a mesma coisa
é destruir a capacidade de adaptação;

uns devem seguir, outros devem parar,
uns devem clamar, outros devem calar,
uns são fortes, outros são escorados;

ao sábio não interessa a força usada
e não pretende ser dominador de nada,
pois a violência é um caminho errado.

30. O RITMO DA EVOLUÇÃO

O soberano que sintoniza a Divindade
não tenta dominar usando a violência,
pois sabe que a violência na verdade
recairia sobre a própria consciência;

campos de batalha só medram espinhos,
guerras só geram angústias e miséria,
por isto o sábio segue o seu caminho
sem armas e sem contenda muito séria;

ele não conhece glória e nem ambição
não fomenta nenhum tipo de presunção,
não tem poder e faz o que deve fazer;

um sábio conhece o ritmo da evolução,
sabe que tudo falha numa contradição
e nela todas as ilusões irão perecer.

31. A REJEIÇÃO ÀS ARMAS

Armas são instrumentos para querelas
que o bendito homem correto despreza,
quem já tem o Tao não se serve delas,
ao nobre, só a benevolência se preza;

todas as armas só trazem calamidades
e o homem correto rejeita a sua ação,
a paz e o sossego são as prioridades
que nutrem as emoções de seu coração;

a real sabedoria traz a paz e o amor,
a estultícia traz ódio, guerra e dor,
a ilusão do direito traz a violência;

e deve-se viver conforme a realidade,
ilusão e direito geram agressividade,
verdade e justiça geram benevolência.

32. SINTONIA ENTRE HOMENS E TAO

O Tao é invisível apesar de seu teor
o mundo não compreende sua abordagem,
se soberanos conhecessem o Seu valor
as pessoas lhe prestariam homenagens;

o Céu e a Terra teriam uma boa união
para fazer descer um bendito orvalho,
os homens viveriam na paz da Criação
e então não mais se tornariam falhos;

quando o Tao assume forma imaginária
pode ser identificado como luminária,
mas existe a limitação do ser humano;

entre impossível e possível coerente
entre os regatos e os lagos vigentes,
grandes torrentes deságuam no oceano.

33. OS VALORES ÍNTIMOS

Inteligente é quem conhece os outros
e sábio é quem conhece a si mesmo,
forte é quem vence um duro confronto
e poderoso é quem não se guia a esmo;

ativo é quem trabalha mesmo bastante
com uma vontade deveras desenvolvida,
rico é quem se faz mais interessante
e que sabe viver contente com a vida;

firme é quem vive com autodisciplina
que controla o íntimo como determina
a essência de um bom senso plausível;

eterno é quem supera a ação da morte
que ainda transforma a própria sorte
para depois viver no mundo invisível;

34. A HUMILDADE PRESTATIVA

Oh divino Tao, em Ti está o conjunto
em Ti está a força de todos os seres,
Tu não Te recusas a ninguém no mundo
e Tu até nutres a todos várias vezes;

tudo fazes avançar, servidor da vida,
Tao, Tu jamais Te vanglorias de nada,
pequeno pareces a quem sempre duvida
de Tua Insondável grandeza sublimada;

grande porém és Tu, de quem tudo vem,
e para quem tudo sempre volta também
e nunca Te arvoras num ego dominador;

assim também é um sábio sempre ativo
realizando coisas de modo prestativo,
sem se ufanar de seu verdadeiro teor.

35. A AUSCULTA AO TAO

Quem acorda em si as bênçãos da vida
efetua a sua íntima essência pessoal,
e nela fica com energia desconhecida
gerando paz e uma maturidade natural;

a música e o teatro atraem o leviano,
mas quem se interessa pelo Tao Vital?
O dia a dia dos vários seres humanos
deixa neles uma sabedoria artificial;

não basta ver para também enxergá-lo,
não basta ainda ouvir para escutá-lo,
pois o Tao não tem valor superficial;

mas quem sabe auscultá-lo dignamente
descobre a plenitude do Tao na mente
e se identifica com o aspecto filial.

36. A FORÇA DA FRAGILIDADE

Para diminuir alguém apropriadamente
deve-se mesmo primeiro engrandecê-lo,
para enfraquecer alguém analogamente,
deve-se também primeiro fortalecê-lo;

deve-se vivamente primeiro exaltá-lo
para que algo ainda se possa receber,
deve-se até em primeiro lugar doá-lo
para que depois se leve a amadurecer;

o fraco, flexível e até mesmo tímido
é mais forte do que o forte e rígido,
o peixe só vive em suas dependências;

assim somente pode o chefe de Estado
usando só os poderes a ele delegados,
dominar adequadamente sem violências.

37. O TAO COMO FONTE DE HARMONIA

O Tao não age em direto envolvimento
e por este não-agir tudo tem atuação,
se chefes tivessem este entendimento
todas as coisas teriam real evolução;

se as pessoas tivessem desejos puros
o Tao os satisfaria com simplicidade,
assim, elas se uniriam ao bem seguro
que provem naturalmente da Divindade;

e assim quem se liga ao Uno profundo
não tem desejos levianos deste mundo
e onde não há desejos há uma boa paz;

onde há a paz e a bendita serenidade
tudo é harmonia com muita felicidade
e o homem também se torna mais capaz.

38. DONS PROFUNDOS E SUPERFICIAIS

Quem vive nas profundezas do seu ser
nada sabe da verdadeira virtuosidade,
mas, dele espontaneamente vão nascer
íntimas forças da vida com dignidade;

quem vive na superfície de sua calma
não pode fazer brotar dons profundos,
quem vive só nos abismos de sua alma
desconhece até a moralidade do mundo;

quem substituir só pela inteligência,
o dom do coração com sua abrangência,
é pessoa que se equivocou como boçal;

um sábio bebe água da Fonte Nascente
e não de alterados canais existentes,
transcende-os e vai à origem natural.

39. A FORÇA DA UNIDADE

Toda pluralidade se firma na unidade,
esses dois são um voltado para o bem,
o Céu é bom pois só há uma Divindade,
a Terra é firme pois é uma só também;

as faculdades espirituais são ativas
pois são dons que traduzem a unidade,
e toda hegemonia tem sua perspectiva
pois é uma unidade em potencialidade;

os sábios sabem que toda a sabedoria
se firma na simplicidade em harmonia,
e até o que é alto, no que é pequeno;

soberanos que têm correta apreciação
se consideram só servos da população,
pois o seu poder se apóia no terreno.

40. A ORIGEM DE TUDO A PARTIR DO NADA

Tudo que existe provém do Ser Divino
e regressa ao mesmo Ser inversamente,
e o Ser é o Tao Insondável e Genuíno
que escapa à noção de qualquer mente;

das profundezas deste Ser Insondável
nascem todos os seres aqui presentes,
é uma origem de valor inquestionável
que nos abriga do nascente ao poente;

este Ser sempre foi o dono do porvir
e ainda do seu abismo do Não-Existir,
como Senhor de Tudo a partir do Nada;

portanto, ao longo das variadas eras
mesmo se considerarmos novas esferas
a vida terá a mesma origem sublimada.

41. O ILUMINADO PERANTE O MUNDO

O sábio, se tem o Tao ou a Divindade,
busca realizá-lo em sua própria meta,
quem ainda vacila com vil leviandade
só às vezes trilha a estrada correta;

quem fala em sabedoria porém é surdo
não levará a sério a sua compreensão,
e se o Tao não lhe parecesse absurdo
não seria o Tao de infinita amplidão;

quem é iluminado de um modo profundo
parece até escuro aos olhos do mundo,
sem bom caráter e pouco interessante;

quem progride no mundo interiormente
parece ser até imprestável e demente,
quem é paciente parece ser ignorante.

42. O REBAIXADO SERÁ EXALTADO

Do Tao veio o um e do um veio o dois,
do dois veio três e dele veio vários,
toda a vida surgiu da treva e depois
veio a luz tal como ígneo lampadário;

a essência da vida une duas virtudes
nenhum homem deseja ser um solitário,
ou ser insignificante de vil atitude,
assim a relação é um elo prioritário;

reis sabem que este mistério passará,
o baixo será exaltado e o alto cairá,
e tudo se dá em prol da boa harmonia;

quem age egoisticamente pelo seu ser,
está morto até mesmo antes de morrer,
é o ponto inicial da minha filosofia.

43. A FORÇA DO REBAIXADO

O amolecido vence o muito endurecido
e o vácuo também penetra a plenitude,
e se até o endurecido será amolecido
o tempo modificará todas as atitudes;

nisto se revela uma poderosa atuação
que é bem característica do Não-agir,
e poucos homens na terra tem a noção
que esta boa expressão leva a sentir;

existe segredo na lição sem palavras
enquanto a condição errada se agrava
para a posterior correção a contento;

este é o poder do agir pelo Não-agir
que leva o ser humano a bem refletir
almejando evolução ao longo do tempo.

44. SER E TER NA EVOLUÇÃO

O que vale mais: meu nome ou meu ser?

O que é mais meu: posses ou essência?

O que é mais importante para crescer:
lucros ou perdas em minha existência?

Quem prende seu coração só à matéria
está preso sem chances de libertação,
quem quer ter tesouros, terá miséria,
pois é pobre possesso com alucinação;

quem vive satisfeito, buscando o bem,
só é feliz com os satisfeitos também,
e quem respeita o limite não é vilão;

isto origina a verdadeira serenidade,
de dentro vem a humana tranqüilidade
e por fora se demonstra com evolução.

45. OS EQUÍVOCOS DO MUNDO

Quem quer perfeição em suas atitudes
parece imperfeito para sua sociedade,
embora também a sua oculta plenitude
preencha todas as opostas vacuidades;

quem possui uma plenitude verdadeira
é inesgotável por mais que se esgote,
e quem anda direito da mesma maneira
parece sempre torto para quem o note;

grande habilidade parece inabilidade,
arte genuína parece até mediocridade,
mas a ação aquece o frio lá no fundo;

a quietação vence as forças do calor,
o que é puro e reto, com o seu valor,
sempre orientará as pessoas do mundo.

46. O DESPRENDIMENTO E A PAZ

Quando a humanidade vive em harmonia
cavalos puxam o arado e ninguém erra,
quando ela renega a lei da sabedoria,
os cavalos se preparam para a guerra;

não há mesmo pecado maior nesta vida
do que um excesso de nociva ganância,
e não existe maldade mais envilecida
do que querer até além da abundância;

não existe maior desgraça ou excesso
do que a imprudente mania de sucesso
e a ambição que conduz aos desastinos;

quem se contenta só com o necessário
não vê no dia a dia o seu adversário,
um desprendimento pacifica o destino.

47. A COMPREENSÃO INTERIOR

Para conhecer a Terra com veracidade
não é necessário caminhar pelo mundo,
e sem olhar a janela com curiosidade
posso conhecer os segredos profundos;

quanto mais longe alguém for divagar
menor será o seu saber paralelamente,
o sábio, sua sabedoria, vai alcançar
sem erudição e sem viagem igualmente;

ele atinge a sua meta de compreensão
sem esforço e usando só a imaginação,
porém, vai além do espaço e do tempo;

ele termina a sua jornada meditativa
sem quaisquer viagens por iniciativa,
só pela ausculta e pelo entendimento.

48. A AÇÃO DA NÃO-AÇÃO

Conhecedor quer conhecer sempre mais
quem se une ao Tao por livre vontade,
conhece cada vez menos fatos sociais
e não deseja nada só pela sagacidade;

acaba não fazendo nada para mudanças
e graças ainda a este não-fazer-nada
tudo é feito por meio de sua pujança,
e a realidade pode ser reestruturada;

um reino se constrói apropriadamente
pelo não-fazer-nada de modo coerente,
assim, a ação surge com naturalidade;

seguindo a meta hipotética contrária
seria atacado na ação revolucionária
de fazer muito mas por contrariedade.

49. A EXPANSÃO DAS EMOÇÕES

O sábio não tem seu coração estreito
pois ele sente as emoções dos outros,
sabe ser bom com uns amigos do peito
e é bom mesmo com quem tem confronto;

pois em sua pessoal e íntima atitude
só se permite demonstrar benignidade,
é honesto com quem tem suas virtudes,
porém também com quem tem rapacidade;

ele vive mais retirado habitualmente
mas sua vida está aberta socialmente
a todos os homens com nobre eqüidade;

e os olhos e os ouvidos em anonimato
ainda se voltam para ele estupefatos,
mas ele vê seus filhos na humanidade.

50. A INVULNERABILIDADE DA RAZÃO

A transmutação do Ser para o Existir
chama-se adequadamente de nascimento
vindo do Existir, o Ser vai se remir
no ato da morte ou do desprendimento;

três entre dez se apegam em prazeres,
três entre dez os alcançam ao morrer,
três entre dez se apegam em afazeres,
e apenas o sábio sabe como bem viver;

nas peregrinações de seus horizontes
ele não teme tigres nem rinocerontes
e passa no meio da luta sem armadura;

para inimigos ele é mesmo inatacável
porque o sábio é sempre invulnerável,
pois não há morte em sua vida futura.

51. A AUTENTICIDADE DA DIVINDADE

Do abismo do Tao sempre nasce a vida
e é mantida pelo poder da vitalidade,
vivida na materialidade desenvolvida
e completada pelo senso de liberdade;

faz as flores crescerem na primavera,
faz o fruto ser bem nutrido no verão,
amadurecer no outono, como se espera,
e no inverno leva a seiva até o chão;

e este é o mistério da autenticidade
que sobrevive por Valor da Divindade
e para que a vida possa se preservar;

o Tao faz tudo sem nenhuma pretensão,
Ele serve à vida sem nenhuma ambição,
e promove a tudo sem desejar dominar.

52. CONTROLE DAS FORÇAS ÍNTIMAS

O Tao é como o seio materno do Cosmo
quem conhece mãe, sente-se com sorte,
e até vive a vida da mãe, como somos,
e nem vê detrimento na sina da morte;

quem refreia os seus ígneos sentidos
e conserva as suas forças iluminadas,
não se esgota num caminho pervertido
e quem é fútil tem a força dissipada;

quem sabe que é centelha é iluminado,
quem sabe ser maleável é equilibrado,
e não se perde na luta da existência;

quem segue a luz interior como fanal
não sucumbirá à morte e será imortal,
quem tem essência não quer aparência.

53. O CAMINHO INTERIOR LEVA AO TAO

Orientar-se pelo Tao é saber genuíno,
mas, os homens querem afã dispersivo,
o caminho interior leva até o Divino
mas, eles preferem o percurso nocivo;

reis mandam nos palácios com talento,
enquanto os campos jazem sem cultura,
celeiros estão vazios e sem alimento
e o egoísmo compromete a vida futura;

gabar-se de armas e de jóias polidas,
empanturrar-se de iguarias e bebidas
é só a revelação de superficialidade;

armazenar tesouros é forma de ilusão
e o latrocínio é qualquer exploração,
e isto é contra o Valor da Divindade.

54. AS GRADAÇÕES EVOLUTIVAS

O homem bem orientado não se perderá,
o melhor conduzido não será seduzido,
quem viver na lembrança não perecerá,
quem é bem fiel ao seu Eu é evoluído;

quem é fiel à família tem abundância,
quem é fiel à comunidade é labutador,
quem é fiel ao povo tem a relevância
e quem é fiel à humanidade tem Valor;

com a tua real maturidade individual
conhecerás os outros de modo natural,
com a familiar, sentirás a sociedade;

tua comunidade é medida para a união,
por teu povo medirás outra população,
e tua humanidade medirá a humanidade.

55. A PLENITUDE DO SER

Quem vive só na plenitude do seu ser
vive mesmo como criança recém-gerada,
víboras venenosas não a irão ofender
e ainda, por feras, não será atacada;

mesmo aves de rapina não a agarrarão
os seus ossos mostram pouca destreza
e seus músculos mostram pouca flexão,
mas, ela prende e segura com firmeza;

ela ainda ignora também o uso sexual,
mas, não lhe falta este sexo natural
pois um embrião de sexo nela dormita;

encontra-se num estado de iluminação
sente-se nutrida pelo dom da Criação
e nesta atuação ela se torna bendita.

56. A HARMONIA DA SABEDORIA

Quem sabe, cala, quem fala, não sabe,
o sábio vive calado em tom moderador,
para que seu entendimento não desabe
e se volta para o seu mundo interior;

ele alivia o que é agudo com o tempo,
desenrola aquilo que está emaranhado,
suaviza também aquilo que é violento
e nivela-se com o que está rebaixado;

e assim ele conscientiza a realidade
identifica-se com o uno da Divindade
equidistante de simpatia e antipatia;

É indiferente à perda ou rendimentos
acima de louvores ou escarnecimentos
e nisto ele tem verdadeira sabedoria.

57. A ORDEM DINAMIZADA PELO SÁBIO

Com retidão se governa bem uma nação
pela prudência se conduz um exército,
porém, pelo não-agir se tem boa ação
e é assim que é governado o Universo;

quanto mais existem duras proibições
tanto mais uma população se complica,
destroem-se todas as boas proporções
e o tropeço de cada um se identifica;

e prepara-se uma dramática revolução
quando as pessoas vivem pela ambição,
gerando extraviados por envolvimento;

o sábio se mantém de forma imparcial,
seu tino floresce de maneira natural
e a vida segue o seu desenvolvimento.

58. RENÚNCIA É BASE DA FELICIDADE

O governo que governa sem se mostrar
faz o povo feliz pelo senso de opção,
um soberano que tudo quer determinar
torna bastante infeliz sua população;

felicidade repousa muito em renúncia
renúncia é a real base da felicidade.
Quem pode prever tudo pela pronúncia?
Ordem e desordem têm sua reatividade!

Sábio é retilíneo de forma plausível
é intangível porém não é inatingível
e expressa na vida seu curioso valor;

é intransigente, mas não intolerante,
é brilhante, mas ele não é ofuscante,
o sábio defende a razão sem se impor.

59. SERENIDADE SINTONIZANDO O TAO

Para servir aos homens e à Divindade
nada melhor do que ser incorruptível,
ou nada melhor do que ter serenidade
agindo sem agir de maneira acessível;

agir sem agir é um tipo de atividade
que age na serenidade do próprio ser,
a serenidade é a calma superioridade
que este sábio leva a se desenvolver;

serenidade é passividade que melhora,
que atua de dentro sem agir por fora,
fazendo a alma criadora desenvolvida;

o Tao é a infinita potência de Valor
porque é o silêncio Divino e Criador
de sons, de cores e de seres na vida.

60. A SERENIDADE DIANTE DO MAL

Governar um grande reino é tão fácil
quanto dar a liberdade a um peixinho,
quando ele é governado de modo hábil
o Espírito do Tao mostra Seu caminho;

os elos sinistros não o atrapalharão
nem o impedirão espíritos invisíveis,
muito embora estes problemas malsãos
não se achem tal como imperceptíveis;

o sábio não atrapalha as duras ações
de forças sinistras em manifestações,
pois estes espíritos serão impedidos;

depois que esta força vil se limitar
as melhores forças poderão prosperar
de dentro do homem mais desenvolvido.

61. O PODER DA RECEPTIVIDADE

O Estado deve ser como vale profundo
onde afluem os rios menores em união,
como o lar de vários homens do mundo
como mãe de povos menores em ligação;

o feminino subjuga mesmo o masculino
por sua viva suavidade e recipiência,
então o Estado vence de modo genuíno
quando é bem receptivo por sapiência;

a receptividade se revela importante
seja o Estado pequeno ou seja grande
pois é dom que desperta generosidade;

o grande não deverá querer mal algum
o pequeno deverá almejar o bem comum
e o real valor está na receptividade.

62. QUEM PROCURA O TAO O ENCONTRA

O Tao é a pátria de todas as pessoas
é lar dos bons e remédio da perdição,
belas palavras são altaneiras e boas,
mas, só boas ações levam à perfeição;

será nobreza rejeitar os transviados?
Deste modo por que foram instituídos
o imperador e o seu fausto enfeitado?
Eles fazem parte do Tao desenvolvido!

os antigos veneravam bem a Divindade
quem A procura A acha com facilidade,
e o transviado pode achar a evolução;

todo doente pode conquistar sanidade
e por isto o Tao é a suprema bondade
que resgata a pessoa para a redenção.

63. OS PARADOXOS DAS AÇÕES

Sede ativos até mesmo na inatividade,
achai gosto no desgosto por evolução,
vede o grande no pequeno por bondade,
vede o muito no pouco por sublimação;

enfrentai o ódio com amor no coração,
notai o difícil antes da dificuldade,
fazei o grande amando a pequena ação
e vede o complicado com simplicidade;

todo grande nasce sem a sua elevação,
o sábio não se preocupa com salvação
porém ela vem para quem não a espera;

quem sempre jura não obtém confiança,
quem é leviano não alcança segurança,
o sábio prevê o mal e assim o supera.

64. A VERDADEIRA LIBERDADE

O que está estável pode se conservar
e o que é inconstante é influenciado,
o que ainda é frágil pode se quebrar
e o que é leve, pelo vento, é levado;

deve existir ordem e não descompasso,
a grande árvore vem de raiz diminuta,
uma longa viagem começa com um passo
e a torre polida está em terra bruta;

um sábio não se apega em sua jornada
e por isso ele também não perde nada,
porque se mantém livre por sabedoria;

o que aos outros é só insignificante,
o sábio o considera muito importante
e estabelece o valor de sua harmonia.

65. AS LEIS ÍNTIMAS DO CORAÇÃO

Antes, os que optavam pela Divindade
evitavam querer erudição intelectual,
pois nada promove mais contrariedade
do que um pseudo-erudito superficial;

querer tanger massas pseudo-eruditas
finaliza sempre em grande calamidade,
portanto prudente é aquele que evita
os conhecimentos de destrutibilidade;

o soberano que educa a sua população
segundo as leis imanentes do coração
desperta no povo o dom da serenidade;

o sábio conhece bem o dom misterioso
das leis que vêm do coração afetuoso
pois garantem a ordem e a felicidade.

66. A PROFUNDIDADE COMO AMPARO

Rios e córregos afluem para os vales
porque procuram os lugares profundos,
o governo profundo é isento de males
e isto garante o equilíbrio do mundo;

quando o sábio até pretende governar
expressa suas palavras com moderação,
e, ao seu íntimo ego, deve renunciar
para se tornar soberano da população;

assim, o povo não se sente humilhado,
pois ninguém mais se sente governado
e todos lhe respeitam de boa vontade;

todas as pessoas se sentem amparadas,
sentem-se livres e até recompensadas
e não reclamam dos elos da sociedade.

67. TRÊS VALORES SAGRADOS

Comentam os homens que eu sou grande
como se eu fosse uma pessoa especial,
grande é quem não é mesmo importante
segundo o seu próprio apreço pessoal;

três palavras me são sempre sagradas:
a primeira delas denomina-se bondade,
a segunda é a suficiência comprovada,
a terceira é a modéstia por sanidade;

a bondade dá um nobre fortalecimento,
a suficiência expande espaço e tempo,
e a modéstia liga às bênçãos divinas;

quem é realmente bom e incorruptível
vence na dura luta pois é invencível
e será amparado como o bem determina.

68. A FORÇA DA HARMONIA PESSOAL

O sábio que é devidamente competente
convence e não faz nenhuma discussão,
o verdadeiro soldado é mesmo valente
porém, luta sem raiva em seu coração;

o real vencedor mostra sua superação
porém, não se irrita conscientemente,
e o bom chefe põe cada homem em ação
mas, não tiraniza ninguém obviamente;

esta nobre atuação nascida de dentro
predispõe à paz durante todo o tempo
no dom de conduzir homens suavemente;

esta ação é vinda do reino celestial
e semelhante ação de maneira natural
é considerada como elevada e decente.

69. A FORÇA DA PRUDÊNCIA

Quem deseja conquistar o seu inimigo
não demonstre que é dono da situação,
mas, porte-se tal como hóspede amigo
que está em casa alheia com educação;

prefira recuar um metro em moderação
a avançar um centímetro improcedente,
assim, progride-se sem a contradição
e pode-se reprimir sem ser indecente;

e sem armas, pode-se tomar um abrigo,
não se deve ignorar qualquer inimigo
para não perder tesouros de imediato;

se dois exércitos forem mesmo iguais
entre teores e deficiências naturais,
vence o que for mais sábio e sensato.

70. A VERDADE VINDA DA DIVINDADE

Uma verdade é facilmente inteligível
mas, ninguém a entende adequadamente,
ninguém aceita o seu valor plausível
mesmo que haja um verbo luminescente;

palavras e obras devem ter a geração
vindas do abismo infinito da Verdade,
quem ignora esta brilhante concepção,
ignora a alma do Tao ou da Divindade;

ainda são poucos os sábios profundos
que velam pelo conhecimento no mundo
para que a vida possa se desenvolver;

o sábio tem roupagem de simplicidade,
entretanto, oculta na sua intimidade
a mais rara e preciosa jóia do saber.

71. O CONHECIMENTO DA IGNORÂNCIA

Quem conhece a sua íntima ignorância
revela a mais alta e nobre sapiência,
mas, quem não dá a ela a importância
vive na mais esdrúxula inconsciência;

quem vê uma ilusão como interrogação
não sucumbe em dor ao longo do tempo,
quem conhece a ilusão só como ilusão
comanda seu destino com entendimento;

um sábio conhece bem o seu não-saber
e que seu íntimo deve sempre evolver
bem embasado nas virtudes sublimadas;

essa íntima consciência do não-saber
leva o sábio a sempre se desenvolver
preservando-o de ilusões equivocadas.

72. A CONSCIÊNCIA DOS LIMITES

Se um homem não mentalizar a maldade
a tal maldade não lhe será devolvida,
e deixa o mal no berço da iniquidade
e assim o mal não destrói a sua vida;

ainda que o sábio conheça o seu teor
ele não exhibe os seus valores a esmo
e até mesmo a dignidade de seu valor
não reclama dignidades para si mesmo;

um sábio conhece suas possibilidades
assim, raciocina dentro da realidade
para que seu ideal tenha procedência;

por isso não ultrapassa seus limites
e este seu teor e coerência consiste
no amálgama nobre de sua consciência.

73. O SÁBIO AGE SEM VIOLÊNCIA

Coragem com inquietação gera a morte,
coragem com serenidade mantém a vida,
uma trás o azar a outra trás a sorte
pois depende da cautela desenvolvida;

o sábio observa a tudo com prudência
e dificilmente toma uma dura atitude,
ele segue a revelação da Onisciência
e não intervém em descaso da virtude;

vencer sem lutar, mandar sem ordenar,
trazer sem apelar, alentar sem falar,
o sábio prefere sempre agir à socapa;

a teia que se trás do céu é infinita,
e neste contraste desta ação bendita,
as malhas são largas e não se escapa.

74. A VERDADEIRA JUSTIÇA

Se alguma população não teme a morte
quem pode governá-la com morte ainda?
porém se ela teme a morte, por sorte,
o crime de morte ficaria na berlinda;

há sempre um juiz que faz decretação
e execute a pena de morte juntamente,
mas, qualquer um que tenha presunção,
de ser juiz, terá um engano evidente;

quando apenas o Tao é o juiz em ação
as pessoas têm uma correta avaliação
e tudo se equilibra bem naturalmente;

quando um homem é juiz da condenação,
parece o lenhador com machado na mão
que corta a própria mão erroneamente.

75. SOFRIMENTO PELA EXPLORAÇÃO

O povo sofre se é alvo de exploração,
se os chefes não ajudam quem é capaz,
e o povo se queixa por nociva coação
quando os chefes não o deixam em paz;

um povo fica revoltado no sofrimento
e nem teme sua morte por contradição
quando os chefes fazem o cerceamento
da liberdade por meio da manipulação;

assim, nasce um fastio da existência,
mais sábio é o que em sã consciência
enxerga numa sociedade apenas ilusão;

o que se apega a uma vida degenerada
se ilude bastante e não alcança nada,
assim, chefes devem almejar evolução.

76. OS CONTRASTES DA VIDA

Tenro e flexível é o homem ao nascer
todavia ele é duro e rígido na morte,
as plantas também vão se desenvolver
obedecendo seqüências da mesma sorte;

duro e rígido o que sucumbe no final,
o terno e o plasmável tem muita vida,
quem julga ser forte só pelo arsenal
não vencerá nas contendidas envolvidas;

as árvores que parecem bem possantes
se aproximam bem do final atrofiante
para mostrarem o contraste existente;

o forte está a caminho da decadência
e o mais fraco de pouca consistência
deverá se desenvolver paradoxalmente.

77. PRINCÍPIOS DOS HOMENS E DO TAO

A ação do Tao é como o arco flexível:
arma os humildes e desarma poderosos,
numa atividade que parece impossível
mas, que obedece princípios valiosos;

acresce no menos e diminui no demais
assim é o ato do Tao ou da Divindade,
em prol de bons equilíbrios naturais
tira da plenitude e põe na vacuidade;

as pessoas atuam num nocivo circuito,
retiram do pouco e crescem no muito,
distanciando-se de conceitos Divinos;

o rico que quer sublimar sua atitude
oferece aos frágeis da sua plenitude
e transforma a reação do seu destino.

78. O PODER DA ADAPTAÇÃO

Nada há que se acomode tanto ao chão
e nem mais frágil que a água bendita,
nada é mais forte que a sua agitação
que vence o duro em qualquer vindita;

água é incomparável e até invencível
assim, o fraco derrota o fortalecido,
então por mais que pareça impossível,
amolecido também supera o endurecido;

todavia ninguém pratica esta verdade
assim, só o sábio aceita a realidade
que deveria nortear os seres humanos;

quem, em labores agrícolas, não erra
suporta as acres imundícies da terra
e é o senhor da colheita daquele ano.

79. FRATERNIDADE SEM RESSENTIMENTO

De que adianta eliminar grandes iras
quando ficam ressentimentos no peito?
Para remediar isto reflita e confira:
cumpra seu dever e esqueça o direito!

Quem se guia pela voz da consciência
só emprega a voz do dever e da razão,
por isso mesmo se liga à Onisciência
e aos princípios da Divina Perfeição;

quem quer eliminar injustos defeitos
não insista em seus íntimos direitos
e sim em sentimentos de fraternidade;

o Tao Eterno não apresenta favoritos
pois permanece sempre Bom e Infinito
e sempre intui os homens com Bondade.

80. A FELICIDADE PELA LIBERDADE

Um país pequeno, com pouca população
e tendo inexpressivas forças armadas,
pode ter felicidade em contraposição
pois a simplicidade é mais cultivada;

os habitantes conseguem viver em paz
cultivando uma dádiva de terra arada,
pois guerra não torna o homem eficaz,
torna sim a sua existência ultrajada.

Estão bem felizes com seus alimentos,
com os trajes e com os envolvimentos,
e assim eles alcançam sua felicidade;

deixemo-los viver livres e contentes,
envelhecer amistosos e independentes,
pois felicidade é viver em liberdade.

81. A RIQUEZA DA DOAÇÃO

Palavras rudes não são interessantes,
palavras escusas não são verdadeiras,
o homem de bem até não fala bastante
pois quem fala bastante diz asneiras;

homens sábios não são muito eruditos,
homens eruditos não são inteligentes
e quem trilha o caminho mais bendito
não acumula tesouros incoerentemente;

riqueza para o sábio é só a caridade,
quanto mais doa cultivando a bondade,
tanto mais rico se torna em evolução;

assim como o Tao gera a ação na vida,
o sábio age com mesma ação investida
para doar seu saber para a população.



Lao Tsé em meditação



Guarda imperial

Lao Tsé

Confúcio

Discípulo de Confúcio

82. ENCONTRO DE CONFÚCIO COM LAO-TSÉ

Confúcio perguntou ao Lao Tsé genial
sobre a utilidade de ritos e rituais,
e depois de íntima reflexão habitual
respondeu com seus elevados cabedais,

os ossos humanos se originaram do pó
e para este pó eles ainda retornarão,
e quando na morte o cadáver ficar só
apenas as suas palavras sobreviverão;

um comerciante esconde a sua riqueza,
um nobre não discriminaria a pobreza
e já em seu tempo seria bem sucedido,

devemos desistir dos ares orgulhosos,
das vaidades e dos rituais enganosos
que nada traduzem para o eu evoluído.



83. CONSIDERAÇÕES DE CONFÚCIO SOBRE LAO-TSÉ

Vi um homem cujos nobres pensamentos
se elevavam como jamais se presumira,
eu já gosto de lançar o entendimento
como um dardo que jamais erra a mira;

eu vi um homem de idéias misteriosas,
inacessíveis como um abismo profundo,
e eu prefiro idéias menos extremosas
para deixá-las no dia a dia do mundo;

pássaros vão voar e peixes vão nadar,
enquanto os quadrúpedes irão galopar,
quanto ao dragão, ignoro o que faria;

eu vi Lao-Tsé como quem vê um dragão,
faltou-me ar e o queixo caiu ao chão,
e o meu espírito não obteve calma.



84. LAO TSÉ USOU UM BÚFALO COMO CONDUÇÃO

Lao Tsé foi arquivista da corte real da sino dinastia Chou da antiguidade, é fundador do taoísmo transcendental com reflexões de imensa profundidade,

antes de abandonar aquela localidade conversou com um guarda da fronteira, e deixou o legado para a posteridade: o Tao Te King de condutas altaneiras,

o Tao Te King é livro de genialidade que expõe o caminho para a divindade por controle das virtudes emergentes,

Lao Tsé usou um búfalo como condução, se encaminhou numa ocidental direção e ele nunca mais foi visto novamente.



Lao Tsé se despede montado num búfalo



TAO-TE-KING É O LIVRO QUE IDENTIFICA
O NOBRE CAMINHO QUE LEVA À DIVINDADE,
ASSIM CADA PENSAMENTO SEU ESPECIFICA
VALORES QUE MELHORAM A PERSONALIDADE.



SÓ NA VISÃO DO TODO ESTÁ A DIVINDADE,
A SUPERFÍCIE PARECE TER SÓ ESCURIDÃO,
A PROFUNDEZA PARECE TER LUMINOSIDADE
E NÃO ESTÁ AO ALCANCE DA COMPREENSÃO.



O COSMO É COMO FOLE DE FORJA NATURAL
QUE, EMBORA VAZIO, DOA A SUA ENERGIA,
TANTO MAIS ALIMENTAMOS A CHAMA VITAL
QUANTO MAIS ACIONAMOS A SUA SINTONIA.

Tei-Gi - Características

O tei gi é um símbolo esotérico da China antiga que vem instigando e desafiando as mentes de muitos pensadores ao longo de muitos séculos desde a mais remota antiguidade até os nossos dias atuais.

Lao Tsé é sem dúvida o pensador que melhor soube se expressar dentro dessa teoria do yin e do yang com a sua filosofia do taoismo que põe o masculino e o feminino dentro de um círculo numa espécie de gênese primordial, para que este círculo inicial unitário contendo os dois pólos fundamentais em seu interior pudesse conceber, ao menos teoricamente, a origem à vida tal como a conhecemos.

O yin e o yang citados não se posicionam como contrários entre si e sim como polaridades ou elos complementares de um mesmo somatório primordial pré-existentes dentro da gênese universal.

O yin e o yang são representados no tei gi divididos por limite sinuoso que dá a idéia de movimento ao círculo que os contem e é exatamente esse movimento que doa a energia cinética para as transformações e evoluções que ocorrem dentro dos limites do tei gi.

É nesta ação cinética dentro do tei gi que está o fundamento primordial da teoria filosófica que sustenta a coerência do taoismo que tem como idealizador maior a figura exponencial e genial de Lao Tsé.

O centro do círculo do tei gi se encontra na linha sinuosa de interseção que expressa as características de dinâmica do conjunto deixando transparecer que neste centro sempre irá prevalecer o ação do movimento.

Tanto o yin quanto o yang apresentam um centro em seu interior formando portanto dentro do tei gi dois pólos que se expressam tais como dois focos que naturalmente são equidistantes em relação ao centro.

Todo este equilíbrio existente no tei gi é que possibilita a gênese universal a partir dos elos fundamentais

yin e yang para uma transformação a partir da cinética e uma constante evolução subseqüentemente.

Lao Tsé fundamenta a sua teoria do taoísmo como doutrina a partir da coerência que passa a existir a partir das transformações do tei gi primordial.

Neste desenvolvimento subseqüente pode-se ver toda a filosofia de Lao Tsé se expressar dentro destas características de dualidade complementar entre si.

Esta característica de relação complementar entre os dois pólos relativos no interior do tei gi se expande para todas as outras situações subseqüentes no ato de se engendrar novas ações de transformação pelo cosmo.

Lao Tsé notou que esta relação de coerência que dava o embasamento de estabilidade e de lógica para o tei gi era abrangente e servia de amálgama fundamental para as outras relações de interseção existentes.

No terceiro soneto que elaboramos a respeito dos pensamentos de Lao Tsé constatamos que ele destaca as dualidades como formas de contrários que passam a existir no universo (Tao) a partir das evoluções que se sucederam derivadas das reações do tei gi primordial, assim ele destaca que a beleza só seria identificada como tal diante da feiúra, que a bondade só se distinguiria diante da maldade, que fácil e difícil, grande e diminuto, alto e baixo, som e silêncio, passado e futuro pertencem à mesma unidade e que o sábio termina a sua obra e contrariamente está sempre no início.

No terceiro soneto que elaboramos sobre os pensamentos de Lao Tsé percebe-se mais uma coexistência da dualidade onde o sábio prefere agir pelo não agir. No oitavo soneto ele afirma que o sábio age com vitalidade, mas também com serenidade. No décimo primeiro soneto ele afirma que as paredes de uma casa são feitas com massas consistentes e aparentam ser o valor principal do local, mas é no vazio que existe entre elas que está o verdadeiro espaço útil da residência. No vigésimo segundo soneto ele ainda cita que o imperfeito será perfeito, o curvo será reto, o vazio será cheio e onde há carência haverá abundância; o sábio não pensa em si por simplicidade e, assim, é superior às adversidades e por não ter desejos é invulnerável.

85. TEI-GI (O CÍRCULO DA VIDA) - I

O *tei-gi* é um diagrama chinês antigo que põe um círculo como Uno no vazio, ativando o *yang* e o *yin* neste abrigo para gerar a vida por Divino desafio;

o círculo representa bem a Divindade *yang* e *yin* são: masculino e feminino, são os divergentes dentro da Unidade como vivo elo de contrários genuínos;

é a síntese que sai do cosmo sideral para originar também o cosmo hominal pela sua potencialidade desenvolvida;

o *tei-gi* representa a origem inicial é o *alfa* e o *ômega* do *Tao* primordial que forma a origem e o final da vida.

86. TEI-GI (O CÍRCULO DA VIDA) - II

O tei gi traduz uma interdependência entre as duas polaridades universais, uma completa a outra em equivalência e a dinâmica expõe seus referenciais,

elas se movimentam por circunvolução em ação que expressa a reciprocidade, elas se complementam na movimentação que transcende o limite da dualidade,

a dualidade se funde num complemento e a ação faz surgir em seu movimento o um como o fruto da dualidade unida,

yin e yang como masculino e feminino, ao se unirem num ato de fato genuíno, são a origem e o significado da vida.

SONETOS

DE WANG WEI



Wang Wei - CHINA - (699 - 758)

WANG WEI ERA UM BUDISTA ENTUSIASMADO
E SE INSPIRAVA EM BADALOS RELIGIOSOS,
NO VISUAL DOS CRISÂNTEMOS OBSERVADOS
E ATÉ EM ÍNTIMOS DRAGÕES FANTASIOSOS.

Wang wei - Características

O poeta Wang Wei goza da prerrogativa de ser o primeiro dos cinco poetas mais famosos da dinastia Tang e como pioneiro lançou o seu estilo que naturalmente serviu de parâmetro para os outros poetas que o sucederam pudessem também expressar os seus valores dentro daquele modelo de literatura cultivada e apreciada no local.

O tempo de vida de Wang Wei é considerado de 699 a 759 e outra fonte considera de 701 a 761, portanto é o mais antigo dos cinco poetas da dinastia Tang, ele era de concepção budista e os seus poemas são impregnados pelos valores desta crença, na maneira de se posicionar perante os acontecimentos e perante os demais seres humanos.

Wang Wei descreve com riqueza de detalhes os acontecimentos que envolveram uma caçada que houve na localidade em que vivia e pela descrição percebe-se que se tratavam de senhores de posse com seus cavalos, falcões e trombetas produzidas com chifres recurvados.

Este poeta gostava de ouvir e de se inspirar no som do badalo que ressoava dos templos budistas tão típicos da China, principalmente daquele século 8º onde não havia nenhuma influência direta dos costumes e das crenças oriundas ou cultivadas pelo mundo ocidental. Os costumes eram nitidamente diferentes dos que estamos acostumados a ver hoje em dia e assim ele menciona que as vezes cruzava com um ancião que vivia num bosque por livre decisão e eles então se punham a dialogar e até se esquecia de voltar. Hoje em dia se alguém se propõe a viver de modo isolado, principalmente no ocidente, receberá diagnósticos nocivos porque entenderão que está com fuga da realidade, ou com alguma forma de autismo, ou com comportamento “border line” ou simplesmente será um antissocial.

Na época em que Wang Wei viveu, eremitas eram respeitados e até admirados pelo desprendimento que expressavam ao abandonarem a disputa social justamente porque compreendiam que ela levava à cobiça, à ambição e à ganância e que o excesso de bens adquiridos poderia levar à avareza, ao autoritarismo, e às vezes até à violência para

defender os patrimônios e, em muitos casos, se perdendo até mesmo nos lamentáveis comportamentos de luxúria.

Às ilusões que levam os seres humanos a se diferenciarem para adquirirem muitos bens na matéria o budismo denomina de “bruxa Mara” que enfeitiça homens fazendo-os crer que possuir muitos bens é sinal de felicidade e muitos se matam para os adquirir e pensam que são ricos e se convencem de que assim são felizes e depois da morte percebem que aqueles bens não pertenciam a eles e sim à matéria ou à “bruxa Mara” que passa a desdenhar de sua absurda ilusão e do vão sacrifício despedido.

Quando Wang Wei conversava com aquele ancião, ele até mesmo esquecia de retornar para casa, pela gigantesca gama de possibilidades que os assuntos deveriam compreender, pois tratam naturalmente dos íntimos valores que dividem os seres humanos há milênios.

Certa vez Wang Wei se perdeu procurando um templo e caminhou quilômetros perdido por estradas, atalhamentos, sendas, florestas e montanhas e perdido entre colinas, sentiu toda a pequenez que o ser humano apresenta diante da exuberância da natureza até que finalmente ouviu o badalo de um templo sem saber ao certo de onde vinha; diante da luminosidade do crepúsculo ele se ajoelhou perto de um lago que viu pela frente, só que era um lago deserto em sua extensão e naquela posição ele se pôs a meditar para afastar a indescritível e tóxica emoção do dragão.

Toda a angústia e ansiedade que sentiu por estar perdido em atalhamentos, florestas e montanhas ele traduziu de uma maneira bem chinesa escrevendo que se ajoelhou diante da luminosidade do crepúsculo para afastar a comburent e tóxica emoção do dragão.

Wang Wei não cita a inspiração através da lua tanto quanto o faz o poeta Li Po, mas também deixa claro que o brilho lunar tinha íntima sintonia com o brilho de sua inspiração quando ele cita que sob a lua branca ele deixava o seu barco flutuar livremente para permitir que as reflexões da lua se fundissem com as suas, sem nem mesmo se preocupar com o devido retorno para a sua casa.

1. UM DIA DE PRIMAVERA NA FAZENDA

Os pombos arrulham sobre os telhados
e no pomar de laranjas da localidade,
tendo branca floração como predicado
e contornam harmoniosamente a cidade,

fazendeiros saíram com seus machados
para uma poda oportuna das amoreiras,
e outros canais d'água serão cavados
para um melhor limite das fronteiras,

andorinhas deixam seus velhos ninhos,
idosos sentam-se à margem do caminho
e seus lábios recriam um antigo teor,

não me recordei do meu copo de vinho,
pensando nos ex-amigos e ex-vizinhos
e apenas sorvi o fulgor de velha dor.

2. OBSERVANDO A CAÇADA

O vento sopra com misteriosa vontade
um chifre curvado toca energicamente,
acontece uma caçada nesta localidade
e vai além da área de Wei juntamente,

o capim bem ressecado dá aos falcões
a chance de ver com os olhos afiados,
já a ausência de neve nestas regiões
deixa cavalos com galopes acelerados,

caçadores passam galopando pela vila
no rumo da área rural mais tranquila
onde esta caçada tem maior proporção,

em um momento as rédeas são contidas
para observarem as suas caças caídas,
mas vêm-se quilômetros de escuridão.

3. À SECRETÁRIA SU

Meu lugar é na embocadura de um vale
entre as árvores crescidas da região,
muito distante dos quotidianos males
em torno de um vilarejo sem afetação,

vieste por estradas de pedra ao lado
e ninguém te esperou em minha cabana,
havia barcos atracados no rio gelado,
só um cenário de introspecção humana,

o fogo que aos caçadores é relevante
ardia na região da planície distante,
só para um instante de arrebatamento,

quase nada se ouvia na noite silente,
só gritos de macacos esporadicamente,
e muito distante o sino de um templo.

4. NOITE DE OUTONO NAS MONTANHAS

Depois da chuva que caiu nas colinas,
fertilizando as terras e as madeiras
como a fértil ação sazonal determina
o ar noturno tem cheiro de cachoeira,

a lua se eleva numa branda aparência
entre as longas pontas dos pinheiros,
corro entre rochas e suas saliências
até um rio que brilha como candeeiro,

entre bambus, mulheres estão a falar,
e aqui um pescador conseguiu atracar
entre flores de lótus e sua agitação,

as flores da primavera e seus odores
sumiram levando seus alegres valores,
a cachoeira é a beleza da imaginação.

5. CAMINHANDO NAS MONTANHAS NA CHUVA

Nesta rápida queda d'água que ocorre tornando o ar tão nebuloso que chega a parecer que o céu desaba e escorre, vêm-se relâmpagos na montanha negra,

outras nuvens já começam a se formar e eu agora salto um riacho pequenino, que, em rio, logo foi se transformar por seu efeito cumulativo vespertino,

finalmente, o temporal foi dissipado para ceder espaço a um luar prateado, pois não há intempérie o dia inteiro,

na noite da montanha negra imponente depois da chuva e também da enchente posso ouvir os cantos dos barqueiros.

6. FINAL DE PRIMAVERA: SR. YEN E SEUS AMIGOS

Pinheiros e crisântemos crescem aqui
ao longo desta minha vereda selvagem,
e na casa há livros que ainda não li,
ela é o abrigo de turistas em viagem,

assei sementes de girassol vigorosas
para meus convidados de modo cordial
e o passeio que traz pessoas ditosas
é o turismo: Visão alada do bambuzal,

pássaros se aninham na verde estação,
o papa figo canta em pétalas no chão,
mas ainda sinto um pouco de tristeza,

meus cabelos passaram a ter brancura,
não aceitei as mudanças com brandura
e não gostei deste favor da natureza.

7. MINHA CABANA NA COLINA CHUNGNAM

Desde a época da minha boa juventude
eu me tornei um budista entusiasmado,
agora que sinto mais uma decrepitude
eu me sento nesta colina ensimesmado,

algumas vezes eu só sinto felicidade,
às vezes eu sinto muita introspecção,
aqui se tem maravilhosas localidades,
eu estou só nesta linda contemplação,

subo para ver onde um rio vai nascer
e sento para ver a neblina se erguer,
é cenário muito bom para se inspirar,

eventualmente eu cruzo com um ancião
que vive no bosque por livre decisão,
dialogamos e esquecemo-nos de voltar.

8. A PRIMAVERA NO JARDIM

Depois de uma noite de chuva intensa
saí saltando os entraves encontrados,
coberto com um sobretudo de presença
para me abrigar num tempo bem gelado,

a água branca flui na represa aberta
flores dos pessegueiros avermelhadas
irão além dos salgueiros em sua meta
e, pelos campos, se farão espalhadas,

troncos crescem de modo desenvolvido
no canto do bosque como foi deduzido
e eu me emociono em íntimas reservas,

redijo em minha pequena escrivadinha,
a noite chegou e estou sem companhia,
porém estou feliz entre verdes ervas.

9. VENDO A NEVE E PENSANDO EM HERMIT HU - I

Os contínuos golpes surdos no tambor
ecoaram de maneira sempre cadenciada,
para poderem anunciar um tênue valor
representado por uma gélida alvorada,

olhando de soslaio como um estrábico
vi os meus traços faciais delineados,
fiquei contemplando de modo estático
junto de um grande espelho iluminado,

além da fresta da janela entreaberta
um vento com ação não muito discreta,
sussurra enigmaticamente no bambuzal,

abri a porta sentindo emoção genuína
e vi a alva neve cobrindo as colinas
por quilômetros de uma forma natural.

10. VENDO A NEVE E PENSANDO EM HERMIT HU - II

O céu veio abaixo lembrando miragens
e a neve ainda cobriu todo o cenário
espalhando-se por entre as passagens
e até mesmo nos caminhos secundários,

já há brancas elevações naturalmente
criando-se no âmago do silêncio frio,
alterando muito o visual do ambiente
e até os pátios alteram seus feitios,

recordo de Yuan An de há muito tempo
o qual morreu de frio e sem alimento
antes que seu salvamento fosse feito,

aqui há uma similaridade de situação
onde o silêncio age com a sua alusão,
atrás das portas virá o mesmo efeito?

11. PASSANDO PELO TEMPLO DE PERFUME ACUMULADO I

Não sei o caminho que leva ao templo,
por quilômetros eu deambulei perdido,
caminhei por estradas e atalhamentos
e por picos nebulosos e obscurecidos,

eu caminhei por florestas primitivas,
sem estrada, sem senda e sem direção,
sem nem mesmo ver uma pegada furtiva
que pudesse servir para a orientação,

e assim caminhei ao pé das montanhas
e de fato senti uma pequenez tamanha
que ainda agora intimamente me abalo,

eu escutei um sino tocar à distância
e perguntei sozinho na circunstância:
de onde terá partido o som do badalo?

12. PASSANDO POR TEMPLO DE PERFUME ACUMULADO II

Vi diminuto córrego com água fluente
borbulhando em sua ação pelo caminho,
entre as rochas gigantes pertinentes,
assim, não me senti mais tão sozinho,

vi que mesmo o colorido da luz solar
parecia permanecer num estado gelado,
e os seus raios podiam se contrastar
entre os pinheiros azuis esverdeados,

ao lume do crepúsculo eu me ajoelhei,
bem próximo de um lago que encontrei,
e ele estava deserto em sua extensão,

naquela posição eu comecei a meditar
para que intimamente pudesse afastar
a inefável e tóxica emoção do dragão.

13. RETORNANDO À MINHA CABANA - I

Ouçó o sonoro sino tocar à distância
e a força deste precioso instrumento
flutua como enigma e com exuberância
para descer pelo vale em complemento,

um por um dos trabalhadores do local
tais como os lenhadores e pescadores,
interromperam o árduo labor habitual
e retornaram ao lar de seus louvores,

o crepúsculo impunha os seus matizes
enquanto as pessoas voltavam felizes
e as montanhas se ocultavam da visão,

as montanhas eram as mesmas de antes
os pinheiros continuavam exuberantes,
mas, o local se ocultou na escuridão.

14. RETORNANDO À MINHA CABANA - II

Sozinho, retornei até a minha cabana
enquanto nuvens realmente carregadas,
parecendo por em risco a vida humana,
fechavam o horizonte bem compactadas,

o vento soprava nas delicadas vinhas
as castanhas caíam ininterruptamente
sobre a superfície de águas vizinhas
e flutuavam em cadência bem evidente,

num pântano que existe do lado leste
novo crescimento de forma inconteste
tem exuberância com formas coloridas,

e depois de tudo o que se pode notar
é triste ter que retornar para o lar
e fechar a porta em ação restringida.

15. CIRCULANDO UM PÂNTANO

É o outono e o firmamento está claro
dando uma impressão de rara vastidão,
o imenso pântano que agora eu encaro
vai dos sítios às casas da população,

eu vejo algumas grandes garças azuis
pousadas em volta dum banco de areia,
olhando o céu das colinas se conclui:
com nuvens distantes ele se delinea,

as nuvens turvam o céu completamente,
o crepúsculo se obscurece juntamente,
mas uma lua branca brilha lá em cima,

deixo o meu barco livremente flutuar
e sem ir ao lar como é de se esperar,
tal como o bom senso comum determina.



MAIS INTROSPECTIVO COMECEI A MEDITAR
JUNTO DE UM LAGO DESERTO NA EXTENSÃO,
PARA QUE INTIMAMENTE PUDESSE AFASTAR
A INEFÁVEL E TÓXICA EMOÇÃO DO DRAGÃO.

SONETOS

DE LI PO

Li Po



Li Po - CHINA - (701 - 762)

OS POEMAS DE LI PO SÃO INTERESSANTES
E ABORDAM BEM A INTIMIDADE DOS FATOS,
O DIA A DIA SE TORNA MUITO RELEVANTE
ATRAVÉS DOS SEUS EXPRESSIVOS RELATOS.

Li Po - Características

Li Po viveu de 701 a 762 e é o segundo da dinastia Tang, ao ler os poemas de Li Po podemos constatar que as suas rimas não formam só um cabedal de literatura poética pela beleza cultivada entre as descrições da vida no dia a dia e as suas inteligentes metáforas correspondentes, mas é perfeitamente perceptível que também encerram em suas descrições interessantes documentos históricos que até mesmo nos permitem enxergar a realidade sob um outro enfoque diferente, tal como na descrição dos combates que se desenvolveram no longo percurso da grande muralha da China envolvendo os guerreiros chineses e os bárbaros que os atacavam naquela localidade, assim nos permite analisar os conflitos do outro lado da histórica muralha.

A luminosidade reflexiva da lua é o principal combustível de inspiração de Li Po em sua bela produção literária, assim vamos constatar que o brilho da lua se faz presente em quase um terço dos poemas criados por ele e que aqui apresentamos na língua portuguesa no formato de sonetos e podemos confirmar que ele menciona a lua nos sonetos: 1, 7, 8, 9, 10, 20, 23, 24, 25, 29, 32, 36, 38, 39, 47, 49 e 51 e podemos dizer que a luminosidade e a força da lua magnetizaram aquele homem comum para transformá-lo num rouxinol poético que passou a encantar a sua geração e as gerações do futuro, até mesmo de outras nações como um ser que, ao ver a lua cheia, se tornava um “Rouxinômem”.

A beleza que Li Po conseguiu desenvolver em seus poemas, com certeza encantaram os leitores na língua chinesa e agora nós também podemos apreciá-los na língua portuguesa e nós podemos ouvir o canto do “Rouxinômem” ecoar desde o século 8º até o século 21º em que vivemos, trazendo a sonoridade poética que, ao invés de se tornar obsoleta pelo passar do tempo, se tornou uma rara música de história, de sociologia e de literatura mundial.

O tempo se encarrega de apagar e de retirar as obras de mediano e de baixo valor do cenário que está em

evidência entre as pessoas, entretanto ao invés de apagar a obra de Li Po o tempo a tornou mais relevante ainda e a sua beleza aparece até mesmo em outras línguas.

O poeta Li Po, com sobra de motivos, deve ser considerado um indivíduo inteligente porque senão o tempo teria apagado a sua produção literária e se sua obra sobreviveu à dura ação do tempo é porque Li Po a elaborou com acurada sensibilidade e inteligência.

A virtude da inteligência distingue uma obra em relação ao seu valor literário e ao mesmo tempo toca fundo a sensibilidade de quem lê os poemas escritos, porém a inteligência por si só não é capaz de elaborar textos que saiam fora dos limites humanos para apregoar verdades perenes que só os verdadeiros gênios conseguem abstrair de suas elucubrações como é o caso de Lao Tsé.

Li Po descreve uma beleza humana como a sensibilidade de uma jovem esposa que espera ansiosa pelo marido que está no campo de batalha. São as dificuldades de quem luta contra as adversidades exteriores, tentando superá-las para momentaneamente poder ser feliz.

Lao Tsé escreve de maneira completamente diferente e não coloca o problema fora de um indivíduo e sim dentro dele mesmo e cita que quem se levanta na ponta dos pés não pode aguentar por muito tempo e que quem abre muito as pernas não consegue andar direito.

Um indivíduo inteligente quer sobrepujar os obstáculos exteriores para poder vivenciar uma felicidade limitada aos seus próprios limites, enquanto que o gênio já quer sobrepujar a si mesmo, ampliando os seus conceitos para buscar uma felicidade pela evolução de seus antigos parâmetros agora expandidos dentro dele mesmo.

A felicidade do homem inteligente está em ampliar os horizontes que os seus olhos materiais podem ver para que ali ele possa viver de acordo com seus paradigmas e a felicidade do gênio está em ampliar os horizontes dentro dele mesmo que só o seu olho de imaginação pode ver para que assim ele possa viver a sua plenitude de evolução e de satisfação de acordo com paradigmas mais verdadeiros que busquem uma definitiva harmonia de dentro para fora.



O único manuscrito ainda existente feito de próprio punho por Li Po

1. OS RAIOS BRANCOS DO LUAR

Diante da minha cama, bastante macia,
estende-se significativamente o luar,
meus pensamentos brotam com harmonia
e naturalmente eu me ponho a meditar;

os raios brancos do luar arrebatador
se parecem mesmo com geada pelo chão,
pois o reflexo de seu raro esplendor
tem a mesma nuança de sua composição;

eu levanto a cabeça para o horizonte
para ver melhor a sua luminosa fonte
e vejo a montanha e a lua juntamente;

torno a me deitar de maneira natural
e penso em minha querida terra natal
porque a reflexão lunar é envolvente.



2. COMBATE AO SUL DA MURALHA (I)

No ano passado travava-se um combate
bem junto do rio Sankan, na nascente,
este ano tem-se ainda um novo embate
pelas estradas do Tsung He influente;

mergulhamos as armas para as ocultar
na lagoa Chiao Chi que há na estrada,
levamos todos os cavalos para pastar
nas montanhas de Tien sempre nevadas;

luta-se em todos os lados conhecidos
numa extensão de dez mil li seguidos
mas nossos soldados estão extenuados;

bárbaros ocupam-se em nos assassinar
enquanto nos ocupamos mais em lavrar
e, na areia, há ossos esbranquiçados.

3. COMBATE AO SUL DA MURALHA (II)

Construíra-se antes a grande muralha
para delimitar a morada dos bárbaros,
fez depois, a população que trabalha,
as torres com tochas em receptáculos;

os fogos das tochas ardem sem cessar
as longas campanhas não param jamais,
luta-se nas planícies sem se acalmar
e mata-se e morre-se sem os funerais;

corvos bicam as entranhas dos mortos
e depois eles voam sobre seus corpos
para pousarem em árvores ressequidas;

armas são motivo de elevado desgosto
e não é senão bastante a contragosto
que o homem recorre a elas pela vida.

4. CHUVA DE LÁGRIMAS

Há nuvens de poeira bastante amarela
sobre os muros dos distritos urbanos,
e corvos voltam, tal como sentinelas,
aos seus ninhos e crocitam nos ramos;

atrás da cortina azulada numa janela
uma jovem tece o brocado em seu tear,
ela trabalha com perceptível cautela
porém simultaneamente está a meditar;

de repente ela para com a lançadeira
e lembra da triste e imensa barreira,
pois a saudade do marido é dramática;

e, sozinha, no quarto grande e vazio
deixa o pensamento sentir o desvario
e permite cair uma chuva de lágrimas.



5. O VENTO DA PRIMAVERA

As ervas, em suas essências naturais,
são tais como fios azuis esverdeados,
a amoreira pende nas épocas sazonais
os seus ramos verdes então renovados;

é o período em que se pensa no valor
do dia da volta que é mais aceitável,
e é neste momento em que a minha dor
se torna dramaticamente insuportável;

percebo na pele o vento da primavera
mas não sei ao certo o que me espera,
vento da primavera, não te reconheço!

por que entras de forma tão exaltada
por minhas cortinas de gaze bordadas
se minha meta não está nem no começo?



6. AO LONGO DOS ÁLAMOS

As nuvens são bem leves naturalmente,
o vento é sereno e trás sua harmonia,
assim, o tempo passa quotidianamente
e hoje até já se aproxima o meio dia;

diante das belas flores de um jardim
um regato corre muito tranquilamente,
o regato também passa próximo de mim
ao longo de muitos álamos existentes;

quem me olha assim não pode entender
pois os homens não podem compreender
a alegria que irradia do meu coração;

eles fazem seus comentários alusivos
e dizem que estou alegre sem motivos
como uma criança em recente evolução.



7. SOB A LUA BRANCA

Esta água profunda é límpida e clara
tornando o cenário mais interessante,
o local até parece uma onírica seara
sob a rara lua branca e deslumbrante;

sob a claridade deste luar magnífico
vêm-se voar garças brancas no local,
as aves emprestam um teor específico
movimentando a rica paisagem natural;

agora ouço uma mocinha de iniciativa
que colhia suas castanhas nutritivas
caminhando por ali muito alegremente;

retorna ao cair da noite bem animada
andando descontraidamente na estrada
e cantando uma música bem envolvente.

8. ENCONTROS NA VIA LÁCTEA

Entre as flores há um jarro de vinho
e eu sou o único a beber neste local,
sem nenhum amigo, estou aqui sozinho,
ergo a taça e brindo ao luar natural;

com a lua, com minha sombra e comigo
somos três amigos a beber no terraço,
mas a lua não bebe tal como um amigo
e a minha sombra imita o que eu faço;

a sombra e a lua são colegas casuais,
divertem-se comigo e sem cerimoniais
e, quando canto, a lua treme na água;

quando danço, a sombra se agita mais,
fico ligado a estes amigos habituais
e nossos encontros são na via láctea.

9. O ESPLENDOR DA LUA

A lua está no céu nevoento e sombrio
quando veio para ocupar o firmamento?
pouso minha taça num íntimo desvario
para indagar em prol de um argumento;

quem deseja a lua ainda não a merece
todavia, em sua rota de movimentação,
ela acompanha os seres e os enaltece
como raro espelho diante do pavilhão;

as brumas azuis que ainda obscurecem
vão mesmo se exaurindo e desaparecem
e o esplendor do luar cintila afinal;

contemplando o céu pode-se constatar
que a lua vem à noite subindo do mar
e perde-se nas nuvens como é natural.

10. A LUA DE HOJE E DE OUTRORA

Homens de hoje, com o poder da visão,
não contemplam mais a lua de outrora,
porém a lua de hoje em contraposição
iluminava homens que já foram embora;

assim, homens que viveram no passado
com seu íntimo poder de contemplação,
e homens de hoje que a têm observado
fazem uma corrente que flui em união;

todos contemplam a lua habitualmente,
ela tem estado mesmo sempre presente
e tem representado um íntimo tesouro;

o que quero, enquanto estou a saudar,
é que na hora de cantar e de brindar
que a lua se reflita na taça de ouro.

11. UMA FLAUTA DE JADE

De onde vem um som de flauta de jade
que voa melodicamente na noite calma,
promovendo naturalmente a felicidade
e o inebriante arrebatamento da alma?

Ele vem nas asas do vento primaveril
e enche a cidade de nuances curiosas,
pois a sua essência é bastante sutil
trazendo esta sonoridade maravilhosa;

quando, numa noite algo deslumbrante,
se reconhece na melodia interessante
a linda ária do "salgueiro quebrado",

quem não sente em si automaticamente
a saudade de um campo bem envolvente
que, na terra natal, era contemplado?

12. ROSA VERMELHA

Uma esposa de guerreiro está sentada
esperando à janela de coração aflito,
borda uma rosa branca muito delicada
em almofada de tecido de seda bonito;

picou-se no dedo enquanto trabalhava
seu sangue já escorre na rosa branca,
que ganha o tom vermelho e se agrava
enquanto este sangramento se estanca;

lembra do amado diante de um espelho,
cujo sangue tinge a neve de vermelho,
e escuta um galope, será o seu amado?

Era seu coração em ação taquicárdica,
agora borda com a prata das lágrimas
que cercam o tom vermelho inalterado.

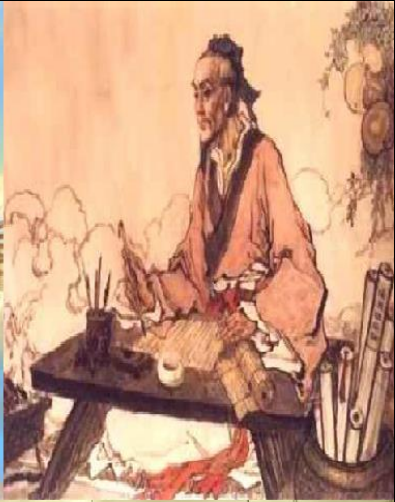
13. DESPEDIDA DE AMIGOS

A montanha verde se estende bem além
da muralha do norte em sua amplitude,
e há água na muralha ao leste também
e assim nos separamos com solicitude;

serás como uma erva da água viajando
para grandes e inusitadas distâncias,
enquanto que permanecerei imaginando
as novas peripécias e circunstâncias;

estas nuvens me farão pensar contigo,
o sol poente me lembrará de um amigo,
assim estarei contigo constantemente;

nós nos afastamos e acenamos as mãos
e nossos cavalos diante da separação
de um ao outro relinham tristemente.



願解衣以事其君老而益壯
 言不而兩人之刻年定曾與指州
 上志百國一為未及日當此指州
 神神位上國上十學水相
 新自之其志上信人備學主其可斷
 於及國皆不之於名山行不又思協其多
 性不皆也道入其之其九德自聖
 得主靜位其在宗路深者白術人軍
 走而也胡不家如舊布可後休
 百前外不學皆此一人病得年酒至但
 屬道入強鼎魏前時其前神或一
 尚皆古林實當就習陳果得
 見之避指七日而前夜靜何美也
 時為建之始持之而言其取之
 之尾錫薛信國為曲而必而
 始者其林不始爾之為人西始
 信而文能也中世皆也其
 不口其安也子可也居靜位而
 之正信信文既顏生永相夜
 曰也者初皆皆端然也惟也則也

14. O CAVALEIRO E O LETRADO

Filhos da fronteira têm incapacidade
referente aos livros por toda a vida,
não sabem senão caçar com sagacidade
orgulhosos de sua força desenvolvida;

seus cavalos se fortalecem no outono,
eles sobem para as selas desdenhosos,
chicotes estalam no manejo dos donos
e suas espadas têm reflexos curiosos;

com falcões, vão às terras distantes,
distendem seus arcos por um instante
e nunca erram um alvo em seu roteiro;

indo até a velhice atrás de cortinas,
como poderia o letrado em sua rotina
competir justamente com um cavaleiro?

15. UMA BELDADE NO CAMINHO

Um famoso cavaleiro pisa altivamente
umas flores que estão caídas no chão,
fazendo-se notar com gesto imponente
deixando entrever sua nobre condição;

o seu chicote vai roçar com maestria
a elegante carruagem agora encostada,
como se entoasse uma rústica melodia
usando como notas as suas chicotadas;

uma beldade sorri e ali se aconchega
erguendo a cortina de pérolas negras
e deixando transparecer a sua beleza,

com o dedo, aponta à longa distância,
para se identificar na circunstância
com seu pavilhão vermelho de nobreza.

16. NO RICO FESTIM

O vinho de uva é oferecido à vontade
e há bastante taças de ouro no local,
e uma jovem com quinze anos de idade
chega num esbelto cavalo tradicional;

suas sobrancelhas estão bem pintadas
suas botas são de tecido avermelhado,
tropeça nas suas palavras empregadas
porém canta com um louvor consagrado;

no rico festim, de nobres convidados,
a linda jovem permaneceu ao meu lado
com o seu talento muito desenvolvido;

que farei de ti, maravilhosa beldade,
quando estamos mais nas proximidades
das cortinas com tom hibisco florido?

17. O NOVO E O ANTIGO

O novo é tão admirável quanto a flor
mas, o antigo é precioso como o jade,
ondulante, a flor não mantém o vigor
puro, o jade não muda sua tenacidade;

o que hoje é antigo foi novo outrora
e o que é novo será antigo algum dia,
uma percepção de novidade vai embora,
mas sua utilidade fica como harmonia;

constatem na casa de ouro trabalhado
que a rainha Chen fez para o noivado
que o ouro mantém a sua durabilidade;

mas, nascem teias de aranha curiosas
nas suas cortinas sempre silenciosas
e um novo coexiste com a antigüidade.

18. PRAZERES DO PALÁCIO

Quando era menina em sua tenra idade
habitava uma casa de ouro trabalhado,
e agora que está vivendo na mocidade
mora num palácio de púrpura decorado;

as belas flores da montanha distante
enfeitam o seu penteado bem inovador,
e é bordado com cravos interessantes
o seu vestido de seda de muito valor;

quando se afasta do palácio profundo
o carro do nobre imperador vai junto
preservando bem a sua vida majestosa;

ela somente receia o fim das canções
e das danças que há nas comemorações
que somem como as nuvens cor de rosa.



FLOR DE LÓTUS

19. COLHEITA DE LÓTUS

À beira do riacho Jo Yeh bem adiante
umas moças que pegam o lótus florido,
conversam e riem de forma insinuante
entre as flores de odores incontidos;

o sol ilumina belas roupas renovadas
que brilham na água em tom refletido,
o vento faz esvoaçar abas perfumadas
que flutuam no ar de modo embevecido;

mas quem são os cavaleiros na margem?
Eles surgem mas estão só de passagem
e os seus cavalos partem com decisão;

vão galopando entre as flores caídas,
as moças se demonstram entristecidas,
porém a decepção delas se fez em vão.

20. SINCERIDADE ENTRE AMIGOS

Para lavar velhas dores entre amigos
é melhor até beber para ser liberado,
para que a mágoa abandone seu abrigo
e o velho assunto possa ser abordado;

as belas noites são mais apropriadas
para estas palavras puras e sinceras,
e a sinceridade pode ser evidenciada
também na transparência da atmosfera;

a lua branca até deve impedir o sono
e sem nenhuma imaginação de desabono
abordar o assunto desde o seu início;

deitaremos numa montanha como irmãos
e então o céu e a terra nos servirão
de colcha e de travesseiro fictícios.

21. DIÁLOGO NA MONTANHA

Perguntais por que moro curiosamente
na verde montanha elevada e distante,
sobrevivendo ali muito estranhamente
recusando uma vida mais interessante?

Intimamente eu sorrio desta pergunta
e não posso responder a esta questão,
pois à esta condição também se junta
a minha perspectiva de auto reflexão;

as flores do pessegueiro são levadas
pelo rio com suas águas movimentadas
simbolizando ação voltada para o bem;

há outro céu e outro chão nesta vida
tornando a minha decisão uma partida
para além do mundo dos homens também.

22. O VIAJANTE DOS MARES

O viajante dos mares em sua aventura
cavalga o vento celeste naturalmente,
fazendo de seu barco a sua estrutura
que o leva por águas resplandecentes;

este vento transporta sua embarcação
a países longínquos e muito curiosos,
transportando junto sua determinação
para realizar feitos mais impetuosos;

sem deixar nenhum rasto em seu curso
e usando apenas o vento como recurso
ele conduz seu barco a outras fontes;

como um pássaro nas nuvens distantes
que realiza seu trajeto interessante
sem deixar nenhum rasto no horizonte.

23. AS FLORES SOLTAS

Em um cavalo branco com sela de ouro
o seu marido foi à leste do mar Liao,
e sob colchas que lembram um tesouro
ela deitou percebendo um íntimo caos;

o altivo vento da primavera assoprou
e pela janela baixa, de modo furtivo,
a lua, que ainda se retirava, lançou
um raio de olhar muito significativo;

a luz da vela do quarto se extinguia
levando com ela sua pessoal harmonia
pois o momento desfolhava sua ilusão;

flores soltas adentraram pelo portal
carreadas até ali pelo vento sazonal
e riram-se de sua momentânea solidão.

24. CANÇÃO DAS CABEÇAS BRANCAS

Sempre repetiste de uma forma franca
que envelheceremos com a mesma união,
e nossas cabeças se tornarão brancas
como a neve ou como uma lua de verão;

hoje soube que amas uma outra pessoa
e agora venho para a nossa despedida,
vamos lembrar somente de coisas boas
e cante a minha canção da ave ferida;

eu embarcarei no rio Yu Keú bem além
onde as suas águas se dividem também
para leste e para oeste pela divisão;

por que chorais, jovens companheiros,
lembrai de juramentos já costumeiros
e de que, juntos, todos envelhecerão.

25. CAMINHANDO PELA BRUMA

Afastamo-nos da montanha azul afinal
a lua nos acompanha da mesma maneira,
e o orvalho produz um peso adicional
nas mangas da nossa roupa costumeira;

voltamo-nos para avaliar num momento
a distância percorrida anteriormente,
mas uma bruma esbranquiçada no tempo
esconde o campo quase que totalmente;

de mãos dadas, em ação quase mística,
estamos diante da casa que é rústica
mas, que garante nossa sobrevivência;

nossos amigos nos esperam atenciosos
e nós nos reuniremos muito amistosos
para falarmos de nossas experiências.

26. CANTO DO VENTO NOS PINHEIROS

Caminhamos ao longo de outra alameda
bordada de bambus em toda a extensão,
ela se parece com uma onírica vereda
com abundância do verde na vegetação;

os bambus nos raspam quando passamos
mas continuamos com toda a liberdade,
agora, ao final da jornada, chegamos
estamos todos unidos! Que felicidade!

Servem-me o vinho perfumado primeiro,
canto o canto do vento nos pinheiros
e o ambiente tem um bom envolvimento;

já os rouxinóis, os insetos e as rãs
cantam com instintivo e original afã
e nós cantamos juntos ao mesmo tempo.

27. F I D E L I D A D E

Duas andorinhas e só duas andorinhas,
as andorinhas somente voam aos pares,
não pousam jamais, se estão sozinhas
em torre ou em pavilhões dos lugares;

e havia duas andorinhas companheiras
que viviam num cedro muito contentes,
quando ardeu este suporte de madeira
que abrigava seu ninho amistosamente;

foram ao palácio do rei Wu mais além
mas, o palácio do rei queimou também,
macho e filhotes morreram juntamente;

o incêndio queimou também sua rotina
e a fêmea ficou só olhando as ruínas,
este conto me entristece intimamente.



28. L E M B R A N Ç A S

Naquela noite em que jantamos juntos
nevava no jardim Liang incrivelmente,
e falávamos de um misterioso assunto
e nos deixamos empolgar visivelmente;

sentia muito frio enquanto falávamos
porém, tu não notavas como eu tremia,
pois o nobre assunto que abordávamos
embevecia toda a tua íntima sintonia;

esta noite, relembro a felicidade,
vi as árvores que têm feitio de jade
que me transmitiam curiosa confiança;

junto das quais eu mesmo antigamente
costumava esperar por ti alegremente,
mas agora tudo se reduz a lembranças.

29. MELANCOLIA DOS DEGRAUS DE JADE

É orvalho que costuma nublar o tempo
que faria brilhar os degraus de jade?
Ou eles choram pelo descontentamento
porque não voltarás com graciosidade?

Através das cortinas agora pendentes
formadas por finas contas de cristal,
que lhes doa um aspecto transparente
em função de sua disposição original;

a lua de outono, que acaba de nascer,
olha para o poema que tento escrever
utilizando a minha íntima inspiração;

sobre esta melancolia impressionante
dos degraus de jade muito brilhantes
que choram a ausência de sua atenção.

30. G A R Ç A B R A N C A

Esse grande floco de neve numa lagoa
até parece uma escultura à distância,
terá sido colocado por alguma pessoa
ou está aqui por outra circunstância?

Não, é só uma garça branca majestosa
que acaba de pousar nesta lagoa azul,
pousou aqui sozinha de forma curiosa
pois não migrou novamente para o sul;

imóvel, parecendo presa por correias,
na extremidade de um flanco de areia
parece perder-se em sua contemplação;

a garça branca de maneira enigmática
observa um inverno de forma estática,
rejeitando o bom momento da migração.

31. RAMOS DO SALGUEIRO

Flores substituíram a neve que vinha
caindo em altos ramos do abricoteiro,
o efeito sazonal segue outras linhas
alterando o visual local por inteiro;

um sopro de primavera aquece o campo
e ramos dos salgueiros da localidade
demonstram muita vitalidade enquanto
naturalmente sussurram de felicidade;

o pássaro yang canta num tom elevado
acompanhando o tempo aqui modificado
acordando a floresta de modo natural;

a andorinha, retornando de migrações,
voa próximo às telhas de construções
completando a viva alteração sazonal.

32. BAILE NO PALÁCIO AZUL

Dançarinas são naturalmente coroadas
com glicínias brancas rotineiramente,
bailam no palácio azul bem adornadas
e elas encantam a todos visivelmente;

a festa durará até o raiar da aurora
quando então seus reflexos brilharão
sobre as cortinas de seda sem demora
dando um tom iluminado ao raro salão;

a lua ilumina o jardim bem altaneiro
já que possui flores de pessegueiros
distinguindo-o já de maneira natural;

e venha até aqui comigo, bela menina,
ouvir o rumor de asas que se origina
em bambus tocados pela brisa matinal.



33. D U A S F L A U T A S

Numa linda noite em que eu respirava
o perfume das flores à margem do rio,
um vento trouxe a canção que exalava
de flauta distante em bonito assovio;

para responder àquela emotiva canção
cortei um adequado ramo de salgueiro,
e minha flauta também entrou em ação
e tocou aquela noite o tempo inteiro;

desde então, todos os dias seguintes,
passou-se a ouvir este raro requinte
quando o belo campo está adormecendo;

os pássaros ouvem os cantos emitidos
por mais dois pássaros desconhecidos,
mas cuja linguagem, estão entendendo.

34. CANÇÃO DA TRISTEZA

Senhor, e ainda nos ofereces o vinho,
todavia não o ponhas em nossas taças,
desejo cantar-te a canção do caminho
da tristeza ou até da falta de graça;

no atual instante os teus convidados
estão menos alegres e um riso vacila,
todos já se demonstram mais cansados
e o ritmo deste entusiasmo já oscila;

as tuas dançarinas já estão cansadas
e tuas tulipas já estão despetaladas
e quase ninguém tem um bom argumento;

neste raro instante meu coração fala
com minha veracidade que não se cala
para que a verdade seja o fundamento.

35. IGUALDADE DIANTE DA NATUREZA

Senhor, tu possuis guerreiros fortes
elegantes palácios e vinho perfumado,
eu só tenho este alaúde em meu porte
que canta os meus cantos amargurados;

nesta vida temos somente uma certeza,
a de que todos morreremos igualmente,
e as bocas que beijamos tendo beleza
estarão cheias de terra naturalmente;

o alaúde que vibra estes sons graves
servirá de poleiro para algumas aves
alterando bem o teor de suas proezas;

senhor, em nome do roteiro que passa
esvaziemos com um trago nossas taças
pois somos iguais perante a natureza.

36. RUÍNAS DE SU TAI

Os arbustos cresceram gradativamente
ao redor de ruínas do palácio antigo,
a sua rotina modificou-se totalmente
e, nele, não se notam mais os amigos;

hoje, a lua de Si-Kiang bem luminosa
é mesmo a única dançarina condizente
a bailar de uma maneira até graciosa
nas ruínas do palácio de antigamente;

a lua dança em salas antes decoradas
de acordo com a vida bem movimentada
e sempre conforme a sua nobre rotina;

onde só deslizavam mulheres formosas
com suas roupas e jóias maravilhosas
mas hoje tudo é mesmo somente ruínas.

37. AO AMIGO WANG LUEN

No instante em que eu já me afastava
dos limites da praia naquele litoral,
com a embarcação que me transportava
eu, Li Po, ouvi uma canção magistral;

era uma canção de dilacerante doçura
que eternizava aquele momento vivido,
eu me lembraria em minha vida futura
de tê-la ouvido de modo bem comovido;

já contava uns mil pés da localidade
mas, a tua significativa afetividade
te fez cantar por mim pela despedida;

o oceano já estava bastante profundo
todavia Wang Luen, que cantava junto,
era mais profundo na saudosa partida.



38. UM DIA DE PRIMAVERA

Nossa vida neste mundo é só um sonho
portanto para que nos atormentaremos?

Prefiro um bom vinho onde transponho
limites que usualmente encontraremos;

acordando, olho atentamente ao redor
e um pássaro gorjeia entre as flores,
então rogo-lhe que me informe de cor
qual a estação do ano e seus valores?

Ele responde sem mais nenhuma espera
que já estamos na época da primavera
onde os pássaros cantam naturalmente;

e então tomo vinho por contentamento,
canto até a lua chegar no firmamento,
e perco a noção das coisas novamente.

39. A LUA DE OUTONO

O lago Nan-Hu embala a lua de outono
a qual se reflete na água esverdeada,
este reflexo simboliza o ígneo abono
que existe naturalmente na madrugada;

o barulho dos meus remos cadenciados
que batiam na água ininterruptamente,
quebravam o silêncio no lago formado
em sintonia com o reflexo pertinente;

os remos também na ação de seu labor
interromperam um bonito hino de amor
que emanava do local misteriosamente;

o hino de amor era vivamente entoado
pelos nenúfares que ali relacionados
cantavam para o luar silenciosamente.

40. PÁSSAROS MIGRATÓRIOS

Eu não pude conter a alegria sentida
que a bela manhã de ontem me induziu,
não posso banir a tristeza incontida
que a pobre manhã de hoje me incutiu;

pássaros migratórios passam no tempo
até lutando contra o vento do outono,
eu encho a taça e olho no firmamento
para brindar a este sazonal abandono;

eu penso em grandes poetas falecidos
e digo que também seria bem sucedido
se ficasse entre astros do horizonte;

as coisas não vão segundo a intenção
deve-se, como tu, tomar a embarcação
e seguir no mar buscando outra fonte.



41. CARACTERES ETERNOS

Redijo versos com íntimos argumentos
levanto minha cabeça e olho a janela,
todos os bambus se balançam ao vento
fazendo um ruído que parece roçadela;

os caracteres que traço têm a feição
de brotos espalhados na neve natural,
e perfume de laranjas tem evaporação
se guardadas muito tempo no embornal;

as rosas necessitam do sol brilhante
e as mulheres bastante interessantes
só necessitam de amor com fidelidade;

meus caracteres não necessitam senão
do barulho destes bambus em agitação
que assim se moverão pela eternidade.

42. N A N Q U I M

Cidade que já assistiu ao nascimento
e ao final de três reinos diferentes,
brindo três vezes pelo contentamento
e te dedico estes versos envolventes;

teus jardins não são mais grandiosos
do que os do país Thsin interessante,
mas, montes têm acmes mais graciosos
do que as colinas de Lo Yang adiante;

antes ali havia um palácio magnífico,
hoje a praga é o seu teor específico
e o que sobrou de uma nobre dinastia;

o tempo e os homens passam para além,
como a água do Yang Tsé Kiang também
que aqui contemplo com nova harmonia.

43. A DANÇA DOS DEUSES

Eu pus num canto toda a minha emoção
e cantei para os homens afetivamente,
e os homens riram-se da minha canção
como se fosse a canção de um demente;

tomei meu alaúde e parti com decisão
e sentei-me no topo da alta montanha,
cantei para os deuses a mesma canção
que as pessoas consideraram estranha;

o sol já se baixava num lindo poente
e ao ritmo daquela canção envolvente
brilhava distintamente cada vez mais;

as nuvens encorpadas se movimentaram
flutuando pelo céu e também dançaram
distinguindo-se do gosto dos mortais.

44. A DANÇARINA MEIO EMBRIAGADA

A brisa faz ondular de modo radiante
os nenúfares aquáticos muito viçosos,
tornando o cenário mais interessante
com movimentos amenos e maravilhosos;

o perfume dos nenúfares em movimento
vem embalsamar um palácio encantador,
bem constituído já há bastante tempo
no meio da lagoa de um modo inovador;

um pouco embriagada aqui neste local
Li Si dança de modo bastante natural
sem mostrar nenhum sinal de embaraço;

mas, cambaleia simulando o solavanco,
ela apoia-se no leito de jade branco
e sorri como quem cria um novo passo.

45. A VOLTA DA FELICIDADE

Sob o sol que doura os belos jardins
na sombra das salas do palácio nobre,
belas moças tocam seus alaúdes afins
e um novo ritmo no local se descobre;

as árias que elas tocam pela devoção
são levadas na brisa até o imperador,
que sorri demonstrando sua aprovação
enquanto mostra seu apreço admirador;

a multidão se junta à beira da lagoa
chamam os barqueiros e novas pessoas
para ouvirem aqueles ritmos fecundos;

a água rebenta contra as embarcações
que têm tendas com várias colorações
e a boa agitação contagia todo mundo.

46. TRÊS MIL DONZELAS

Três mil donzelas saúdam a primavera
com o tributo de seus belos sorrisos,
sinos e tambores soam pela atmosfera
com alegria que simboliza um paraíso;

o nobre soberano observa o seu feito
que se traduz em felicidade e regalo,
os reis imortais evidenciam respeito
dizendo que ele pode ir encontrá-los;

seus carros de nuvens bem enfeitados
passam diante dos olhos maravilhados
esperando-o para uma imortal partida;

mas, o rei não abandonou o seu labor
e eu disse: Longo reino ao imperador,
e, como o monte Nantchan, longa vida!

47. O PAVILHÃO DE PORCELANA

No meio do lago eleva-se um pavilhão
de linda porcelana branca trabalhada,
para ir até lá guia-se pelo corrimão
de diminuta ponte de jade estreitada;

no pequeno palácio que há ali dentro
reúnem-se os amigos para conversação,
vê-se na água o reflexo de elementos
de peônias que enfeitam a construção;

de mangas erguidas pela determinação,
barrete enfiado até o nível da visão
alguns redigem versos de forma usual;

o arco da ponte parece lua crescente
e o reflexo das peônias é condizente
com formosas moças dançando no local.

48. O PESCADOR

A terra já sorveu a neve por inteiro
tornamos a ver as ameixeiras em flor,
são de ouro, as folhas de salgueiros
e de prata, as águas do lago ornador;

polvilhadas de ouro, umas borboletas
pousam a cabeça de veludo plenamente
no coração das belas flores violetas
para sorver o néctar nelas existente;

em seu barco bem imóvel e expectante
um pescador levanta a rede gotejante
agitando a água tranquila sem cessar;

pensa numa bela moça com insistência
esta moça o espera em sua residência,
como uma andorinha esperando seu par.

49. AOS PÉS DA MONTANHA

Ao sul, na fronteira bem posicionada,
a areia aos pés da montanha distante,
imita um campo de neve esbranquiçada
delineando um contraste interessante;

nos elevados muros da cidade rendida
o iluminado luar se parece com geada,
emprestando uma feição bem refletida
à toda aquela região ali contemplada;

um toque de cornetas ali foi emitido,
e após ter sido claramente entendido
todos se recolheram na circunstância;

a noite inteira os soldados do norte
olharam, procurando o íntimo suporte,
em direção às suas casas à distância.

50. CANÇÃO DO RIO

Meu barquinho é do ébano mais escuro,
minha flauta tem suas chaves de ouro,
só com eles eu delinheio o meu futuro
levando a música que é o meu tesouro;

tal como o sumo das plantas colhidas
absorve as manchas da seda na reação,
o vinho absorve uma tristeza nascida
dos sentimentos maculados do coração;

com um bom vinho para a descontração
com um barco bonito para a navegação
e o romance com uma bela moça também,

com o coração intensamente enamorado
levando melodias para todos os lados,
como invejar os deuses donos do além?

51. A NOITE E A SOLIDÃO

As vagas que flutuam na minha frente
brilham mais expressivamente ao luar,
um luar prateia a limpidez existente
na esverdeada água que estou a olhar;

é como se mil peixes de raro cardume
nadassem para o oceano conjuntamente,
sozinho no meu barco como de costume
deslizo ao sabor de ondas diligentes;

de vez em quando, de modo envolvente,
toco a água com os remos confidentes
que fazem um bom papel de sentinelas,

a noite e a solidão até com sutileza
enchem meu coração de muita tristeza
pois estou distante da minha donzela.

52. FIM DA TRISTEZA

Eis um tufo de nenúfares ao meu lado
com suas flores como pérolas enormes,
afogo-as de modo bastante cadenciado
com remos que aqui parecem disformes;

as folhas tocadas murmuram acanhadas
já as flores que se movem juntamente,
inclinando as suas cabeças afloradas
parecem falar comigo conscientemente;

os nenúfares distinguem minha emoção
e eles querem consolar minha solidão
com sua bela e interessante acolhida,

mas só de vê-los bem na minha frente
a minha tristeza bastante envolvente
já estava até naturalmente esquecida.

53. BRISA DA PRIMAVERA

No norte, o gramado que se vê nascer
é tão azul quanto o maravilhoso jade,
mas, aqui as amoreiras deixam pender
os ramos bem verdes com naturalidade;

e finalmente vós pensais em retornar,
justo agora que o meu coração ferido
está quase sem condições de se curar
em consequência do que tenho sentido;

brisa da primavera em rara levitação,
se não reconheço a tua identificação
ao se moveres solta assim pelo tempo,

por que entreabres as belas cortinas
de meu leito coberto com sedas finas
se meu curso está em desenvolvimento?



A LUA, OS VERSOS, OS BAMBUS, O VENTO,
O RIO, OS BARCOS, O ALAÚDE, A CANÇÃO,
OS LAGOS E OS PÁSSAROS NO FIRMAMENTO
ELEVAM A ALMA DE LI PO NA COMPOSIÇÃO.

SONETOS

DE TU FU

Tu Fu



Tu Fu - CHINA - (712 A 770)

OS POEMAS DE TU FU SÃO MUITO BONITOS
E EXPRESSAM UMA CURIOSA PROFUNDIDADE,
TU FU PODE SER BEM VASTO OU RESTRITO
DE ACORDO COM AS SUAS FLEXIBILIDADES.

Tu Fu - Características

Tu Fu viveu de 712 a 770 e conviveu com o poeta Li Po, é possível ver que era admirador de sua poesia quando elogia Li Po já no primeiro poema que colocamos na forma de um soneto onde Tu Fu compara o canto de Li Po com o gorjeio de um pássaro e ainda compara Li Po com o sol e os outros poetas apenas com estrelas menores.

Tu Fu ainda ressalta que a embriaguez turva a atenção das pessoas em geral, mas com Li Po funcionava inversamente estimulando sua inspiração para a elaboração de lindos versos que já no segundo poema Tu Fu profetiza dizendo que eles permaneceriam pela eternidade.

Aqui percebemos uma inteligência que era Li Po impressionando até mesmo o seu companheiro de labor, Tu Fu, todavia ao mesmo tempo com um comportamento equivocado em relação à bebida alcoólica que não poderia de maneira alguma servir de referencial de comportamento para as outras pessoas, provando que o homem inteligente é capaz de demonstrar sua inteligência em alguns aspectos da vida, entretanto em outros aspectos teria até mesmo que aprender com a maioria das outras pessoas. É bem verdade que a embriaguez não chegava a diminuir a criatividade de Li Po, mas nem assim ela deveria ser tomada como exemplo em relação ao comportamento dos outros homens.

Este fato só deixa evidente a diferença que existe entre os homens inteligentes como Li Po e Tu Fu e o verdadeiro gênio que era Lao Tsé, pois homens inteligentes são capazes de produzir grandes obras mesmo na presença de seus defeitos enquanto que o gênio como Lao Tsé produz a sua obra sem conviver com defeitos que possam depreciá-la e Lao Tsé disse: o sábio não pensa em si por simplicidade e por não ter desejos ele é invulnerável e um antigo ditado diz: quem se amolda é forte e equilibrado e esta é a meta maior para se ter uma harmônica vida sociável.

Mais uma vez é possível constatar que Lao Tsé estava preocupado com a transformação do homem de

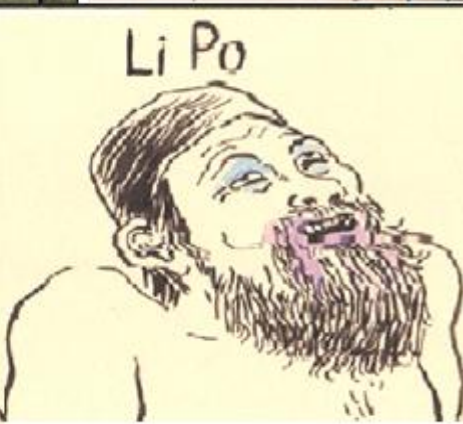
dentro para fora, ou seja, transformando o seu universo interior o indivíduo também iria natural e gradativamente mudar o meio social à sua volta, portanto: Luta mais para transformar a sociedade quem luta mais contra si mesmo.

O poeta Tu Fu já sabia do valor de Lao Tsé e ele deixou escrito em um de seus poemas: “A porta Han Kuan subia no oriente impondo-se de modo inovador, onde se dissipava uma nuvem vermelha que tinha anunciado a vinda providencial do Lao Tsé doutrinador”.

Tu Fu pôde conhecer a condição de se ter um certo poder em suas mãos quando no interior do palácio da dinastia Tang se sentava diante da porta de anil e mandava na ordem dos regulamentos, recebia poderosos, comandava as oferendas do quarto dia da primeira lua e compunha versos que eram recitados por moças no dia seguinte; nesta ocasião até escreveu sobre as escamas de ouro do dragão. O senhor de um império das proximidades elegeu Tu Fu para produzir a literatura da região e ele passou a conviver com letrados ilustres e então passava as noites nas embarcações entoando belas canções numa vida de rara mordomia.

Depois destes dias de glórias Tu Fu regressou ao seu lar e, num ato de curiosa fidelidade, podemos ver que sua esposa o aguardava juntamente com os seus filhos com a mesma afeição de antes e ele até escreve: minha saúde física não é mais normal, entretanto como tenho saúde conjugal eu só preciso mesmo de alguns medicamentos. É possível ver por transparência que o relacionamento conjugal entre os chineses se mantém muito mais por envolvimento emocional do que pelo racionalismo que se nota no mundo ocidental, onde a lei de ação e reação levam os cônjuges a travarem verdadeira guerra de ações e de desforras que na verdade não satisfaz a nenhum dos lados, muito pelo contrário, os torna ressentidos, frios e infelizes pelos embates criados.

No final de sua vida Tu Fu conheceu o lado oposto da vida de mordomias em que ele viveu no palácio da dinastia Tang e passou a lutar para preservar a sua pobre cabana que era depredada por alguns meninos malcriados, forçando-o a temperar os seus sentimentos entre o orgulho desenvolvido no palácio e a indignação agora vigente.



1. POEMA DE TU FU A LI PO (I)

Tu escreves tal como o pássaro canta,
o gorjeio são teus versos influentes,
sem teu canto a manhã não se encanta
e o crepúsculo é menos transcendente;

se a embriaguez que ofusca a atenção
te ajuda com inspiração inversamente,
os imortais inclinam-se sem inibição
para te escutarem de modo envolvente;

o tempo suspende sua ativa levitação
o bem amado esquece sua bela afeição
para apreciar o teu melodioso efeito;

tu és o sol que brilha nos arredores
e nós somos somente estrelas menores,
acolhe, amigo, o tom do meu respeito!

2. POEMA DE TU FU A LI PO (II)

Três noites seguidas sem interrupção
venho sonhando distintamente contigo,
e pelo que lembro em minha percepção
estavas a minha porta como meu amigo;

passavas a mão por teu cabelo branco
demonstrando circunspeção com calma,
mas com semblante taciturno e franco
como se uma dor te denegrise a alma;

depois de dez mil ou cem mil outonos
quando tudo se turvar como pelo sono
que não restar nem mesmo a despedida;

não terás outro prêmio pela acuidade,
será o prêmio inútil da imortalidade,
portanto não te preocupes com a vida!

3. OS RAMOS DE CIPRESTE

Não me tragam mais suas belas flores
mas sim ramos de cipreste esverdeado,
onde porei meu rosto e meus louvores
em sintonia com o que tenho cultuado;

quando o sol desaparece em seu curso
por detrás das montanhas do distrito,
eu também redireciono o meu percurso
tornando-o bem particular e restrito;

ponho meu traje de coloração azulada
de mangas bastante leves e alargadas
para me tornar algo mais imaginativo;

vou dormir buscando adequados sinais
entre os bambus que ela amava demais
para estabelecer meu vínculo afetivo.

4. OS RAIOS OBLÍQUOS DO SOL

Os perfumes da primavera maravilhosa
e os raios oblíquos do sol no poente,
atravessam as minhas janelas ociosas
dando uma coloração muito envolvente;

é a hora em que barqueiros prudentes
começam a cozinhar o arroz nutritivo,
para uma refeição noturna pertinente
criando um clima muito significativo;

pardais cantam num belo envolvimento,
range bastante um carro em movimento
e eu bebo elucubrando até os confins;

os meus reflexos mentais dinamizados
enfim misturam-se aos insetos alados
que zumbem no vão vermelho do jardim.

5. ALMOFADAS DE SEDA

Num palácio ornado de belas pinturas
conheci a felicidade mais envolvente,
evolavam aromas de nobres estruturas
à minha passagem muito comovidamente;

eu dormia nas almofadas de seda fina
cercado de cantoras de modo habitual,
eu via somente jardins em minha sina
atapetados de pó do mais lindo coral;

hoje vivo uma vida bastante alterada,
enclausurado na fortaleza localizada
no Kueit Tang sem altaneiro arremedo;

só ouço graves apelos das sentinelas
e gritos dos macacos da minha janela
divertindo-se ao luar entre rochedos.

6. NO TERRAÇO DO NORTE

Espero mas estremeço enigmaticamente,
perco o entusiasmo de forma habitual,
se ao menos eu avistasse nitidamente
as luzes brilhantes da nossa capital;

tenho que contentar-me com uma visão
que não me trás uma plena felicidade,
e satisfazer-me só com a constelação
que reluz no firmamento desta cidade;

e quando a minha tristeza amargurada
se torna expressivamente mais pesada
eu vou sentar-me no terraço do norte;

onde o vento acumula flores curiosas
de uma invisível amendoeira dadivosa
e eu me sinto intimamente mais forte.

7. A MESMA LÂMPADA

Essa noite eu estou sentindo alegria,
a mesma lâmpada também nos iluminava
quando nos despedimos com melancolia
ignorando o futuro que nos aguardava;

como nós já envelhecemos com a idade
como passam mais depressa nesta vida
a hora da adolescência e da mocidade
de tal modo que são pouco percebidas;

e agora quase todos os nossos amigos
já não vivem em seus antigos abrigos
pois já estão nos jardins sem clarão;

hoje, amigo, eu estou tão emocionado
por, finalmente, ter te reencontrado
que deves sentir bater o meu coração.

8. DEPOIS DE VINTE ANOS

Depois de vinte anos muito afastados
aqui estou sentado em tua residência,
quando fomos cada um para o seu lado
teu elo conjugal não tinha evidência;

e hoje eis que acariciei com afeição
teus filhos e tuas filhas juntamente,
deste às crianças uma nobre educação
que chega a ser perfeita socialmente;

percebo que te inclinaste sobre elas
com toda a dedicação e muita cautela
como genitor consciente e orientador;

tal como te inclinavas todos os dias
sobre os lindos poemas que escrevias
que revelavam bem o teu íntimo valor.

9. O PERFUME DO PASSADO

Pelas proximidades de tua residência
teu filho mais velho me cumprimentou,
perguntou da minha saúde em vigência,
da família e do povoado que me gerou;

desculpa-me, criança de boa educação,
pois eu não te respondi de modo fino,
eu escutava o barulho de um ribeirão
que me conheceu quando eu era menino;

caro Tchang Tsé, nossa velha amizade
vai se prolongar até pela eternidade
e se torna o meu mais precioso valor;

porque estamos na idade dos costumes
em que o passado já tem mais perfume
que um ramo de belas lilases em flor.

10. OS ÚLTIMOS CRISÂNTEMOS

Nas montanhas Vuchan, o vento gelado
até desenraiza as árvores existentes,
o tempo local fica muito transmudado
e cai uma chuva grossa e persistente;

a grande inundação aumenta dia a dia
não se distinguem mais nem os montes,
nem a planície com sua rara alegoria,
a névoa e a água inundam o horizonte;

apesar dos tumultos que se desdobram
meus últimos crisântemos desabroçam
mostrando os seus primaveris valores;

Yung Hi, se vieres num barco ao lado
contempla-os no meu jardim plantados,
as ideias se iluminarão com as cores.

11. A PORTA DE HAN KUAN

Minha alma ficou no palácio elegante
construído em Pong lai suntuosamente,
cuja majestade humilhava a relevante
montanha Nanchan inquestionavelmente;

como flor de lótus muito desmesurada
a torre feita de porcelana artesanal
quase que alcançava as nuvens aladas
onde poetas viam o orvalho celestial;

o belo lago Yao brilhava no ocidente,
já a porta Han Kuan subia no oriente
impondo-se de modo bastante inovador,

onde se dissipava, como foi revelado,
a nuvem vermelha que tinha anunciado
a vital vinda do Lao Tsé doutrinador.



12. A PORTA DE ANIL

Em Pong lai, nos jardins refulgentes,
abanam-se leques de plumas de faisão,
sobe a fumaça dos aromas envolventes
e luzem as escamas de ouro do dragão;

na época, no meio dos acontecimentos
sentado diante da bela porta de anil,
eu mandava na ordem dos regulamentos
e recebia os poderosos de modo sutil;

comandava as oferendas do quarto dia
da primeira lua com a maior harmonia
e o local traduzia um nobre requinte,

terminada a minha tarefa concernente
eu compunha versos de modo diligente
e moças os recitavam no dia seguinte.



O Poeta Tu Fu

13. O DITOSO VALE DE KUAN

Em Kuan, lembro-me de um vale ditoso
onde os picos de Tchang Nam azulados,
se refletem de modo bastante formoso
no Merpei muito tranquilo e serenado;

colhia-se tanto arroz naquela região
que até cotovias no local existentes
tinham sempre a sua relevante porção
e todos no lugarejo viviam contentes;

o belo pássaro Pong huang envelhecia
sempre em paz e em completa harmonia
nas suas grandes árvores expressivas,

moças bonitas brincavam nos esportes
por entre as árvores da canela forte,
e a localidade era sempre mais ativa.



14. MODESTO PINCEL

O senhor do império das proximidades
se dignou a honrar com a sua afeição
meu modesto pincel para as novidades
na literatura produzidas pela região;

letrados ilustres e muito talentosos
também eram amigos meus no dia a dia
aqueles foram os tempos maravilhosos
em que, o que se sentia, se escrevia;

passávamos as noites nas embarcações
entoando belas e expressivas canções
e cultivando os melhores sentimentos,

nossas canções ressoavam serenamente
pela noite afável e muito envolvente
arrebatando-nos com o deslumbramento.

15. LAGOA DE KUAN MING

A lagoa de Kuan Ming, esse monumento
da época dos Han bastante influentes,
viu os barcos de junco em movimentos
enfeitados com estandartes eminentes;

e agora não é mais do que um espelho
da fiandeira celeste em sua reflexão
sem nenhum bote ou qualquer aparelho
e insensível à geada desta transição;

seus nenúfares e seus lótus floridos
matizam serenamente o véu enegrecido
com que o outono a recobriu no tempo,

um véu com grãos de kumi se renovará
mas o vento, em breve, os desfolhará,
eu estou só, com tristes pensamentos.

16. CASAMENTO DE APREENSÃO

Criar uma filha para casá-la na vida
com um soldado que luta intensamente,
antes largá-la ou dá-la como perdida
na estrada, ao nascer, indevidamente;

ela trançou seus cabelos serenamente
no dia de seu casamento estabelecido
entretanto o seu leito paralelamente
não teve nem o tempo de ser aquecido;

pois tarde, ao cair do sol no poente,
ela se tornou a esposa conjugalmente
mas separaram-se nas luzes da aurora,

a morte o ameaça a qualquer instante
e a esposa está em agonia incessante
ela é ferida enquanto ele vai embora.

17. TOMADA DE CONSCIÊNCIA

A esposa tinha prometido pelo louvor
acompanhar o marido a todos os lados,
como demonstração de seu grande amor
e de um compromisso fielmente selado;

mas, ela percebeu que a sua presença
apenas acarretaria os novos cuidados
e sua opinião se alterou sem detença
para não tornar os fatos complicados;

ela disse pela tomada de consciência:
Não pronuncieis com muita frequência
o nome de vossa jovem esposa querida,

e tentai esquecer de modo programado
tudo o que não seja dever de soldado
para que possais lutar bem pela vida.

18. RENÚNCIA AOS VALORES

A esposa disse concernente ao marido:
Se estivesse convosco rotineiramente,
entre os vossos camaradas destemidos,
vossa coragem reduziria naturalmente;

levei meses para tecer meus vestidos
do pano mais fino em vossa homenagem,
mas não vestirei como foi pretendido
pois não vindes aqui nem de passagem;

já renunciei aos perfumes das flores,
renunciei até às joias e aos valores
mas vejo pássaros que voam aos pares,

invejo os pássaros por esta condição,
meu marido, quantos dias se passarão
até encontrar de novo nossos olhares?

19. A SURPRESA DO RETORNO

Empurrei tremendo a porta da entrada
da minha residência após muito tempo,
meus filhos e minha mulher resignada
me viam chegar sem um reconhecimento;

por fim, lançaram-se nos meus braços
não podiam crer num retorno paternal,
suas lágrimas corriam até meu regaço
pelas mangas da minha roupa habitual;

a notícia se espalhara como novidade
alguns moradores da nossa localidade
me contemplaram com bastante espanto,

luzes ficaram acesas a noite inteira,
todos cercaram-me de forma altaneira,
quase que parecia um onírico encanto.

20. RECORDANDO O PASSADO

Logo que pude me livrar naturalmente
de negócios públicos da minha alçada,
retornei algo mais descontraidamente
para minha bela aldeia tão festejada;

retorno para a aldeia de recordações
onde me esperam muito fraternalmente
minha boa mulher com graciosas ações,
assim como os meus filhos juntamente;

ao passear com eles por belos campos
recordo o passado com todo o encanto
pois aquele foi um maravilhoso tempo,

quando a guerra não aborrecia o país
todas as noites eu dormia mais feliz,
e todos usufruíamos de contentamento.

21. CONVERSA ENTRE AMIGOS

Uma tempestade hedionda e tumultuada
derruba os pobres lares e os templos,
e os esposos adormecem de mãos dadas
como para um adeus no relacionamento;

o arroz e o levedo tiveram seu tempo
para fermentar no vasilhame adequado
e o forte líquido em desenvolvimento
já se encontra devidamente preparado;

transvasai já sem demora essa bebida
que nos fará até esquecer em seguida
destas horrorosas calamidades atuais,

entrai, meus velhos e íntimos amigos,
podereis conversar nesta casa comigo,
entrai, temos numerosas taças a mais.

22. CANÇÕES NA MADRUGADA

Uang Tsai, dizes que o vinho é fraco
mas, eu sei porque isto se verificou,
ninguém tapou, com adubo, os buracos
pois o exército do oriente nos lesou;

mas deixemos este vinho enfraquecido
procedente de um tempo de crueldades,
escutai os meus cantos mais sentidos
eles reconfortarão vossa afabilidade;

cantei emotivamente até de madrugada
revelando minhas canções consagradas
buscando a entonação mais envolvente,

e quando me calei, todos os velhotes
que também haviam perdido seus dotes
sorriam na claridade do sol nascente.

23. O RIO DAS GAIVOTAS

Vinde, ao redor do meu lar fraternal
corre um rio alegre como a primavera,
e vereis gaivotas voando neste local
se o vento se levitar como se espera;

e como eu nunca recebo uma visitação
não mando varrer veredas construídas
dentro do jardim com maior dedicação,
pisareis num tapete de folhas caídas;

desculpai-me pelo almoço bem modesto
visto que o mercado não é aqui perto
e este instante me tomou de surpresa,

eu me esforçarei de forma incessante
por relatar-vos coisas interessantes
para compensar a falha na minha mesa.

24. AO REDOR DA ALDEIA

Hesitais? Temeis o meu aborrecimento?
Certo, pelo menos vamos beber juntos,
brindaremos à comunhão deste momento
com o tinir destes copos em conjunto;

o ribeirão divide-se em sua extensão
nos seus dois braços bem nitidamente
gerando um anel em sua circunvolução
ao redor da aldeia de forma evidente;

minha casa foi erguida na bifurcação
e, deste anel de prata, é seu castão
nela, somos fundamentalmente felizes,

as andorinhas fazem ninhos exigentes
nas vigas da minha varanda imponente
e vêm libélulas nos meus pés de íris.

25. A SAÚDE CONJUGAL

Contemplo os belos pomares do jardim
onde se identifica uma bruma azulada,
e eu permaneço por muito tempo assim
respirando esta rara bruma encantada;

minha bela esposa bastante diligente
tece um curioso desenho quadriculado
em um pedaço de pano insistentemente
revelando um senso artístico apurado;

meu filho entorta uma agulha potente
para formar um anzol muito eficiente
revelando um primoroso discernimento,

minha saúde física não é mais normal
entretanto como tenho saúde conjugal
eu só preciso de alguns medicamentos.

26. CONFLITO PATRIÓTICO

Em um vale deserto em alguns setores
oculta-se uma mulher bem nobre agora,
ela abdicou de seus ilustres valores
e é a mais bela de hoje e de outrora;

seus antepassados são muito ilustres
ela deveria reinar promovendo festas,
todavia houve um palaciano desajuste
e agora ela até prefere as florestas;

e uma inundação de sangue patriótico
submergiu a pátria num óbice caótico
num momento bastante desinteressante,

muitos homens também foram degolados
não puderam nem mesmo ser enterrados
e dentre eles haviam até comandantes.

27. EGOÍSMO E INJUSTIÇA

Tempo de egoísmo e de mais injustiça
deixam-se os derrotados em conflitos,
tem-se exacerbada violência e cobiça
e só se voltam as costas aos aflitos;

acreditar na piedade dos semelhantes
é como loucura ou pouco entendimento,
é como contar de forma preponderante
até com uma candeia exposta ao vento;

uma mulher observou com acometimento:
Como pessoas se identificam no tempo
com opções que só revelam leviandade,

meu marido é fraco em sua apreciação
basta-lhe que a nova esposa em união
tenha o corpo escultural como o jade.

28. FIDELIDADE E INSENSIBILIDADE

O fiel pássaro Yuen não deixa jamais
a sua companheira em nocivo abandono,
os comportamentos tornam-se naturais
e, em seu dia a dia, não há desabono;

já os lótus noturnos, paradoxalmente,
germinam insensíveis ao brilho solar,
a vida de planta ainda é indiferente
ao senso conjugal em que vive um par;

uma mulher disse com muito desalento:
Meu esposo, vou precisar de um tempo
para me habituar com este novo curso,

olhos de tua nova esposa te fascinam,
os seus sorrisos sedutores te animam
e, ao cantar, não ouves meus soluços.

29. TRANSPARENCIA E PARTICIPAÇÃO

A água de uma fonte muito cristalina
que brota da montanha rotineiramente,
nasce sempre alva de maneira genuína
como se fosse filtrada primeiramente;

contudo esta mesma água transparente
pode perder sua limpidez no percurso,
quando se faz errante ou displicente
e depois já não se tem mais recursos;

eu encarrego a fiel amiga do meu lar
para vender umas contas do meu colar
que requerem senso mais diferenciado,

e eu só peço à árvore da madressilva
que conserte de uma maneira decisiva
o meu teto de bambu muito danificado.

30. AS RUÍNAS PALACIANAS

Essa torrente existente num ribeirão
salta e ruge de modo bem pronunciado,
e o vento ulula em rude manifestação
ao longo de pinheiros bem castigados;

os ratos se afastam na minha chegada
e vão se esconder sob antigas telhas,
que já apresentam uma cor modificada
em relação à antiga tintura vermelha;

qual imperador fez construir outrora
na localidade este palácio que agora
se encontra literalmente desmoronado?

Já não restam senão ruínas absolutas
neste flanco de uma montanha abrupta
que eu contemplo bastante emocionado.

31. ESTERTORES DO PASSADO

Chamas bem azuladas correm pelo chão
percebem-se até estertores e gemidos,
os vigores da natureza têm motivação
talvez em função dos fatos ocorridos;

as dez mil vozes geradas na natureza
choram pelo desprezo e pelo abandono,
fazem um estulto concerto sem beleza
que eleva a feição trágica do outono;

o dono deste palácio antes imponente
possuía dançarinas belas e salientes
que hoje representam um pó inanimado,

o soberano possuía carros guerreiros
mas resta, de todo o teor costumeiro,
somente um cavalo de jade no gramado.

32. TRISTEZA E DESCONTRAÇÃO

Quisera fazer vazar a minha tristeza
num poema durável e muito encantador,
que transformasse em preciosa beleza
as más particularidades da minha dor;

porém, eu choro diante deste cenário
e também treme o pincel na minha mão,
extravasando este senso extraordinário
vai simbolizar uma difícil adaptação;

uma cantiga é cantada por um mendigo,
ele canta sorrindo, sem nenhum amigo,
deixando vazar descontraídas emoções,

uma voz indaga: Se ele não teve nada
e mesmo assim ainda canta na jornada,
por que gemes, com belas recordações?



33. REFLEXOS NO CORAÇÃO

Minha barca desliza mais rapidamente
e eu contemplo o rio nesta navegação,
há nuvens passando concomitantemente
pelo céu e despertam a minha atenção;

e rio reflete uma noite de claridade
pela luz que, da lua, vem sem cessar,
e só se altera esta ígnea tonalidade
quando uma densa nuvem oculta o luar;

vejo a barca deslizar sobre este rio
vencendo fielmente o hídrico desafio
e parece que vou em pleno firmamento,

penso na amada que tem dócil devoção
que sempre se reflete no meu coração
e eu ainda ignoro o espaço e o tempo.

34. TRANSITORIEDADES DA FELICIDADE

Esperamos pelo crepúsculo encantador
para passearmos na embarcação ornada,
em balo os nenúfares de poético valor,
a brisa leve encrespa a água azulada;

pelas margens bastante interessantes
por onde caem as flores de cerejeira,
avistamos calmos e ternos passeantes
caminhando ainda ao longo da ribeira;

meus amigos preparam bebidas geladas
e as moças desta maravilhosa jornada
cheiram glicínias com espontaneidade,

uma nuvem nos segreda que vai chover
e alguns versos também irei escrever
sobre transitoriedades da felicidade.

35. A CASA DA INFÂNCIA

Desejei ver a casa da minha infância
mas apenas encontrei cinzas no lugar,
cansado de chorar pela circunstância
saltei numa barca e me pus a navegar;

pelo vasto mar, numa noite de safira,
toquei a flauta para o luar de verão,
para ver se transmudava numa mentira
toda aquela nociva e triste condição;

eu toquei uma música em que soluçava
a enorme angústia que me atormentava
mas a lua tapou com um véu seu rosto,

retornei para a terra com desencanto
e toquei para a floresta o meu canto
mas as folhas não viram meu desgosto.

36. DECEPÇÃO E AFEIÇÃO

Eu compreendi que a minha felicidade
estava danificada de forma escabrosa,
sob as cinzas da trágica adversidade
do lar da minha infância tão saudosa;

voltei para a beira mar com decepção
estava a ponto de jogar-me no oceano,
quando uma moça veio numa embarcação
e alterou os meus incoerentes planos;

oh tu que sorriste para mim com amor
quando eu padecia de desmesurada dor,
tu que me salvaste de um vil delírio,

reconstruirei no teu emotivo coração
a casa da minha infância com afeição
reequilibrando o meu nocivo martírio.

37. VISITA AOS ANCIÕES

Os galos faziam um anárquico alarido
e preparavam-se para brigar no local,
quando eu cheguei bastante resolvido
interrompendo a luta de modo natural;

aqueles galos voaram algo assustados
em direção a umas árvores no terreno,
e somente então é que foi constatado
que eu batia à porta com ruído ameno;

vi aparecerem três ou quatro anciões
que indagaram sobre minhas condições,
e se vinha de alguma região distante,

todos tinham copos de vinho nas mãos
e, ao derramar, apresentava turvação
mas ficava límpido no mesmo instante.

38. CARÊNCIA NA AGRICULTURA

Anciões que me recepcionaram amáveis
se lamentaram pelo vinho estar fraco,
porque não haviam adubos apreciáveis
para cobrir, num plantio, os buracos;

com tantas agitações tão inadequadas
os soldados não tinham tréguas mesmo,
toda a mocidade na guerra tumultuada
e a agricultura se dinamizava a esmo;

e pediram que eu cantasse uma canção
mas, mal puderam conter a sua emoção
depois de beber o vinho enfraquecido,

quando eu acabei de cantar no evento
pela carência de vinho e de alimento
começaram a chorar bem constrangidos.

39. O VENTO DO OUTONO

Agora no oitavo mês, em pleno outono,
o vento ruge com uma natureza tirana,
e leva num turbilhão em vil desabono
três níveis de palha da minha cabana;

as palhas voam em evidente dispersão
atravessam o amplo rio da localidade,
e espalham-se pela força da impulsão
pela ribanceira até com naturalidade;

o que voa para as elevadas altitudes
fica suspenso em intrigante quietude,
em ramos da grande floresta do local,

o que voa baixo tem um outro destino
vai girando, simulando raro desatino,
até cair nas ravinas de modo natural.

40. INFÂNCIA E VELHICE

As crianças da aldeia do sul extremo
riem-se da fraqueza da minha velhice,
têm audácia de, somente com um aceno,
me roubar em rara e precoce vigarice;

elas retiram os colmos da vestimenta
fugindo por entre os bambus do local,
e grito até ficar com a boca sedenta
mas de nada adianta minha briga oral;

volto para casa visivelmente cansado
suspiro apoiado no meu antigo cajado,
sentindo-me mesmo bastante impotente,

o vento pára mas o céu tem escuridão
o céu de outono ganha muda expressão
escurecendo mais com o sol no poente.

41. ADVERSIDADE ESTABELECIDA

Lençóis e colchas estão envelhecidos
e frios como o ferro em discrepância,
os meninos os rasgam bem aborrecidos
a pontapés com inusitada repugnância;

e todos os leitos que há no aposento
encontram-se tragicamente umedecidos,
não há um lugar que, neste pavimento,
esteja seco ou regularmente aquecido;

sinto câibras nos membros inferiores
e como sinto muitas incontidas dores,
eu não os posso estender devidamente,

a noite é bastante longa e umedecida
e diante da adversidade estabelecida
como eu a poderei passar higidamente.

42. UM SONHO DE CONSTRUÇÃO

Quem pudesse levantar uma construção
com milhares de peças em nivelamento,
protegeria toda uma grande população
e deixaria os povos em contentamento;

o vento e a chuva nunca a destruiria
seria sólida como uma rocha bem dura,
porque seria de resistente alvenaria
eu espero vê-la em minha vida futura;

ai de mim, quando chegará o instante
de ver esta construção bem relevante
diante de meus olhos bem conscientes?

Minha cabana sofreu o desmoronamento
e aqui vou morrer com o resfriamento
mas tudo estará mesmo bem finalmente.

Tu Fu

白居易
張
顯
備
龍
語
自
序



AS NUVENS, A FLAUTA NA EMOÇÃO HUMANA,
A FLOR DE LÓTUS, O BARCO, O RIBEIRÃO,
O SOL E A LUA NA ALTA VIDA PALACIANA
INSPIRAM, EM TU FU, A SUA IMAGINAÇÃO.

SONETOS

DE LI HO



Li Ho - CHINA - (791 - 817)

LI HO CANTA OS MESES DE CADA ESTAÇÃO,
CANTA SACERDOTISAS E SUAS FACULDADES,
SEUS POEMAS FAZEM A ALUSÃO AO DRAGÃO
E O MISTÉRIO SE LIGA COM A REALIDADE.

Li Ho - Características

Li Ho viveu de 791 a 817 e é o quarto poeta de expressão na dinastia Tang, ele elabora uma interessante sequência de cada um dos doze meses do ano, descrevendo as particularidades da natureza que cada mês apresenta de acordo com as transformações sazonais a eles pertinentes.

1) Março: no hemisfério norte é o início da primavera. 2) Abril: presença de galhos floridos. 3) Maio: flores flutuam no rio sinuoso. 4) Junho: o verão se exprime como estação. 5) Julho: sementes se umedecem como é natural. 6) Agosto: o rei vermelho cavalga seu crepitante dragão. 7) Setembro: ela sente um arrepio e a urso maior se oculta sensibilizada. 8) Outubro: há folhas de lótus no lago. 9) Novembro: céu branco e vazio e jardins gelados. 10) Dezembro: vê-se um pingente de gelo na neblina. 11) Janeiro: gotas de neve para a harmonia. 12) Fevereiro: para a primavera se instalar.

O poeta Li Ho redige sua poesia como um verdadeiro mestre dessa arte e num de seus poemas a sua habilidade de poeta ficou bastante evidente, pois quando descreve a dor de uma raposa que chora a perda de seu companheiro morto ele consegue colocar a chuva de outono como se fossem as lágrimas da própria raposa e incluiu também uma coruja que piava o seu lamento para fazer composição com o tristonho constrangimento da raposa que ainda movimentava a sua cauda dourada de onde levitavam mitológicos dragões nascidos de suas íntimas ilusões e toda a tristeza termina de forma algo feliz quando constata que a sua vida iria continuar por intermédio de um filhote.

A obra de Li Ho alcança um excelente limiar quando descreve as atividades de uma sacerdotisa que fazia o seu cozimento como se fosse um elo catalisador entre as suas evocações e os espíritos que participariam de sua “ação mediúnica”, então ela adicionava um vinho e nuvens densas evaporavam daquele cozimento subindo para o firmamento, se alguns papéis litúrgicos e decorativos estalavam ao vento é porque aquela sessão era evidentemente realizada ao ar

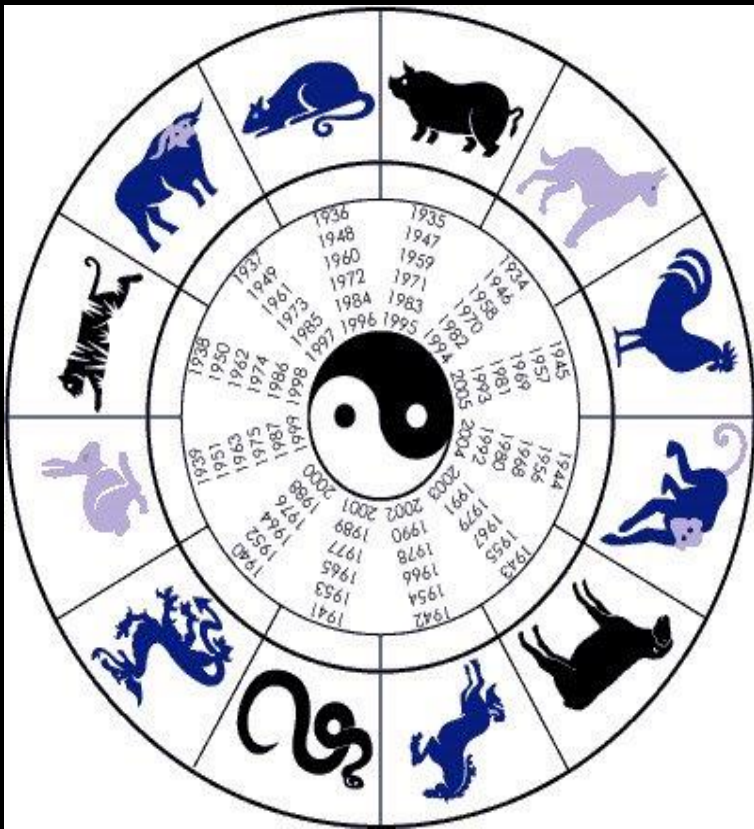
livre. Ela possuía um alaúde feito de madeira que mostrava uma fênix dourada incrustada em seu visual e então ela o empunhava com sua face instigante e tocava com os acordes dissonantes que caracterizavam as suas músicas inusitadas. A mulher invocava estrelas luminosas e seres de uma outra região para adentrarem em sua área misteriosa e dentro de sua poção. Quando os seres começavam a comer as pessoas sentiam um estremecimento e neste momento eles estavam quase que em real aparecimento. Suas irritações e também suas satisfações se refletiam nela como manifestações e ela estremezia a sua face no ato desta façanha. Ao final daquela sessão eles retornavam numa espécie de redemoinho para as distantes montanhas onde costumavam viver.

Esta é uma raríssima descrição de atividade envolvendo espíritos que se conhece pois nesta época, isto é, século 9º a Europa já fazia as suas perseguições às bruxas e quaisquer atividades espirituais eram consideradas como sendo coisa do diabo e as bruxas terminavam suas vidas nas fogueiras da ignorância dos verdadeiros bruxos inquisidores que as estavam queimando, entretanto a China seguiu um caminho bem mais tolerante do que o da Europa.

Desta forma a poesia de Li Ho chega até nós como excelente expressão poética, mas chega também como interessantíssimo documento histórico sobre as atividades espirituais desenvolvidas na China do século IX.

A poesia de Li Ho também nos mostra que havia um gosto do chinês especialmente por duas entidades mitológicas: a ave fênix e também pelo dragão e aqui nesta poesia sobre a sacerdotisa ele registrou que em seu alaúde havia uma mitológica ave fênix incrustada.

A poesia pode ser manifestação puramente literária que cultive devaneios e que seja apenas a expressão das mais variadas emoções, entretanto percebe-se aqui, em Li Ho, que ele ultrapassa de longe este limiar corriqueiro e ele projeta a sua poesia como um documento que as futuras gerações poderão e deverão analisar com atenção. Quando se queima um suposto problema humano numa fogueira, o autor desta ação desperta o pavor na população e o povo deixa de elucidar o problema de forma racional.



Os doze meses e os doze signos chineses

DOZE POEMAS SOBRE OS MESES

1) PRIMEIRA LUA (MARÇO)

Subi degraus da torre de tom singelo
e saudei a primavera com seus traços,
observei brotos do salgueiro amarelo
e um lento relógio d'água do palácio,

a espessa névoa deixa gelada a grama
tem-se um vento gelado na localidade,
ela fantasia a fria alvorada na cama
e sua pele torna-se fria como o jade,

sua face úmida também está carregada,
vem a primeira luminosidade atenuada
e ilumina o seu semblante juntamente,

não cortes salgueiros em tua jornada
não tires ainda as folhas amareladas,
deixe que tudo aconteça naturalmente.

2. SEGUNDA LUA (ABRIL)

Bebendo vinho nas bordas do ribeirão,
onde eles recolhem amoras deliciosas,
eu vejo galhos floridos na vegetação
dividindo área com orquídeas viçosas,

nas folhas cruzadas tal como espadas
veem-se andorinhas em ação laboriosa
exercitando-se na estação apropriada
e uma névoa fixa-se na borda da rosa.

Sua cabeleira ficou bastante elevada
e ela deixou as nuvens envergonhadas
quando sua saia se levantou na dança,

nós dissemos adeus àquela embarcação
e foram cantando pelo rio uma canção
e na montanha o ocaso pôs sua nuança.

3. TERCEIRA LUA (MAIO)

O vento sopra e a primavera se aviva
e há salgueiros na entrada da cidade,
pelos corredores a brisa passa ativa
e sussurra nos bambus com velocidade,

as roupas parecem ter um hídrico véu
um vento agita os campos na extensão,
névoas e nuvens unem a terra e o céu
e mesmo assim a área é de inspiração,

concubinas se produzem como soldados
e sobancelhas de teores compactados
são pintadas com rigor mais exigente,

o vento leva um raro aroma delicioso,
flores também flutuam no rio sinuoso
e isto nos faz meditar profundamente.

4. QUARTA LUA (JUNHO)

Auroras e crepúsculos bastante frios
numa região de penumbras exuberantes,
muitas colinas de esmeraldino feitio
parecendo perto das nuvens distantes,

uma chuva de suave e sutil proporção
surpreende a fala entre as folhagens
densas folhas e flores em associação
brilham atrás de portões na passagem,

a água da poça treme com a ondulação
no verão que se exprime como estação
e nesta ação minha alma se deslumbra,

rosas esperam arrefecer seus valores
no desvanecimento efêmero das flores
num brilho incandescente de penumbra.

5. QUINTA LUA (JULHO)

Biombos ornados com jade nas janelas
e a neblina penetra através dos vãos,
e no romper de uma aurora muito bela,
linda pintura é feita com inspiração,

fêmeas acompanham, por reciprocidade,
os patos selvagens em suas incursões
enfeitam a paisagem desta localidade
e suas caudas são pintadas nas ações,

há roupas cobertas de neve rudemente
mas, dançarinos revelam dom evidente
nos frios corredores do palácio real,

com gotas de orvalho umedecendo o ar
quando uma conexão vai se consolidar,
sementes se umedecem de modo natural.

6. SEXTA LUA (AGOSTO)

Cortando uma seda rústica na textura
lembro-me dos bambus em movimentação,
vejo o bambu representado em pintura
o som dos bambus tem igual impressão,

nós pusemos roupões bastante gelados
e deitamos em esteiras da localidade,
e, nossos corpos, assim posicionados
ficaram tão resfriados quanto o jade,

um espelho ardente e muito brilhante
apareceu na região do leste distante
como roda de incandescente motivação,

ele se elevou no âmago do firmamento
como um rei vermelho de encantamento
e cavalgando o seu crepitante dragão.

7. SÉTIMA LUA (SETEMBRO)

Vê-se a lua fria das estrelas no céu
em torno da via láctea algo distante,
gotas de orvalho caem criando um véu
sobre as flores neste mesmo instante,

percebe-se na extremidade de um ramo
uma orquídea se desvanecer e murchar,
aqui isto é assim nesta época do ano
e os jardins aflitos vão se esvaziar,

a noite se pavimenta pela serenidade
com nuvens que se parecem com o jade,
as folhas de lótus são verdes moedas,

na esteira de bambu ela sente o frio,
o vento assopra e ela tem um arrepio,
a ursa maior se oculta sensibilizada.

8. OITAVA LUA (OUTUBRO)

A viúva jovial deitada sobre o leito
desperta-se bem emotiva e preocupada,
sonha que nesta sua casa, com efeito,
há um viajante numa solitária parada,

a aranha tece no teto, sem vertigens,
uma lâmpada que brilha sobre um muro,
constrói diminutas flores de fuligem
e o abstrato também integra o futuro,

a luz da lua integra de modo natural
sombras das árvores num biombo local
e o visual demonstra um íntimo afago,

o orvalho se dilui em muitos lugares
e decora com seus raros particulares
folhas de lótus em deslumbrante lago.

9. NONA LUA (NOVEMBRO)

Exceto por alguns vaga-lumes casuais
o verão do palácio mostra-se deserto,
flores de lótus têm mortes habituais,
neva e, de gelo, o lago está coberto,

a lua brilha os sobre sinos dourados
que enfeitam os portões das entradas,
céu branco e vazio e jardins gelados
junto com geleiras vazias associadas,

caminhando num vento quase congelado
vi folhas de outono tal como brocado
em grandes quantidades na localidade,

mas, no palácio não havia observador
para anunciar um brilho de esplendor
de uma aurora de rara espontaneidade.

10. DÉCIMA LUA (DEZEMBRO)

O vaso de jade com erva de decoração
e o relógio d'água casualmente pobre,
contrastam com lâmpada em iluminação
que forma flores com reflexos nobres,

vê-se um pingente de gelo na neblina,
há duas filas de castiçais de dragão
e agem como a tradição bem determina
pois queimam no interior do pavilhão,

num cobertor de pérolas ela desperta
serena em um roupão que lhe acoberta
bordado com exuberante fênix dourada,

as suas sobrancelhas têm semelhanças
com uma lua crescente e suas nuanças
que ela contempla bastante extasiada.

11. DÉCIMA PRIMEIRA LUA (JANEIRO)

Os muros do palácio se estendem além
aparentemente oscilando com luz fria,
e do firmamento branco descem também
gotas de neve para compor a harmonia,

soam-se sinos e dentro deste poderio
um vinho bem antigo de elevado valor
é como a batalha para repelir o frio,
para brindar à saúde de nosso senhor,

o fosso real apresenta-se bem gelado,
nas fontes há os círculos congelados,
Eles se estendem com rara imaginação,

onde estarão as forças desenvolvidas?
onde estarão as primaveras aquecidas?
mas, a neve não responde à indagação!

12. DÉCIMA SEGUNDA LUA (FEVEREIRO)

Contemplando o firmamento com emoção
vejo uma porção do sol se obscurecer,
para transformar sua clara coloração
e deixar um brilho vermelho aparecer,

vejo a árvore da canela nesta região
coberta de geada quase completamente,
e percebo que sua forte determinação
também não se abalou permanentemente,

de vez em quando a brisa mais quente
tenta abafar o inverno intransigente
para uma primavera poder se instalar,

os dias são mais longos naturalmente
e as noites são menores inversamente
para que o tempo possa se equilibrar.



O retorno da primavera

13. A GRANDE CANÇÃO - I

O vento que sopra do sul normalmente
desgasta as montanhas em sua atuação,
e esta ação é bastante surpreendente
pois cria planícies no ato da erosão,

nesta rara dinâmica o deus do oceano
vai invadir a terra seca em sua ação,
e o território que aqui se fez plano
se tornará o leito de sua acomodação,

quando a rainha símbolo dos vegetais
na forma dos pessegueiros celestiais
por mil vezes completar sua floração,

onde os homens que têm a longevidade
que têm a sabedoria por similaridade,
onde na verdade estes homens estarão?

14. A GRANDE CANÇÃO - II E III

Eu vejo um cavalo de pescoço malhado
com o nome em baixo de mancha escura,
e salgueiros floridos são observados
na primavera sob a nublada estrutura,

a menina vestida de luto e seriedade
me convida para o vinho com educação,
com uma taça dourada para solenidade,
sangue e espírito experimentam união?

O general Ting-a-ling não bebe muito
herói e amo raramente avançam juntos
e eu procuro apenas uma seda bordada,

em memória de Ping-yuan como devoção,
o nosso príncipe e muito amado patrão,
e até pelos ramos de sua terra arada.

15. A GRANDE CANÇÃO - IV

O famoso relógio d'água ali presente
que sustenta o sapo na fonte de jade,
goteja e se dinamiza tão rapidamente
que reprime a si mesmo na velocidade,

a aparência do cabelo das dançarinas
revela-se pelo espessamento tão fino
que chega até a alterar suas rotinas
e até param de penteá-lo no figurino,

a significativa tonalidade do outono
começa a se distinguir pelo abandono
das cores tradicionais desta estação,

por que nos desgastamos em afetações
desordenadamente em meio às posições?
Por quem ainda laboraremos com união?

16. ENTRE RUÍNAS

A luz do dia se reflete no horizonte
do outro lado das colinas ocidentais,
e também a luz da lua em outra fonte
resplandece no céu de escuros sinais,

o passado, o presente, onde acabarão?
O vento leva embora mais de mil anos,
e a areia do oceano em transformação
se torna pedra no processo cotidiano.

Os peixes constituem suas aparências
onde o rei construiu, com excelência,
a sua ponte imperial agora arruinada,

para se encontrar apenas a distância
entre várias colunas em concordância
desde que polidas de maneira apurada.

17. A CANÇÃO DO BIOMBO

Há borboletas iluminadas em pinturas
sobre as lindas dobradiças prateadas,
um tanque gelado exhibe sua estrutura
com patos verdes e moedas congeladas,

as seis partes dobradas de um biombo
em torno do lume de óleo da orquídea,
trazem a forma de um círculo redondo
para que a união da peça consolide-a.

Diante do espelho de maior proporção
ela realiza sua criteriosa depilação
usando as cigarras cantoras douradas,

o fogo da madeira de aloés abrandado
levanta a fumaça do arbusto queimado
em dificuldade de combustão acirrada.

18. MEDITAÇÃO

Há uma cerração em torno da montanha
e cai uma chuva tênue na grama agora,
a escuridão na capital é uma façanha;
quantos homens envelhecem nesta hora?

Nesta noite eu me perdi em meditação
pelos diminutos caminhos encontrados
girando por veredas em circunvolução
entre carvalhos ásperos estruturados,

a lua, em decorrência de sua posição,
projeta as sombras entre a vegetação
clareando colinas com falsa alvorada,

vejo os archotes da mansão novamente
entre diferentes vaga-lumes recentes
como esculturas ricamente entalhadas.

19. ALVORADA NA CIDADE DA PEDRA - I

A lua prateada se põe atrás do açude
enquanto corvos voam pelo firmamento,
e um orvalho fecunda florida virtude
e seu perfume atenua meu padecimento,

uma mulher junto com um jovem pastor
vai pelo rio do céu em um local raso,
na névoa o salgueiro impõe seu valor
cobrindo o muro em todo o seu espaço,

um hóspede, aferindo suas obrigações,
deixa as suas reservadas acomodações
com promessa de que um dia retornará,

a jovem franziu sua expressão facial
com uma marca na sobrancelha frontal
pensando: qual lembrança sobreviverá?

20. ALVORADA NA CIDADE DA PEDRA - II

A primavera se enfeita em seu visual
numa cortina de neblina arrebatadora,
tal como uma delgada névoa ocasional
parecendo asa de uma cigarra cantora,

observando um leito trançado dourado
é de se espantar pela rara conclusão:
como o sexo pôde ter sido dispensado
antes da flor ter sua linda formação?

Um salgueiro de mirrada constituição
treme dentro do nevoeiro em cerração,
sugerindo penas da grande garça azul,

nenhuma palavra consegue a descrição
de emoções da primavera como estação
que acontece no mundo de norte a sul.

21. CORDÕES MÁGICOS - I - A

O sol se recolhe atrás das montanhas
ao fundo das cordilheiras ocidentais,
e o vento causa uma dinâmica tamanha
que leva cavalos nas ilusões visuais,

o maravilhoso alaúde toca uma canção
com a flauta de junco harmonicamente,
criam u'a música de suave composição
tocando notas rápidas paradoxalmente,

um brocado de saia, pela sua posição,
sussurra através de sua movimentação
na poeira de outubro em pleno outono,

a movimentação da brisa causa também
a ação de folhas da cássia mais além,
e as sementes germinarão no abandono.

22. CORDÕES MÁGICOS - I - B

Uma raposa, tendo azulada tonalidade,
chorava sangue na frente de um corpo,
chorava por um cenário de fatalidade
e pela sina de seu companheiro morto,

na movimentação de sua cauda dourada
levitavam dragões de antigas ilusões,
a chuva gerava suas poças espalhadas
e o outono regia suas transformações,

naquela área que sobrevivia ao tempo
uma velha coruja piava o seu lamento
dentro da floresta de tom espiritual,

mas sorrimos ao confirmar no caminho:
a luz da juventude brilhava no ninho
para continuidade do dom existencial.



A Ave Fênix

23. CORDÕES MÁGICOS - II - A

Uma sacerdotisa distinguia sua poção,
ela adicionava um vinho ao cozimento,
o chiado revelava uma térmica reação
e nuvens se dobravam pelo firmamento,

exalações dos carvões, em disciplina,
evaporavam do braseiro feito de jade,
deuses dos mares e almas das colinas
ocupavam seus assentos na localidade,

papéis litúrgicos estalavam ao vento,
um alaúde de madeira e de sentimento
possuía uma fênix dourada incrustada,

empunhando-o com sua face instigante
tocava com raros acordes dissonantes
as inspirações de músicas inusitadas.

24. CORDÕES MÁGICOS - II - B

A mulher invocava estrelas luminosas
e ainda alguns seres de outra região
para entrarem em sua área misteriosa
chamando-os para dentro de sua poção,

quando estes seres começavam a comer
as pessoas sentiam um estremecimento,
o sol ainda no céu começava a descer
e eles estavam quase em aparecimento,

suas irritações e também satisfações
se refletiam nela como manifestações
estremecendo a sua face pela feição.

Agora eles sobem nas suas carruagens
e, em redemoinho, retornam em viagem
de volta às suas distantes montanhas.

25. PROCURANDO MARCA EM CAMPO DE BATALHA - I

Cinzas enegrecidas de restos mortais,
restos empoeirados de ossos friáveis,
e manchas com os avermelhados sinais
revelam que as ilusões são instáveis,

o velho sangue tal como seiva antiga
se rejuvenesceu em sua transformação,
e agora uma juventude florida abriga
o dom de nascer até numa rude fração,

o branco viço se tornou só o passado
o que era viril ficou muito alterado
desgastado por um apetite insaciável,

agora o florescimento marca presença
e aquilo que é renovado pede licença
para que um reinício se torne viável.

26. PROCURANDO MARCA EM CAMPO DE BATALHA - II

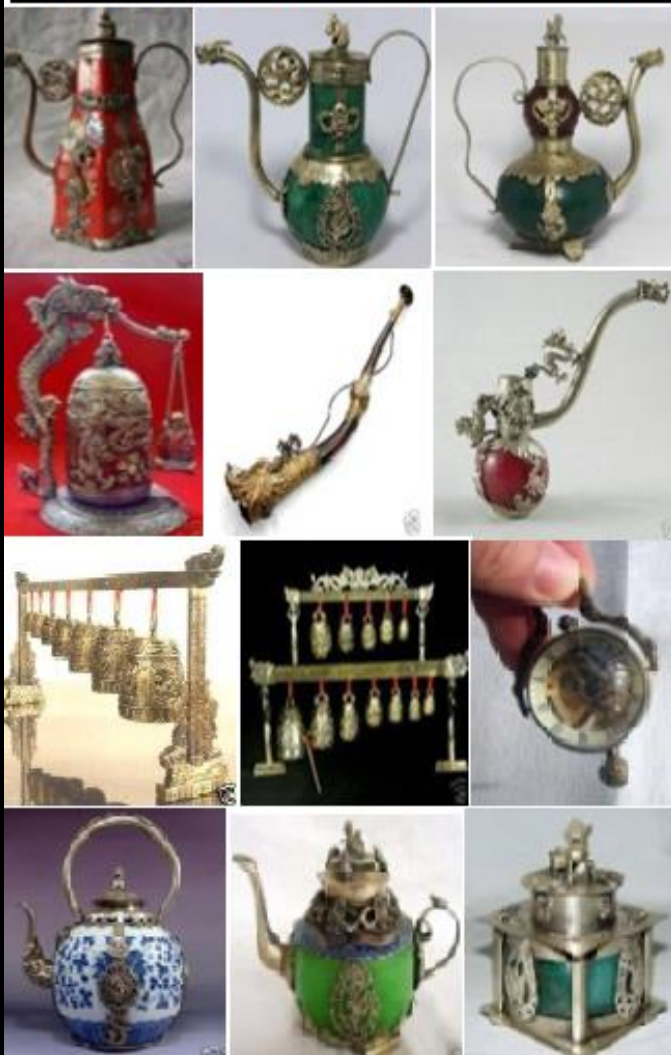
Eu atravesssei uma longínqua planície
levando dois cavalos naquela ocasião,
existiam muitas pedras na superfície
e caminhamos além do posto da região,

fez-se visível uma precoce escuridão
e um vento forte soprou bem violento
ocultando algumas estrelas pela ação
e umedecendo o pendão ao mesmo tempo,

as almas gritavam como elos extintos,
mas ainda comi carne com vinho tinto
sob os auspícios do vigor de outubro,

os insetos se faziam mais irritantes
e o ganso selvagem grasnava distante,
enquanto o junco exibia um tom rubro.

ANTIGUIDADES CHINESAS



A paisagem perdeu a tonalidade clara
e um redemoinho carregou em sua ação
uma estatueta de raposa de fogo rara
e a colocou bem perto de mim no chão,

eu gosto de encontrar coisas antigas
e peguei a marca com lágrimas ufanas,
agora uma abertura na roupa a abriga
como se fosse a própria carne humana;

mas troquei o elo antes de me apegar
com um jovem cavaleiro que vi passar
no quarto a sudeste da nossa pousada,

ele me pediu a estatueta de presente
mas me deu, com sua feição comovente,
a sua nova cesta de bambu trabalhada.

28. UMA BELA MOÇA PENTEIA SEU CABELO - I

A moça acordou ao romper da alvorada,
mas continuou sonhando paralelamente,
próxima de uma cortina confeccionada
com os valores de uma seda excelente,

uma fragrância veio dos seus cabelos
sendo metade sândalo e metade babosa,
que ela penteou com bastante desvelo
para preservar a sua feição graciosa,

aconteceu uma ventania na localidade
determinando um forte zunido no jade,
deixando no local um quê de abandono,

mas a flor de lótus agora verdejante
e, no espelho, duas fênix vicejantes
formam um quadro sob a luz do outono.



Donzela chinesa

29. UMA BELA MOÇA PENTEIA SEU CABELO - II

Deitando-se sobre uma cama de marfim
a moça soltou o seu cabelo com graça,
vestindo a sua bonita roupa de cetim
para se mirar num espelho da vidraça,

observa-se uma longa espiral no muro
como belo tecido de seda aromatizado,
agora o local se faz bastante escuro
com forte nevoeiro em todos os lados,

um brilho numa matéria negro-azulada
representa um pente de joias pesadas
difícil de suportar com naturalidade,

o pente feito de jade não emite sons
e dedos delicados exprimem seus dons
manipulando espirais com jovialidade.

30. UMA BELA MOÇA PENTEIA SEU CABELO - III

O vento primaveril me fez impaciente
e a beleza desleixada dela me abateu,
dezoito anos com o cabelo envolvente
e com roupas que exprimiam um apogeu,

finalmente ela concluiu sua intenção,
o conjunto se produziu palmo a palmo,
com uma saia escura em modelo padrão
e então andou com seus passos calmos,

contemplo um ganso selvagem na areia
e também vejo ela retornar da aldeia
sem dizer uma palavra, onde terá ido?

Já nos degraus, não sei o que almeja,
porém um perfume de flores de cereja
pôde perfeitamente ali ser percebido.



LI HO VISUALIZAVA O ALAÚDE DIFERENTE
QUE TINHA A FÊNIX DOURADA INCRUSTADA,
A SACERDOTISA TOCAVA ENIGMATICAMENTE
AS INSPIRAÇÕES DE MÚSICAS INUSITADAS.

SONETOS DE

LI SHANG YIN



Li Shang Yin - CHINA - (813? A 858)

OS POEMAS DE LI SHANG YIN SÃO AMPLOS
E ABREM MAIS UMA CURIOSA PERSPECTIVA
PARA SE OBSERVAR DIFERENTES ENCANTOS
QUE A POESIA PODE TER POR INICIATIVA.

Li Shang Yin - Características

Li Shang Yin viveu de 813? a 858, era já o período tardio da dinastia Tang e ele é considerado o quinto e último poeta de expressão daquele reinado hereditário.

O poeta se exprimiu com traços bem típicos em sua maneira de escrever, com metonímia, sinédoque e metáfora construiu uma forma bem diferente de poesia que ao mesmo tempo em que está abordando um assunto, já dá um salto e aborda outro tópico em pleno andamento.

Podemos citar como exemplo destes saltos para outros tópicos dentro do mesmo tema o terceiro soneto que elaboramos a respeito da Ave Fênix onde ficam muito perceptíveis estes saltos de um tópico para outro dentro do mesmo tema: “Cauda da ave Fênix em seda perfumada com desenho azul no dossel do evento, linha após linha deveras trabalhadas ela bordou sempre pela noite adentro; o maravilhoso leque, em forma de lua, não escondia o óbice que se esboçava, a carruagem partiu trovejando na rua sem tempo real para a última palavra; no quarto, escureceu o ouro do pavio, desde este dia nenhuma notícia envio e, na romã, há um vermelho campestre; o cavalo aguarda com um ar altaneiro atado ao cais próximo dos salgueiros, porém um vento te traria do sudoeste?” É perceptível que vários lapsos estabelecem as soluções de contigüidade no poema fazendo com que pareça uma colcha de retalhos, mas é assim que Li Shang Yin se expressa em seu estilo.

Era já o período de decadência da dinastia Tang e curiosamente tudo demonstrava essa decadência e o palácio abria as suas portas à luxúria e até mesmo o seu poeta direcionava a sua pena para descrever a luxúria em seus poemas. Colocamos os poemas de Li Shang Yin no formato de sonetos na língua portuguesa e assim vamos constatar que ele direciona muitos poemas para o cultivo de romances que muitas vezes precisavam permanecer ocultos porque até mesmo envolviam as pessoas da realeza como a

princesa Li Yang com os seus encontros às escondidas, descrito no soneto número quatro da versão em português.

Poemas que transformamos em sonetos e que Li Shang Yin direcionou para as possibilidades de luxúria: 1) ...Carta que o jovem Liu deveria levar para um encontro. 2) ...Eu e ela bebemos vinho. 3) ...A carruagem partiu sem tempo para a última palavra. 4) ...Princesa Li yang de 14 anos, encontro às escondidas. 5)...Fios que representam o coração. 6) ...Ainda ficará bem grisalho o meu cabelo, mas permanecerá jovem a minha emoção. 7) ...O jovem coração erra se muito espera para acordar com flores da primavera. 11) ...E canto: “levanta-te na noite e vem”. 13) ... pergunto-me quando ainda retornarei a esta casa que simboliza nosso amor. 20) ...Na sétima noite ela apareceu na hora marcada de fato. 28) ...Achaste outro namoro? Espero que não. 29) ...Sei que nada pode advir de favorável deste encontro que parece improvável, porém como ele encanta o meu coração.

Neste poema 29 é perfeitamente perceptível que o poeta tinha real noção dos abismos que a luxúria traz consigo e cita que nada de favorável poderia advir daquele encontro, todavia que se deixaria levar pelo encantamento momentâneo que arrasta a maioria dos corações incautos para as profundezas deste abismo chamado luxúria.

O somatório de todas estas ações acabaram promovendo a decadência daquela dinastia Tang e assim é possível perceber a diferença que existe entre os homens inteligentes que se guiam pelos incautos apelos instintivos que polarizam as emoções de forma imprudente e os gênios que já conseguiram se disciplinar de maneira coerente tal como Lao Tsé se expressa em sua doutrina do taoísmo.

Os homens inteligentes se perdem na ação que caracteriza a ressaca de suas emoções enquanto que os verdadeiros gênios como era o caso de Lao Tsé passam a orientar a dinâmica própria das ressacas emocionais em proveito de sua evolução racional e emocional.

Os homens inteligentes se perdem na relação que encanta e seduz a emoção, enquanto que o verdadeiro gênio se encontra justamente pela disciplina que controla e orienta essa mesma emoção dentro de si mesmo.

1. CHEIRO DE ALMÍSCAR

Teu regresso se fez como promessa vã
partiste sem deixar rasto na estrada,
o luar corre no telhado em hábil afã
e já bate a quinta hora da madrugada;

sonhos de despedidas muito distantes
lembro-me ainda dos apelos ignorados,
tento terminar minha carta relevante
e a tinta não mostra o teor adequado;

a luz da vela ilumina o raro tesouro
como águias marinhas bordadas a ouro
e o cheiro de almíscar preenche o ar;

o jovem Liu formula queixas naturais
porque é longe a colina dos imortais
e terá que padecer para te encontrar.

2. VÉRTICES MÁGICOS

Estrelas flamejaram na noite passada,
os ventos sopraram com rude eficácia
zunindo a oeste da bela sala pintada
e indo a leste do pavilhão da acácia;

se corpos não têm asas da fênix rara
nossos corações têm vértices mágicos,
eu e ela jogamos em mesas bem claras
ingerindo um vinho quente enigmático;

quem decifra adivinhações do destino?
A luz da vela ganhou um teor genuíno
e avermelhou-se pelo desenvolvimento;

e enquanto um som de tambor agride-a,
avançarei para o terraço da orquídea
assim como erva arrastada pelo vento.

3. AVE FÊNIX

Cauda da ave fênix em seda perfumada
com desenho azul no dossel do evento,
linha após linha deveras trabalhadas
ela bordou sempre pela noite adentro;

o maravilhoso leque, em forma de lua,
não escondia o óbice que se esboçava,
a carruagem partiu trovejando na rua
sem tempo real para a última palavra;

no quarto, escureceu o ouro do pavio,
desde este dia nenhuma notícia envio
e, na romã, há um vermelho campestre;

o cavalo aguarda com um ar altaneiro
atado ao cais próximo dos salgueiros,
porém um vento te traria do sudoeste?

4. PRINCESA LI YANG

Lira triste segue a flauta repentina
por caminhos infindáveis lado a lado,
onde florescem cerejeiras por rotina
em cais de raros salgueiros curvados;

uma senhora da casa leste na esquina
envelhece e ninguém lhe inspira amor,
e o sol branco ao meio dia determina
que a primavera tem um fim acolhedor;

a princesa Li Yang tem quatorze anos
quando o dia abrandar os seus planos
vou para nosso encontro junto à sebe;

ela volta para a cama na quinta hora,
duas andorinhas ouvem suspiros agora
e o amor inaugura o chão de sua sede.

5. ENCONTRO E SEPARAÇÃO

São custosos os encontros desta vida
todavia é mais difícil uma separação,
o vento perdeu a sua força conhecida
e até murcharam as flores da estação;

na primavera, com seu pendor natural,
os bichos da seda laboram até morrer,
tecendo fios com a atividade sazonal
que a sábia natureza irá desenvolver;

os bichos da seda tecem com animação
estes fios que representam o coração
que vai bater na primavera enfeitada;

as lágrimas da vela não se esgotarão
até o pavio estar cinza e sem clarão
lendo-se um poema na noite enluzada.

6. PÁSSARO AZUL

De manhã, vendo-me num claro espelho,
eu encontro uma pausa para meditação,
ainda ficará bem grisalho meu cabelo
mas permanecerá jovem a minha emoção;

repetindo um bonito poema sem cessar,
durante a noite emotiva e misteriosa,
sentirei o inusitado arrepio do luar
percorrer meu corpo de forma curiosa?

Vou repetir o poema num local seguro
e não é longe daqui até o rio escuro
portanto eu não gastarei muito tempo;

pássaro azul, no curso desta jornada,
depressa, vigia-me a difícil estrada
para me avisar dos seus contratemplos.

7. J U V E N T U D E

O vento leste sopra de modo convicto
trazendo uma chuva morna ao ambiente,
além do tanque dos nenúfares bonitos
ao som ténue de um trovão envolvente;

o sapo de ouro tem fechadura na boca,
abre-a e queima um incenso da cidade,
a água que retira de um poço é pouca
puxando a corda com um tigre de jade;

a filha de Jia espreitou com atenção
o jovem encantador em sua calma ação,
a deusa do rio doou-lhe uma almofada;

o nobre coração erra se muito espera
para acordar com flores da primavera
e pode colher só cinzas depauperadas.

8. P R I M A V E R A

Recusa-se a se manifestar com paixão
mas a primavera instala-se fielmente,
a noite repara a força desta decisão
e como o tempo passa mais lentamente;

na casa ressoa as ações do dia a dia,
quer levantar-se e ainda não é tempo,
um brilho atrás da cortina é empatia
porém não pode passá-la em movimento;

com uma andorinha prendendo o cabelo
recusa-se a ver a fênix pelo espelho
pois seria muito dolorosa esta visão;

no caminho de regresso, vai seguindo,
a estrela da manhã permanece luzindo
e despede-se das joias desta ocasião.

9. LOUCURA LÚCIDA

Pesadas cortinas duplas estão postas
num quarto de Mo Chou como decoração,
e o frio do anoitecer é boa proposta
que pouco a pouco tem a sua evolução;

a vida que partilhou com a boa deusa
foi só um sonho ou imaginária ilusão,
pois nenhum jovem, em nome da beleza,
visita a casa da donzela com atenção;

os ventos não têm piedade do estrago
nas folhas de um castanheiro do lago
e agem como se fosse diversão lúdica;

quem adoçaria a acácia já sem cheiro?
Nesta vida o amor ainda é zombeteiro
e desgosto é como uma loucura lúcida.

10. LÁGRIMAS DO MELRO

Um dia da primavera sempre majestosa
passa de modo admiravelmente fecundo,
fertilizando bem a natureza dadivosa
desde nossa terra até o fim do mundo;

do fim do mundo vem uma outra aurora
iluminando a rica natureza novamente,
já um novo dia estamos vivendo agora
e a primavera se torna mais evidente;

agora o melro é um pássaro que chora,
ou é o orvalho do dia que vai embora
como se fossem suas lágrimas quentes?

As lágrimas são gotas sensibilizadas
que umedecem as folhas mais elevadas
que existem nas árvores benevolentes!

11. BOTÕES POR DESABROCHAR

Escondido atrás dos muitos ferrolhos
cobertos com um musgo bem esverdeado,
no vão dos corredores, eu me recolho,
e deambulo nos quartos mais isolados;

tenho um presságio em meu pensamento
de que irá levantar-se um vento rude
porque leio este sinal no firmamento
e antes que a auréola da lua se mude;

a época das geadas ainda vai demorar
os botões permanecem por desabrochar
e um morcego me atrapalha com desdém;

à luz da lâmpada que está a iluminar
falo à fragrância que persiste no ar
e canto: "Levanta-te na noite e vem".

12. FIOS DO CORAÇÃO

Dia após dia na maravilhosa natureza
a glória da ativa primavera rivaliza
também com a glória do sol em beleza
porque é ele mesmo o que lhe avaliza;

as estradas que serpenteiam as matas
até a nossa cidade no alto da colina,
cheiram a flores de amêndoas novatas
pela ação que sua natureza determina;

quanto tempo deverá levar a evolução
até que os fios que formam o coração
estejam livres de exigentes cuidados?

Para que então, livres dos problemas,
possam flutuar no ar como a alfazema
por longas distâncias mais liberados!

13. CHUVA NOTURNA

Perguntas-me quando ainda retornarei
a esta casa que simboliza nosso amor,
depois de pensar eu digo que não sei
a resposta de modo mais esclarecedor;

de noite, a dinâmica chuva de outono
cai pelo monte Pa de modo torrencial,
empresta ao local um quê de abandono
e enche completamente o lago natural;

quando, lado a lado ainda nesta vida,
acenderemos uma outra vela escolhida
na imorredoura varanda do sol poente?

quando, mesmo em peregrinação diurna,
lembraremos o tempo da chuva noturna
que caiu no monte Pa torrencialmente?

14. ENTRE AS FLORES

A luz do lago, de súbito na reflexão
oculta-se por detrás do muro elevado,
e agora invadem o quarto, em difusão,
os cheiros de flores algo misturados;

há na borda de um biombo deste local
o pó que a borboleta espalhou um dia,
e pousa na janela de maneira natural
uma abelha amarela com rara harmonia;

dispense os papéis aos escriturários
porque há ação para cada funcionário
que queira ser honesto em sua função;

vamos recitar as poesias um do outro,
que há de tão urgente nos confrontos
onde perdes os princípios do coração?

15. ESCRITO NA PAREDE DE UM MOSTEIRO

Rejeitaram a vida buscando o Caminho,
diante de nós, ficaram só as pegadas,
forjaram pensamentos, mesmo sozinhos,
até destroçar seus corpos na jornada;

julgando-o enorme, um grão de cereal
ilude-nos até a respeito do universo,
e julgando-o pequeno, o mundo global
torna-se diminuto em sentido inverso;

uma ostra pensa numa acácia primeiro,
o âmbar recorda ter sido um pinheiro,
lembrando bem as peripécias do tempo;

se acreditarmos nas máximas indianas,
ouviremos todas as aventuras humanas
apenas no toque do sino de um templo!

16. A DOR DA PRIMAVERA

Já se vai tão longe o tempo pacífico
em que passeava pelo verde palanquim,
é mau ouvir a canção de amor atípico
que o tristonho fantasma canta enfim;

o carro dourado já não trás de volta
a beleza que refletia nestas cidades,
o muro de jade se parte na viravolta
da curva do parque pela indocilidade;

Hua Ting recordou moribundo os fatos
ouviu gritos das cegonhas estupefato
e chorou próximo de camelos de metal;

pelo céu desolado e a terra dividida,
era mais suave, no coração, a ferida
do que a dor desta primavera sazonal.

17. ESCREVER EM PÉTALAS

As cortinas de brocado são enroladas,
vejam que quem age é a rainha de Wei,
e quem empilha suas colchas bordadas
é o tão admirável príncipe O de Yueh;

mãos pendentes perturbam e organizam
junto com brincos de jade esculpidos,
as cinturas curvas se compatibilizam
com bonitas saias de açafirão curtido.

Velas de Shih Chung, quem as aparará?
Turíbulos de Hsun Yu, quem os lavará?
Neles, não há incensos de ínfimo afã.

Em sonho, deram-me o colorido pincel
para poder escrever às nuvens do céu
em pétalas de uma bela flor da manhã.

18. A PÉROLA DA MADRUGADA

Há doze voltas em muros de esmeralda,
o jade erguido na área afasta o frio,
cartas do pico Luang Yuan são laudas
que têm cegonhas como forma de envio;

na alcova que a senhora tem como lar
uma fênix pousa em cada árvore local,
e as estrelas que mergulharam no mar
retornam à janela de um modo natural.

ao longe, sentado em íntimo desvario,
vendo findar a chuva que caia no rio
pus-me a refletir curiosamente agora:

Se a maravilhosa pérola da madrugada
imóvel, brilhar sempre nesta jornada
olharemos um cristal pela vida afora.

19. FOLHAS DE LÓTUS

Ver a sombra e ouvir a voz tem valor
as flores de lótus cobrem bem a água,
a não ser pelo Hsiao Shi arrebatador
não olhe para trás no ato da jornada;

não olhe para o Hung Ya conquistador
nunca lhe toque no ombro intimamente,
a pose da fênix púrpura tem seu teor
e tem brinco de Chu no bico eminente.

no rio ainda, pela dinâmica cinética,
escamas escarlates dançam frenéticas
ao som das cordas ali sempre tocadas:

já o príncipe O se desespera à noite,
nuvens de incenso passam como açoite
enquanto dorme sob cobertas bordadas.

20. ESTUDO DE MAGIA

Na sétima noite, bem respeitosamente,
ela apareceu na hora marcada de fato,
nunca mais se ergueram amistosamente
as raras cortinas de bambu no quarto;

na roda de jade, ainda em circulação,
a bela lebre vê a escuridão aumentar
e o coral, pelo processo de evolução,
numa rede de ferro, irá se ramificar;

eu já estudei minuciosamente a magia,
é possível até retardar o fim do dia
e pus, nos papéis de fênix, meu amor;

a história do rei Wu é episódio fiel
entretanto nunca será viável o papel
de se estudá-la de modo esclarecedor.

Modelos de alaúdes chineses



21. O ALAÚDE EMBUTIDO

O acaso faz mesmo com que se presuma
cinquenta cordas num alaúde embutido,
dedilha e tange as canções uma a uma
e recorda os anos primaveris vividos;

Chuang Tsé sonha, plenamente sozinho,
em revelação que teve pela madrugada,
que a borboleta se perdeu no caminho
por se desviar da estrada na jornada;

Wang Ti, nesta primavera em reflexão,
confessa ao noitibó sua nobre paixão
e uma lágrima rola da pérola natural;

o sol aquece a montanha azul elevada
esta rara emoção espera ser lembrada
e o ato se perde num sonho emocional.

22. CREPÚSCULO DO CORAÇÃO

Com as sombras do crepúsculo obscuro
a turvar as raras emoções do coração,
um passado se encadeia com um futuro
ligando-se ao presente pela reflexão;

passeio com minha emoção ensimesmada,
passando por túmulos Lo Yu presentes,
refletindo sobre as ações da jornada
e sobre as vidas no tempo existentes;

ergo a minha cabeça para o horizonte
para olhar o sol como luminosa fonte
em toda sua glória na ação do poente;

o sol já se oculta atrás das colinas,
é sepultado na noite que se aproxima
lembrando túmulos Lo Yu analogamente.

23. MENSAGEM AO SECRETÁRIO LING HU

Encontro-me tão longe e tão distante
das nuvens da montanha Sung do local,
assim como dos arvoredos fascinantes
que existem em Chiu de modo original;

uso duas carpas em minha comunicação
e te envio esta mensagem consistente,
te escrevo como forma de boa atenção
para te por relacionado e consciente;

não se vê mesmo ninguém neste outono
o jardim Liang permanece em abandono
e nenhum hóspede aqui marca presença,

entretanto, em Ming Lao ainda existe
um poeta doente à chuva e bem triste
pois um desengano gerou a sua doença.

24. À DEUSA DA LUA

No nobre painel de mármore existente
treme a sombra de uma vela brilhante,
o local tem uma amplitude condizente
com meditações deveras interessantes;

um rio de estrelas do céu se inclina
a estrela da manhã some naturalmente,
essa atuação no firmamento determina
que o novo nascente já está presente;

estás triste agora nos tempos atuais
por teres roubado nestes cerimoniais
a poção que te levou a perder a meta,

por mares purpúreos bem avermelhados
com céus azuis escuros transformados
a cismar nas longas noites inquietas?

25. MÍSTICA REFLEXÃO

Quando o imperador que agia no poder
procurou o conselho de sábios um dia,
tinha o eminente intuito de escolher
um homem que tivesse nobre sabedoria;

elegeu o jovem Chia em sua avaliação,
Chia era homem exilado anteriormente,
mas foi escolhido na augusta seleção
pois era melhor aos olhos do regente;

o líder se deu por satisfeito afinal
e nomeou-o seu conselheiro principal
para tratar sobre a mística reflexão,

assim, interrogava-o sobre os deuses
sobre os novos assuntos, só às vezes,
mas não perguntava sobre a população.

26. VIDA POBRE E HONESTA

Com um coração puro e também sedento
cantaste pelo mundo displicentemente,
cantaste de dia e pela noite adentro
demonstrando simplicidade envolvente;

a última nota foi dignamente exalada
entre as árvores verdes indiferentes,
e sua vida bem simples foi encerrada
cantando com um entusiasmo diligente;

fui arrastado como um destroço enfim
deixei que ervas ocupassem um jardim
mesmo sem cantar sua curiosa seresta;

a ti, cantora, agradeço teu conselho
pois pude me observar em teu espelho
e levei uma vida pobre porém honesta.

27. FLORES CAÍDAS

Os convidados afastam-se do pavilhão
no jardim, flores estão despetaladas,
e agora volteiam, como por levitação,
com umas correntes de ar dinamizadas;

as flores caem onde o vento as induz
e erguem-se para saudar o sol poente,
pois as trevas se desfazem com a luz
e no horizonte já se tem um nascente;

eu não consigo nem varrê-las no chão
pois traduziram elevada participação
e restam bem poucas delas na prática;

o cheiro perdido no fim da primavera
revela o que houve e o que se espera
através da blusa molhada de lágrimas.

28. PENSAMENTOS NO TEMPO FRIO

Partiste para bem longe curiosamente,
o rio subiu até a base do meu portão,
as cigarras calaram-se conjuntamente,
em ramos cheios de geada, por reação;

agora volto ao portão por um momento
mas o tempo mudou significativamente,
como sempre meus diletos pensamentos
são dirigidos a ti mais saudosamente;

estás bem longe como a estrela polar,
a primavera vai custar mais a voltar,
notícias tuas não chegam a este chão;

quantas vezes em meus sonhos diários
vejo, ao longe, povoados imaginários;
achaste outro namoro? Espero que não!

29. AS FOLHAS DA CANELA

Muitas cortinas em casa sem cuidados
onde o êxtase dura uma noite inteira,
revelam um convívio muito apaixonado
com emoções relevantes e verdadeiras.

Não serão as vidas de anjos elevados
apenas sonhos ou ainda meros rumores,
se nos seus quartos individualizados
não adentram amantes com seus amores?

Tempestades enrolam ouriços naturais
e o orvalho da lua e seus mananciais
adoçam as folhas da canela na reação;

sei que nada pode advir de favorável
deste encontro que parece improvável,
porém como ele encanta o meu coração!

30. CHUVA NA PRIMAVERA

Deito-me vestido com alva tonalidade
e a primavera aproxima-se lentamente,
penso nas portas brancas da entidade
onde não posso entrar rotineiramente;

os teus bons aposentos são vermelhos
mas são ocultos quando está a chover,
são refletidos por luxuosos espelhos
e acoçados pelo frio que faz tremer;

relembro o dia distante em que parti
as noites são mais longas que as daí
e só durmo intervalos breves de sono;

envio-te este meu presente preferido
um par de brincos de jade esculpidos,
e vejo uma ave solitária em abandono.



ODORES DE ALMÍSCAR, JARDINS, ACÁCIAS,
REFLEXOS ESTELARES, CARPAS, ORVALHOS
E A AVE FÊNIX ESTIMULAM COM EFICÁCIA
O DOM DE LI SHANG YIN E SEU TRABALHO.

Re.A.L.

Impresso no Brasil